

Elizete Vieira Vitorino
Daniela Spudeit
Organizadoras

COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E O CENÁRIO DAS PESQUISAS E PRÁTICAS NO BRASIL

Um olhar para o futuro e para a
internacionalização

Abecin
EDITORA

COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO
E O CENÁRIO DAS PESQUISAS E PRÁTICAS
NO BRASIL

Elizete Vieira Vitorino
Daniela Spudeit
(Organizadoras)

**COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO
E O CENÁRIO DAS PESQUISAS E PRÁTICAS
NO BRASIL**

um olhar para o futuro e para a internacionalização

São Paulo
Abecin Editora
2021

©2021 by Elizete Vieira Vitorino e Daniela Spudeit (organizadoras)
Direitos desta edição reservados à ABECIN Editora

ESSA OBRA É LICENCIADA POR UMA
LICENÇA CREATIVE COMMONS



Atribuição – Uso Não Comercial – Compartilhamento pela mesma licença 3.0

É permitido copiar, distribuir, exibir, executar a obra e criar obras derivadas desde que sem fins comerciais e que seja dado o crédito apropriado aos autores e compartilhada sob a mesma licença do original.

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

C737 Competência em informação e o cenário das pesquisas e práticas no Brasil : um olhar para o futuro e para a internacionalização / Elizete Vieira Vitorino e Daniela Spudeit (org.). – São Paulo : Abecin Editora, 2021.
243 p.

e-ISBN: 978-65-86228-04-5.

Disponível em: <https://portal.abecin.org.br/editora>.

1. Competência em Informação I. Vitorino, Elizete Vieira, org. II. Spudeit, Daniela, org.

CDU: 02(05)

CDD: 025.5

Ficha catalográfica: Melissa dos Santos Araújo – CRB-1 3426/DF.

COMISSÃO EDITORIAL E CIENTÍFICA

Editora-chefe: Zaira Regina Zafalon (UFSCar)

Aldinar Martins Bottentuit (UFMA)	José Antonio Frías (USAL, Espanha)
Alessandra dos Santos Araújo (UFS)	José Antonio Moreiro González (UC3M, Espanha)
Andréa Pereira dos Santos (UFG)	Manuela Moro Cabero (USAL, Espanha)
Aurora Cuevas-Cerveró (UCM, Espanha)	Márcia Ivo Braz (UFPE)
Célia Regina Simonetti Barbalho (UFAM)	Márcio Bezerra da Silva (UNB)
Danielly Oliveira Inomata (UFAM)	Marta Lígia Pomim Valentim (UNESP)
Dunia Llanes Padrón (UH, Cuba)	Martha Suzana Cabral Nunes (UFS)
Franciele Marques Redigolo (UFPA)	Meri Nadia Marques Gerlin (UFES)
Helen Beatriz Frota Rozados (UFRGS)	Naira Christofoletti Silveira (UNIRIO)
Henriette Ferreira Gomes (UFBA)	Paulina Szafran (UDELAR, Uruguai)
Ieda Pelógia Martins Damian (USP)	Samile Andréa de Souza Vanz (UFRGS)
Isidoro Gil Leiva (UM, Espanha)	Valéria Martin Valls (FESP/SP)
Ivana Lins (UFBA)	

Diagramação: André Luiz Avelino da Silva e Fernanda Silva Damasceno

Normalização: Autores e Organizadoras

Revisão e ajustes: Zaira Regina Zafalon

Capa: Elizete Vieira Vitorino e Daniela Spudeit

SUMÁRIO

PREFÁCIO	8
Um olhar para o futuro, <i>Isa Maria Freire</i>	
APRESENTAÇÃO DA OBRA	16
CAPÍTULO 1	23
Passado, presente e perspectivas para o desenvolvimento da Competência em Informação, <i>Regina Celia Baptista Belluzzo</i>	
CAPÍTULO 2	44
Grupos de pesquisa sobre Competência em Informação no Brasil: em foco o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Competência em Informação (GPCIn), <i>Elizete Vieira Vitorino</i>	
CAPÍTULO 3	113
Pesquisas e práticas sobre Competência em Informação na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), <i>Elisa C. D. Correa e Daniela Spudeit</i>	

CAPÍTULO 4 129

1º Seminário Internacional de Competência em Informação (I SEICIn) e 3º Seminário de Pesquisas e Práticas sobre Competência em Informação de Santa Catarina (III SEPCIn): relatório técnico, *Elizete Vieira Vitorino e Daniela Spudeit*

CAPÍTULO 5 155

A técnica de entrevista narrativa em investigação sobre Competência em Informação: em foco, a experiência de pesquisa com idosos, *Djuli Machado De Lucca*

CAPÍTULO 6 190

Competência em Informação e Competência Narrativa no Século XXI: conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias para uma conexão em redes, *Meri Nadia Marques Gerlin e Elmira Luzia Melo Soares Simeão*

CAPÍTULO 7	233
Perspectivas futuras – a título de conclusão, <i>Daniela Spudeit, Elisa C. D. Correa e Elizete Vieira Vitorino</i>	
SOBRE AS AUTORAS	239

PREFÁCIO

UM OLHAR PARA O FUTURO

Historicamente, o interesse pela organização dos materiais nas bibliotecas precedeu, em muito, o interesse pelos usuários. Desde a Antiguidade, a relevância do trabalho bibliotecário consistia na guarda dos materiais bibliográficos, cuja recuperação dependeria da memória altamente treinada dos responsáveis pela biblioteca. Como catálogo, usava-se uma listagem dos materiais bibliográficos, conforme sua chegada à biblioteca, o que dificultava sua utilização como meio de recuperação da informação. Como descrito por Umberto Eco, em *O nome da rosa*¹, o espaço físico onde se guardavam os livros representava, em si mesmo, o catálogo das coleções. Para apreender a biblioteca, certamente o bibliotecário precisaria investir o tempo de uma vida.

No início da Idade Moderna, com a multiplicação da produção de livros, foi criado o índice alfabético de obras, o que veio a facilitar, sobretudo, a recuperação dos materiais bibliográficos pelos bibliotecários. E logo vieram os índices por autores e por assunto, e os catálogos das bibliotecas se tornaram acessíveis também aos usuários. Com a ampliação das áreas do conhecimento científico e a multiplicação da produção literária, houve a necessidade da criação de sistemas de classificação para organizar os materiais bibliográficos e ampliar o acesso público aos catálogos das bibliotecas. Os caminhos para o conhecimento começavam a ser abertos aos

¹ ECO, Umberto. *O nome da rosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

usuários no espaço das bibliotecas e até indo além, com a publicação dos catálogos.

O século XX trouxe o *Mundaneum* de Paul Otlet² e a criação das fichas bibliográficas, a ideia de um acervo bibliográfico acessível aos usuários de qualquer lugar do mundo, a transmutação da biblioteca em espaço de informação, a criação dos sistemas digitais e, finalmente, a Internet. Trouxe, também, o interesse pelo usuário, um sujeito indefinido que necessariamente começaria a tomar forma.

Quem procura a biblioteca ou o sistema de informação? O que busca e para quê?

Nesse processo, o sujeito que busca a informação tornou-se tão relevante quanto os materiais bibliográficos, passou a fazer parte do núcleo de interesse dos bibliotecários e profissionais da informação: não se tratava mais de guardar e não era suficiente compartilhar o catálogo, tornara-se relevante conhecer as necessidades e o comportamento do usuário na busca por informação.

Na década de 1930, Ranganathan incluiu o usuário/leitor em suas famosas cinco Leis da Biblioteconomia, destacando a especificidade da relação entre o livro e o leitor/usuário e a urgência em atender suas necessidades de informação. Mas o evento fundador dos estudos de usuários ocorreu em 1948, na Conferência Científica da *Royal Society*,

² Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Mundaneum>.

em Londres, quando Urquhart³ e Bernal⁴ divulgaram seus estudos sobre a distribuição e uso de informação científica e técnica. A década seguinte teve como principal expoente dos estudos de usuários o bibliotecário e editor Ralph Robert Shaw, cujo estudo piloto sobre o uso de literatura científica por cientistas é considerado pioneiro na direção dos estudos de usuários.

Na década de 1960 os estudos de usuários se multiplicaram, e o *Annual Review of Information Science and Technology* (ARIST) publicou duas revisões de literatura, com 438 e 676 artigos, respectivamente. Os estudos de usuários se instalaram, definitivamente, como área de interesse nos campos da Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Os anos 1970 trouxeram uma diversidade de estudos de grupos de usuários, abordando o uso de informações, a eficiência e eficácia dos sistemas de informação, traduzindo-se na publicação, pelo ARIST, de três capítulos sobre usos e necessidades dos usuários da informação. Nessa década, houve um significativo crescimento nas atividades em Ciência e Tecnologia e as pesquisas sobre o uso da informação tornaram-se extremamente relevantes. Nesse contexto, foi criado, em 1975, o *Center of Research on User Studies*, na *The*

³ URQUHART, Donald J. The organization of the distribution of scientific and technical information. In: THE ROYAL SOCIETY SCIENTIFIC INFORMATION CONFERENCE, 21 jun./2 jul. 1948, London. Proceedings: reports and papers submitted. London: The Royal Society, 1948.

⁴ BERNAL, John Desmond. Preliminary analysis of pilot questionnaire on the use of scientific literature. In: THE ROYAL SOCIETY SCIENTIFIC INFORMATION CONFERENCE, 21 jun.-2 jul. 1948, London, Proceedings: reports and papers submitted. London: The Royal Society, 1948.

University of Sheffield (Inglaterra), com o objetivo de atuar como espaço de pesquisa em estudos de usuários.

A década de 1980 caracterizou-se por uma crescente busca de teorias e métodos para fundamentar as pesquisas na área de estudos de usuários. Ao final dessa década, Kuhlthau conduziu um estudo com alunos do último ano do ensino médio, com o objetivo de explorar suas experiências na biblioteca e revelar evidências de uma sequência de etapas na busca de informações, de modo a propor um modelo das etapas do comportamento do usuário, nesse processo.

E aqui a área de estudos de usuários se imbrica com a abordagem da competência em informação, associada à expressão *information literacy*.

Essa expressão foi mencionada pela primeira vez na literatura em 1974, no relatório *The information service environment relationships and priorities*, produzido pelo bibliotecário Paul Zurkowski. O relatório anteviu as mudanças que se instalariam nos sistemas de informação e no papel exercido pelos bibliotecários a partir da década de 1990. Pois as tecnologias digitais iniciavam o processo de alteração na produção, armazenamento, disseminação e acesso à informação, colocando o computador no centro das atividades em bibliotecas e centros de documentação. E a conexão entre informação e educação começava a se estabelecer, destacando a relevância e necessidade do aprendizado ao longo da vida.

Nesse processo histórico a contribuição de Kuhlthau foi fundamental, ampliando o conceito de *information literacy*

para além dos limites da biblioteca e dos materiais bibliográficos, destacando o ser humano em seu processo de aprendizado e as tecnologias da informação como tecnologias de aprendizado. No final da década de 1980, a *American Library Association* (ALA) publicou o relatório *Presential Committe on information literacy: Final Report 25*, onde ressalta a relevância dessa abordagem para pessoas, trabalhadores e cidadãos, recomendando a implantação de um modelo de aprendizagem que diminua a distância entre a sala de aula e a biblioteca.

Nos anos 1990 a proposição da ALA começou a ser amplamente aplicada, mediante programas educacionais voltados para a *information literacy*, com o objetivo de tornar os usuários da informação aprendizes independentes, incentivando a integração curricular dos cursos e a cooperação das bibliotecas com as comunidades onde se inserem. No final dessa década, uma busca na Internet, usando o AltaVista, identificou cerca de 9.510 itens com a expressão *information literacy* em países como Estados Unidos, Austrália, Inglaterra, Canadá e África do Sul.⁵

No Brasil, uma busca na Base de Dados em Ciência da Informação (Brapci)⁶ no período 1972-2020, utilizando os descritores <estudo de usuários> e <competência em informação>⁷ aplicados aos campos título, palavras-chave,

⁵ DUDZIAK, E. A. Information literacy: princípios, filosofia e prática. *Ciência da Informação*, v. 32, n. 1, 2003.

⁶ Disponível em: <https://brapci.inf.br/>.

⁷ Doravante será utilizado o termo *competência em informação* como equivalente a *information literacy*.

resumo e texto completo, identificou que ambas as áreas têm se mostrado produtivas, como pode ser visto no quadro 1, a seguir:

Quadro 1 – Busca na Brapci (1972-2020)

Área	Título	Palavra-chave	Resumo	Texto completo
Estudos de usuários	32	211	329	308
Competência em informação	230	219	448	47

Fonte: Pesquisa em novembro de 2020.⁸

A questão terminológica, entretanto, amplia o resultado da pesquisa pois foram encontradas, também, 388 publicações sobre <*information literacy*>, no mesmo período e em todos os campos de busca. O fato é que, usando-se uma ou outra denominação, como esclarece a Profa. Regina Célia Baptista Belluzzo, certamente estamos tratando de uma temática que se apresenta como “a alfabetização do século XXI”.⁹

Os autores da obra que tenho a honra de prefaciá-la, têm plena consciência dessa abertura para um cenário onde Ciência da Informação e Educação caminham juntas e se beneficiam mutuamente. A perspectiva histórica, o momento presente e o olhar sobre o futuro se entrelaçam e desenham uma rede conceitual e metodológica onde se destacam grupos de pesquisa dedicados à área, em crescimento constante desde 2012.

⁸ Pode haver duplicação na recuperação.

⁹ Conforme capítulo 1 da presente coletânea.

Pesquisadores ativos e reunidos em comunidades de práticas, nas Universidades Federal e Estadual de Santa Catarina, dentre outras instituições de ensino e pesquisa, estão atuando para produzir e compartilhar abordagens teóricas e práticas metodológicas em eventos como o Seminário Internacional de Competência em Informação (primeira edição em 2019) e o Seminário de Pesquisas e Práticas sobre Competência em Informação de Santa Catarina (terceira edição em 2019), ambos na Universidade Federal de Santa Catarina.

Nesse contexto, a coletânea organizada pelas Professoras Elizete Vieira Vitorino e Daniela Spudeit nos apresenta o passado, o presente e as perspectivas futuras da Competência em Informação no Brasil e no mundo, explicitando o movimento em busca de espaço crítico e produtivo para a *práxis* científica, a par com a atividade educativa.

Inovações na pesquisa e relato de experiências com o desenvolvimento de atividades para competência em informação em espaços sociais híbridos, presenciais e virtuais, nos trazem a visão de um futuro que inicia sua trajetória alicerçado no presente. A comunidade acadêmica se faz presente em espaços sociais e educacionais, construindo as pontes científicas e políticas por onde caminharão pessoas e instituições rumo a uma sociedade onde o acesso à informação transformará o conhecimento em desenvolvimento.

Por tudo isso, pela consistência do trabalho acadêmico e compromisso com os ideais de uma sociedade justa e inclusiva, esta obra representa contribuição inestimável para a

comunidade dos cientistas da informação — arquivistas, bibliotecários, museólogos, gestores de sistemas de informação. Nesse contexto, passado e presente constituem sementes para um futuro desejável, quando as novas gerações encontrarão oportunidades para uma vida profissional plena e produtiva.

Era disso que falavam os pioneiros da competência em informação, no final do século XX, dessa esperança de uma Ciência e Tecnologia voltadas para o bem estar das pessoas e para construção de um meio ambiente que privilegie a manutenção da vida.

Nesse novo mundo em construção, a informação será ciência em ação.

Isa Maria Freire

Doutora em Ciência da Informação

Universidade Federal da Paraíba

APRESENTAÇÃO DA OBRA

Este livro representa um momento especial da competência em informação no cenário brasileiro: momento quase imperceptível de uma ruptura entre as teorias e as práticas. Não um “deixar de ser teórico”, mas um “vir a ser mais voltado à realidade e às práticas das pessoas comuns”. Estamos em sintonia com o passado, nossa história desde o ano de 2000, com os primeiros trabalhos sobre a competência em informação no Brasil, nos conectam com o presente, com cenários sociais e desafiadores e agora voltamos nosso olhar para o futuro, para o mundo, quando trazemos um salto para a internacionalização da competência em informação – ao realizar a primeira edição do Seminário Internacional sobre Competência em Informação (I SEICIn) desde o cenário brasileiro, cujo relatório apresentamos nesta obra.

Especialmente dirigido aos entusiastas da competência em informação e aos apreciadores de aspectos históricos deste tema, este livro também se volta à produção científica, aos grupos de pesquisa e às novas temáticas necessárias à revitalização da ciência. Há intenção de que alunos de graduação e de pós-graduação se interessem pelo conteúdo que aqui apresentamos. Há uma vontade grande que pesquisadores e pesquisadoras levem adiante alguns temas aqui inseridos. Que professores que lecionam a disciplina “Competência em Informação” – tanto na graduação como na pós-graduação – o façam com a certeza de que se trata de uma obra para o reconhecimento do cenário e da linha do tempo da competência em informação no Brasil e em perspectivas

futuras sobre este tema, instigante e desafiador para a Ciência da Informação.

As contribuições desta obra para a área da Ciência da Informação e da Biblioteconomia – e áreas correlatas – são úteis e necessárias, pois tratam do objeto de estudo – a informação – e de uma metacompetência necessária às pessoas para caminharem no cenário de sobrecarga de informação.

Esta obra justifica-se pela reunião de conteúdos que servem tanto às pesquisas como às práticas de pesquisa sobre competência em informação, pois contempla o cenário do desenvolvimento desta como um passo no passado, outro no presente, mas com olhar de futuro. Traz a iniciativa do I SEICIn, mostrando que as conexões com outros países e perspectivas são úteis à reavivação da temática. Mostra resultados de pesquisas científicas, valorizando a narrativa como técnica e a pós-graduação espaço de aprimoramento necessário à investigação sobre competência em informação.

Os capítulos que se seguem oferecem um panorama da competência em informação para pessoas comuns – principalmente no quesito desenvolvimento humano para a cidadania e para o mundo dos negócios. Mostra que isso se concretiza melhor quando pessoas se reúnem em grupos de pesquisa apoiados por instituições e agências de fomento. Tais grupos se constituem no berço do avanço científico da temática. E, as universidades federais e estaduais brasileiras, bem como os institutos de pesquisa, são os propulsores do avanço científico da temática competência em informação, as quais tem alavancado muito do que se tem notícia sobre a

produção científica e a divulgação de tais pesquisas noutros cenários para além do Brasil.

Com uma visão de futuro, esta obra apresenta a entrevista narrativa como uma das técnicas possíveis e promissoras para a investigação de grupos vulneráveis no que se refere à competência em informação destes e vai além, apresentando os impactos da competência em informação nas redes digitais. Tudo isto alicerçado por um evento internacional que buscou congregiar tais esforços e marcar uma época em Santa Catarina: o 1º Seminário Internacional de Competência em Informação (I SEICIn) que ocorreu pela primeira vez no Brasil, em 25 de outubro de 2019, na cidade de Florianópolis, SC.¹⁰

Convergem-se, deste modo alguns objetivos desta obra. O primeiro busca apresentar a perspectiva histórica – como uma linha do tempo – da produção científica sobre competência em informação no Brasil, e, especialmente em Santa Catarina, quando oferece especial destaque à produção da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e, em específico, do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Competência em Informação (GPCIn) bem como, à produção da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Num segundo objetivo, trazemos olhares atuais para o cenário dos grupos de pesquisa sobre competência em informação no Brasil, vinculados ao Diretório de Grupos de Pesquisa (DGP) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Noutros dois capítulos, o objetivo está em

¹⁰ Disponível em: <http://www.enancib2019.ufsc.br/seicin/> e em: <https://gpcin.ufsc.br/>.

relatar duas pesquisas relacionadas ao tema e que apresentam visões distintas. Uma delas, destacando aspectos metodológicos à pesquisa sobre competência em informação e, a outra, os conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias para uma conexão em redes no século XXI. Por fim e, não menos importante, ainda com o objetivo de relatar conteúdos sobre a temática, apresentamos o relatório técnico dos eventos 1º Seminário Internacional de Competência em Informação (I SEICIn) e do 3º Seminário de Pesquisas e Práticas sobre Competência em Informação de Santa Catarina (III SEPCIn): o que, para nós organizadoras desta obra e pesquisadoras sobre o tema, significa um passo além – o futuro.

Para dar destaque aos capítulos e conteúdos de cada um destes, nos cabe aqui uma breve e rápida “anúnciação”. *Regina Celia Baptista Belluzzo* inicia esta obra com o capítulo “Passado, presente e perspectivas para o desenvolvimento da competência em informação”. Sua contribuição, entre outras, está em apresentar tendências, como por exemplo a necessária definição de políticas públicas e estratégias de ação que são indispensáveis ao Brasil, bem como a perspectiva interdisciplinar, considerando a complexidade das questões envolvidas no uso da informação na sociedade e a adequação das pesquisas de modo a considerar as origens, diversidades e necessidades sociais e econômicas da população brasileira.

Já, no capítulo “Grupos de pesquisa sobre competência em informação no Brasil: em foco o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Competência em Informação (GPCIn)”, *Elizete Vieira Vitorino* traça o cenário dos grupos de pesquisa sobre

competência em informação no Brasil e apresenta um paralelo entre os dias atuais e uma pesquisa realizada de 2012 e publicada no ano de 2013 sobre o mesmo tema. No capítulo, destaque é dado para o aumento considerável de grupos criados entre os anos de 2012 (data da primeira pesquisa) e do ano de 2020, praticamente dobrando o número de grupos de pesquisa, o que denota a relevância do tema e o crescente interesse pelas pesquisas e por novos grupos, alicerçando a criação e oportunidade de criação de redes de pesquisadores. O capítulo finaliza com uma linha do tempo que consiste nas atividades realizadas pelo Núcleo GPCIn, desde sua criação até os dias de hoje.

No capítulo seguinte, *Elisa Cristina Delfini Correa e Daniela Spudeit*, apresentam as “Pesquisas e práticas sobre competência em informação na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)”. As autoras enfocam o cenário promissor da produção científica da UDESC sobre a competência em informação, tanto em nível de graduação como de pós-graduação, reforçando parcerias e mostrando que as ações voltadas ao desenvolvimento da competência em informação, retratam o diálogo da universidade com a sociedade, favorecendo a criação de novos conhecimentos, salientando que isto é possível, tendo em vista que há investimento público do Governo do Estado de Santa Catarina, essencial para resultados cada vez mais significativos na temática da competência em informação.

No capítulo seguinte, *Elizete Vieira Vitorino e Daniela Fernanda Assis de Oliveira Spudeit*, apresentam ao leitor – principalmente aquele que não pôde estar presente aos

eventos - como um documento com foco no aspecto histórico, o relatório do “1º Seminário Internacional de Competência em Informação (I SEICIn) e 3º Seminário de Pesquisas e Práticas sobre Competência em Informação de Santa Catarina (III SEPCIn)”, cujo conteúdo versa sobre o programa oficial do evento, a conferência de abertura, proferida pelo Dr. Jesús Lau, até os resultados e produtos dos referidos eventos, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC).

Djuli Machado De Lucca, apresenta um aspecto importante à pesquisa na área da competência e que se faz presente e necessário à investigação: a metodologia científica. No capítulo “A técnica de entrevista narrativa em investigação sobre competência em informação: em foco, a experiência de pesquisa com idosos”, a autora apresenta a técnica da entrevista narrativa como procedimento metodológico congruente às investigações sobre a competência em informação, por meio da teoria fenomenológica e, inclusive, a experiência de de aplicação da técnica em investigação de doutorado conduzida pelo autora no ano de 2019 com idosos participantes de Grupos da Terceira Idade (GTI) do Estado de Santa Catarina. Para a autora, a entrevista narrativa proporciona dados úteis para que o movimento da competência em informação possa se fortalecer.

Com o foco na “Competência em informação e competência narrativa no século XXI: conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias para uma conexão em redes”, *Meri Nadia Marques Gerlin e Elmira Luzia Melo Soares Simeão*, consideram que as redes digitais fortalecem as

relações sociais dos sujeitos contemporâneos e possibilitam o desenvolvimento da competência em informação. As autoras constataam que, em se tratando de contadores de histórias, estes podem desenvolver a competência em informação em espaços híbridos (presenciais e virtuais) de diversas regiões brasileiras, mas que estes ainda carecem de aprimorar estratégias de busca, acesso e recuperação de informação para atuação em redes colaborativas flexíveis e interativas.

Para finalizar a obra, o capítulo “Perspectivas futuras – a título de conclusão” traz a nuance do futuro, necessária às teorias e práticas sobre competência em informação no Brasil e no mundo.

Acreditamos – e estamos cada vez mais certos disto – de que esta obra consiste numa contribuição efetiva à Ciência da Informação e, neste sentido, agradecemos os comentários, sugestões e críticas recebidas para conceber esta obra e, inclusive, novos comentários que receberemos a partir da leitura desta, pois isto será motivo de inspiração e de aprimoramento de pensamentos e de conteúdos. Obrigada!

As organizadoras

CAPÍTULO 1

PASSADO, PRESENTE E PERSPECTIVAS PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

Regina Celia Baptista Belluzzo

1 INTRODUÇÃO

Considera-se que o cenário contemporâneo traz consigo diferentes necessidades:

Necessidade de desenvolvimento pessoal, cultural e econômico. Necessidade de investimento em conhecimento e aprendizagem. Nova cultura de aprendizagem- pessoas aprendem de formas diferentes. Nova cultura – da informação ao conhecimento, o que requer novas competências. No novo cenário mundial, comunicar-se, ser criativo, analítico-crítico, participativo, produtivo e responsável requer muito mais do que a acumulação de informações (BRASIL, 2017, p. 5, grifo nosso)

Efetuando-se o recorte para o termo “novas competências” enquanto o resultado de uma nova cultura – da informação ao conhecimento – ressalta-se que apresentam diferentes níveis de entendimento e maneiras de aplicação, articulando-se com outras áreas de conhecimento. No senso comum, encontram-se dois enfoques semânticos para o termo competência: relacionado à legitimidade atribuída por lei ou por reconhecimento a uma pessoa ou organização para

apreciar ou julgar determinada questão ou pleito; e, aquele relacionado ao reconhecimento de características pessoais (qualidades) vinculadas à capacidade e idoneidade para resolver certos assuntos, inclusive os de natureza profissional (HILLAU, 1994).

Além disso, existem diferentes abordagens em relação à competência, destacando-se, dentre elas as que seguem: 1) considera competência como sendo uma coleção de atributos pessoais, 2) vincula o conceito aos resultados observados/obtidos (processos/atividades realizados), e, 3) propõe a noção de competência dialógica, originada na combinação de atributos pessoais para a realização de ações, em contextos específicos, visando atingir determinados resultados.

Inicia-se por situar a *information literacy* ou Competência em Informação, também chamada de “alfabetização do século XXI”, no espectro de fatores que compõem o cenário da Sociedade da Informação e do Conhecimento, em especial, aquele que diz respeito às informações que estão se expandindo a um ritmo sem precedentes, e os avanços extremamente rápidos que estão ocorrendo na tecnologia para armazená-las, organizá-las e acessá-las (BELLUZZO, 2004).

Além da enorme abundância de informações disponíveis, as pessoas precisam obter informações específicas a fim de atender a uma ampla gama de necessidades pessoais e profissionais. Essas necessidades são em grande parte impulsionadas pelo desejo de crescimento e avanço pessoal ou pelas mudanças ágeis que ocorrem no ambiente social, político

e econômico da sociedade contemporânea. Assim, para promover a independência econômica e a qualidade de vida, existe a necessidade de ser informado e atualizado ao longo da vida.

É importante salientar que a competência em informação tem importância para pessoas, negócios e cidadania (IFLA, 2002) Desse modo, salienta-se que as pessoas – como cidadãos em todo o mundo, devem ter conhecimento de informações. Isso requer a capacidade de reconhecer quando as informações são necessárias e de localizá-las, avaliá-las e usá-las de forma inteligente em sua realidade social. Mesmo nas áreas em que se pode obter conhecimento, a complexidade dos ambientes sociais, decorrente da constante mudança e expansão das bases de informações, exigem esforços contínuos para que as pessoas se mantenham atualizadas e possam exercer o controle sob seu ambiente diário de informações, bem como aquelas informações de outros campos que possam afetar os resultados de suas decisões no cotidiano.

No ambiente de negócios, pode-se dizer que vivemos na era da “economia informacional” onde o acesso e uso de informações tem grande importância por ser uma época caracterizada por mudanças rápidas em ambiente global, onde existe a necessidade da informação sem precedentes para construir conhecimento e aplicá-lo, efetivamente, à realidade social a fim de promover o desenvolvimento e a inovação social.

No aspecto que envolve a competência em informação e a cidadania, é preciso haver um novo olhar, uma vez que em

uma democracia ela vai mais além do que o conhecimento de como acessar informações vitais, incluindo a capacidade de discernimento, reconhecimento e interpretação crítica da informação, distinguindo a informação fidedigna, legal e ética da desinformação e das chamadas *fake news* a que as pessoas são diariamente submetidas mediante estatísticas sobre saúde, economia, defesa nacional e inúmeros outros produtos e serviços oferecidos individual ou coletivamente por meio do compartilhamento mediante as redes sociais.

Este capítulo tem como objetivo apresentar uma breve linha do tempo sobre a Competência em Informação, situando-a desde contextos passados, cenários contemporâneos e com vistas às perspectivas futuras.

2 COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: ALGUNS PRINCÍPIOS E ENLACES

O termo “competência” tem diferentes níveis de entendimento e maneiras de aplicação, articulando-se com outras áreas de conhecimento. Desse modo, pode-se dizer que:

[...] as competências são capacidades que se apoiam em conhecimentos, sendo fundamental que as pessoas considerem a situação que envolve o seu desenvolvimento, à medida que é preciso mobilizar saberes e a organização de novas capacidades, em virtude do processo que se desenvolve social, técnica e politicamente. [...] a competência é um composto de duas dimensões distintas: a primeira, um domínio de saberes e habilidades de diversas naturezas que

permitem a intervenção prática na realidade, e a segunda, uma visão crítica do alcance das ações e o compromisso com as necessidades mais concretas que emergem que caracterizam o atual contexto social. (BELLUZZO, 2007, p. 29-34).

Ser competente, portanto, não é realizar uma mera assimilação de conhecimentos suplementares, gerais ou locais, mas sim compreender a construção de esquemas que permitem mobilizar conhecimentos na situação certa e com o discernimento necessário.

Para o desenvolvimento de competências, considera-se o contexto de aprendizagem, a implicação do sujeito na tomada de decisão, a resolução de situações problemáticas e o próprio processo de acesso e uso da informação de forma inteligente para a construção de conhecimento e sua aplicação a uma realidade, ou seja, todas essas situações envolvem os princípios da Competência em Informação (Colnfo).

A competência em informação tem suas origens nos anos 1970, com o relatório *The Information Service Environment: Relationships and Priorities*, de Paul Zurkowski (1974) apresentado à Comissão Nacional de Biblioteconomia e Ciência da Informação Americana, contemplava a proposta de criação de um programa que tornasse as pessoas competentes em informação (*information literates*), a ser desenvolvido entre os anos de 1974 e 1984. O objetivo era aprimorar habilidades na utilização dos recursos de informação disponíveis e que viessem a ser desenvolvidos sob o impacto das inovações tecnológicas.

Desde então, surgiram manifestações de adesão pouco

refletida por parte de diferentes instituições e profissionais a um “discurso de autoridade” promovido por organismos como *American Library Association (ALA)*, *International Federation Library Associations (IFLA)* e *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO)*, os quais assumem a *Information Literacy (CoInfo)* como “farol da sociedade da informação” (IFLA, 2005, p.1) e acabam por impulsionar o discurso desse movimento, mesmo sem o devido questionamento ou reflexão.

Entretanto, vale lembrar que o termo *information literacy* tem sido traduzido de diferentes modos: alfabetização informacional, letramento informacional, aprendizagem informacional, competência informacional, entre outros, o que aponta a necessidade de estudos mais aprofundados nessa área. Adota-se aqui o termo Competência em Informação, uma vez que foi indicado para a tradução oficial de *information literacy* para o português do Brasil, em publicação da UNESCO, nas duas edições do *Overview of Information Literacy Resources Worldwide* (HORTON JR., 2013, 2015). Além disso, a adoção da sigla CoInfo foi recomendada na Carta de Marília.

Em síntese, pode-se dizer que a competência em informação (CoInfo) é uma área em que o processo de ensino e aprendizagem está centrado e que constitui um conjunto de ações que promove a interação e internalização de fundamentos conceituais, atitudinais e de habilidades específicas. Considera-se que essas ações são essenciais à compreensão da informação, e de sua abrangência, na busca de fluência e capacidades necessárias à geração de novos conhecimentos e sua aplicabilidade ao cotidiano das pessoas e

das comunidades ao longo da vida (BELLUZZO, 2004).

Por sua vez, Bernhard (2002) incluiu na estrutura da CoInfo algumas habilidades consideradas necessárias e as inseriu em dez grupos: 1. Identificação das necessidades de informação; 2. Criação e organização da informação; 3. Estratégias para busca de informação; 4. Habilidades em tecnologia da informação; 5. Avaliação e processamento de informações; 6. Uso da informação e comunicação; 7. Aspectos éticos e sociais; 8. Atitude ativa com o processo de aprendizagem ao longo da vida; 9. Senso crítico em relação à mídia; 10. Autoavaliação. No entanto, vale lembrar que, para o desenvolvimento de um programa de competência em informação, é necessária a existência de profissionais que proponham um projeto apoiado em bases pedagógicas, a fim de incluir o estudo do contexto, análise de características e peculiaridades de usuários, especialmente suas necessidades de informação. Ainda, pode-se dizer que orientar o processo de ensino e aprendizagem por essa competência de modo transversal e interdisciplinar tem, por definição, um caráter prático e social e a informação passa a ser explorada considerando-se o seu significado, consistência e funcionalidade para o enfrentamento de situações reais e complexas.

Além disso, ressalta-se que, a partir das diretrizes emanadas pelos programas da UNESCO e da Federação Internacional de Associações de Bibliotecários e Instituições (IFLA) ao identificar na “Declaração sobre Bibliotecas e Desenvolvimento Sustentável” que as bibliotecas deveriam fomentar os hábitos de leitura, a competência em informação

e a competência midiática, enquanto elementos de ação transversal a outras ações, e promoverem a educação, o conhecimento público e as oportunidades de capacitação (IFLA, 2002) além de estudos sobre a sustentabilidade, pois, segundo Barbieri (2010), na sociedade atual os valores vinculados ao desenvolvimento sustentável e respeito às políticas ambientais de forma institucionalizada inclui a área da educação. Desse modo, em 2002, durante a Assembleia Geral das Nações Unidas foi estabelecido o período compreendido entre os anos de 2005-2014 como a "Década de Educação para o Desenvolvimento Sustentável (DESD) ", a fim de alertar a sociedade sobre a importância da sustentabilidade e da oportunidade de fortalecer diferentes áreas com as experiências que podem ser caracterizadas como a provisão individual para o autodesenvolvimento, que inclui elementos relacionados a atitudes cognitivas, afetivas, motivacionais e o voluntariado, ficando evidenciada a importância quanto à questão do desenvolvimento de competências compatíveis com um mundo em constante mudança exigindo das pessoas e das organizações a necessidade da Competência em Informação (UNESCO, 2005). Assim, a questão das competências e o desempenho profissional se sobressaíram como tópicos essenciais a serem inseridos nos planos de desenvolvimento pelas mais diferentes organizações. (WALS, 2014).

Na América Latina, sobre o estado da arte nessa área, pode ser consultado o website "*Alfin Iberoamerica*"¹¹. Por sua

¹¹ Disponível em: <http://alfiniberoamerica.blogspot.com.br> Acesso em: 10 de agosto de 2019.

vez, as iniciativas em relação à ColInfo no Brasil são realizadas desde o ano 2000, em especial na área da Ciência da Informação, destacando-se as atividades iniciadas pela Seção da América Latina e Caribe da IFLA (IFLA/LAC), Federação Brasileira das Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições (FEBAB) e o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), Universidade de Brasília (UnB) e UNESP no que tange à realização de eventos e publicações especificamente voltadas para a ColInfo e lançamentos de marcos históricos, tais como: a Declaração de Maceió¹², Manifesto de Florianópolis¹³ e Carta de Marília¹⁴ oferecendo maior visibilidade sobre a emergência de estudos e pesquisas, além de permitir a divulgação de experiências e vivências com a ColInfo em diferentes cenários.

Inúmeras parcerias e convênios aconteceram no nosso contexto em uma linha do tempo e que contribuíram para vivências e eventos de importância sobre o tema, destacando-se dentre eles:

2004 - Workshop FEBAB - O desenvolvimento da competência em informação: desafios e perspectivas - São Paulo (SP). • IV Ciclo de Palestras FEBAB - Competência em Informação (Information Literacy) - São Paulo (SP). • FEBAB - 1º Seminário sobre Competência em Informação (Information Literacy Seminar) - Bienal Internacional do Livro - São Paulo (SP).

¹² Disponível em: http://febab.org.br/declaracao_maceio.pdf.

¹³ Disponível em:
http://febab.org.br/manifesto_florianopolis_portugues.pdf.

¹⁴ Disponível em:
http://www.lti.pro.br/userfiles/downloads/CARTA_de_Marilia.pdf.

2004/2005 - Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas da Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo - Organização de cinco Oficinas de Trabalho sobre Competência em Informação: um diferencial das pessoas no século XXI para a rede de bibliotecas públicas paulista e realizadas nas regiões: Área Metropolitana de São Paulo, Bauru, São Carlos, Sorocaba, Vale do Paraíba (participação de aproximadamente 500 bibliotecários).

2006 - FEBAB/CBBB - Palestras: Competência em informação - cenário internacional • Workshop Competência em Informação (Coordenação da Profa. Dra. Regina Célia Baptista Belluzzo) - Curitiba (SP). • FEBAB/INTEGRAR - Lançamento da Revista RBBD v. 2, n. 2 (2006) - edição especial sobre Competência em Informação - São Paulo (SP).

2008 - FEBAB - Palestra Construção de Cidadania em Cidades Multiculturais, com destaque para as atividades realizadas em Competência em Informação (In: X Congresso Internacional de Cidades Educadoras, São Paulo (SP)).

2009 - FEBAB/CBBB - Atelier 2 - Competência em informação - Bonito (MS).

2010 - I Seminário Brasil-Espanha sobre Alfabetização em informação - Brasília (DF) e FEBAB-SNBU - Capacitação de agentes multiplicadores da competência informacional (Training the trainers in Information Literacy IFLA/UNESCO) - Rio de Janeiro (RJ).

2011 - FEBAB/CBBB - I Seminário Competência em Informação: Cenários e Tendências - Maceió (AL). Lançamento da Declaração de Maceió.

2012 - *Oficina*: Contribuição dos profissionais da informação ao desenvolvimento da Competência em Informação, que foi realizada durante o Encontro Nacional de Bibliotecários, dia 28 de novembro de 2012, no SESC - Departamento Nacional (RJ).

2013 - *FEBAB/CBBD/IBICT/UNESP - II Seminário Competência em Informação: Cenários e Tendências* - Florianópolis (SC) - Lançamento do Manifesto de Florianópolis e *II Encontro Hispano-Brasileiro de Ciência da Informação* - Brasília (DF).

2013 - *Workshop* “Desenvolvimento de Competência em Informação em Ambiente Acadêmico”, realizado na FAU-USP destinado aos bibliotecários, técnicos de biblioteca e estudantes de biblioteconomia

2013 - *Publicação do livro "Competência em informação: reflexões sobre lições aprendidas"* organizado em três áreas: 1. Trajetórias do Tema da “Competência em Informação” no Brasil como parte das ações da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas de Informação e Instituições (FEBAB) em sua linha de gestão; 2. Práticas Profissionais de Capacitação e Informação e a transversalidade da competência em informação; 3. Aplicações e as Lições aprendidas como programas institucionais no contexto brasileiro.

2014 - *IBICT/UNESP - III Seminário Competência em Informação: Cenários e Tendências* - Marília (SP) - Lançamento da Carta de Marília.

2014 - *Conferência sobre Competência em informação na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)*.

2015 - *I Fórum sobre Competência em Informação (Rio de*

Janeiro) foi organizado pelo Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e pela Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

2015 - IBICT/ANCIB - I Seminário ENANCIB sobre Competência em Informação - Belo Horizonte (MG).

2015 - O IV Seminário de Competência em Informação foi realizado como parte integrante do IV Seminário Hispano Brasileiro de Pesquisa em Informação Documentação e Sociedade, com o apoio da UNESP, UNB, CNPq, FAPESP, CAPES, IBICT e Universidade Complutense de Madrid.

2015 - II Fórum de Discussão “Information Literacy, possíveis caminhos e reflexões” em parceria estabelecida entre o Conselho Regional de Biblioteconomia - 6ª Região (CRB 6) e o Departamento de Biblioteconomia do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas (CCJE) da UFES.

2016 - III Seminário sobre a Competência em Informação do ENANCIB realizado durante o XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Pós-Graduação em Ciência da Informação no Pós-ENANCIB, em Salvador (BA) na Universidade Federal da Bahia, no Pavilhão de Aulas do Canela (PAC).

2016 - UFRJ – “II Fórum sobre Competência em Informação: Pesquisas e Práticas no Rio de Janeiro”, realizado no Centro Cultural Banco do Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, RJ.

2017 - UFRJ – “III Fórum sobre Competência em Informação: Pesquisas e Práticas no Rio de Janeiro”, realizado no Auditório do Instituto Nacional de Tecnologia (INT-RJ).

2017 - IV Seminário sobre a Competência em Informação do ENANCIB, realizado durante o XVIII Encontro Nacional de Pesquisa em Pós-Graduação em Ciência da Informação no Pós-ENANCIB em Marília (SP) na Universidade Estadual "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP).

2018 - UFRJ/BNDES - "IV Fórum sobre Competência em Informação: Pesquisas e Práticas no Rio de Janeiro", realizado no BNDES (RJ).

2018 - V Seminário sobre a Competência em Informação do ENANCIB, realizado durante o XIX Encontro Nacional de Pesquisa em Pós-Graduação em Ciência da Informação no Pós-ENANCIB, em Londrina (PR) na Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Vale lembrar que é aconselhável vislumbrar a ColInfo em um contexto maior de práticas de informação em geral, sendo que estas, por sua vez, acham-se social e culturalmente situadas, mediadas e construídas com outras pessoas em seus meios sociais e culturais, assumindo formas variadas.

Além disso, à medida que procuramos desenvolver habilidades de ColInfo nas pessoas, precisamos lembrar que a busca de informações é um processo dinâmico - as necessidades de informação podem surgir ou se dissipar rapidamente, e a "necessidade" é mutável. Inclui a capacidade de encontrar e utilizar a informação, implicando em ir além dessas dimensões e compreender: a comunicação, a colaboração e o trabalho em rede, envolvendo também questões como a consciência social na era digital que se vivencia, o conhecimento da segurança da informação e a

criação de nova informação.

É preciso destacar que a ColInfo se fundamenta também no pensamento crítico e na avaliação. Além disso, o domínio das atividades de ColInfo e das habilidades que a compõem, certamente, implicam na fluidez com a Tecnologia da informação e da Comunicação (TIC), com os métodos de pesquisa, a lógica, a ética e legalidade, o discernimento e a racionalidade.

É importante ressaltar que a ColInfo também é reconhecida como uma competência essencial para o desempenho no trabalho, uma vez que a coleta de informações, manipulação e aplicação são atividades-chave nas organizações. Assim, aqueles que não tiverem boas habilidades de informação serão marginalizados na vida privada e pública, incluindo problemas de empregabilidade.

Salienta-se a importância da ColInfo, considerando-se que as pessoas competentes em informação, de modo geral, são aquelas que:

- a) Definem suas necessidades informacionais e como buscar e acessar efetivamente a informação necessária;
- b) Avaliam a informação acessada em relação à sua pertinência e relevância;
- c) Organizam a informação e a transformam em conhecimento;
- d) Aprenderam a aprender de forma contínua e autônoma.

E na era digital, com a Revolução 4.0¹⁵ em curso, a ColInfo ainda implica em que as pessoas:

- a) Sejam capazes de construir uma linguagem de busca explícita e direcionada;
- b) Identifiquem fontes prováveis, filtrem e avaliem a qualidade das informações, o que requer novas habilidades no uso das TIC;
- c) Conheçam como acessar diferentes sistemas (redes sociais, aplicativos etc.);
- d) Possuam habilidades de especificação ou generalização de conceitos para o refinamento de buscas;
- e) Apresentem condições de efetuar leituras não lineares e hipertextuais;
- f) Conheçam as diferentes formas de apresentação e comunicação de informações e resultados (listas de discussão, blogs etc.).

A ColInfo é uma competência adquirida ao longo da vida e permite resistir ao cenário de desinformação e *fake news*,¹⁶ bem como às pessoas se promoverem como cidadãos que conseguem selecionar criticamente informações que são importantes para si.

Os estudos voltados à ColInfo estão direcionados à construção de modelos teóricos (EISENBERG; BERKOWITZ,

¹⁵ Revolução 4.0 ou Quarta Revolução Industrial é uma expressão que engloba algumas tecnologias para automação e troca de dados e utiliza conceitos de Sistemas ciber-físicos, Internet das Coisas e Computação em Nuvem.

¹⁶ Fake News são as informações falsas que viralizam entre a população como se fosse verdade. Atualmente, elas estão, principalmente, relacionadas às redes sociais.

2019; KULTHAU, 2019; LOERTSCHER, 2019; SCONUL, 2019 etc.) desenvolvimento de padrões e diretrizes que sejam catalisadores para os modelos (LAU, 2007); aplicação dos padrões em situações reais (ACRL, 2019; CATTS; LAU, 2019), além da articulação das melhores práticas e dos fatores críticos resultantes de experiências já comprovadas e que tenham obtido êxito de acordo com métodos de avaliação adotados.

Recomenda-se um papel mais proativo no sentido de se promover maiores pesquisas por parte dos docentes, pesquisadores, profissionais, grupos de pesquisa e universidades para que seja possível ganhar novos espaços.

Há necessidade de melhor posicionamento e discussão dessa temática como tema central e transversal na área de educação, de comunicação, junto às bibliotecas em geral, área de pesquisa científica e tecnológica, a fim de que se caminhe para a definição de políticas públicas e estratégias de ação que são indispensáveis a um país em desenvolvimento como o Brasil.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que, embora a Competência em Informação tenha vários enfoques, recebe aportes de várias áreas, permitindo o trabalho dentro de uma perspectiva interdisciplinar, abordando questões como as novas formas de acessar, utilizar, analisar e avaliar a informação, atendendo às exigências atuais do mundo acadêmico e profissional.

Esses e outros aspectos merecem a atenção e novos esforços de estudos e pesquisas, pois os caminhos já

percorridos, que levam em consideração a complexidade das questões envolvidas no uso da informação na sociedade atual, são um grande incentivo para novas tendências e perspectivas.

Vislumbrar esse panorama nos permite projetar algumas tendências desse tema em situação futura: 1) ganho de espaços para melhor posicionamento e discussão dessa questão como tema central e transversal, propiciando que se caminhe para a definição de políticas públicas e estratégias de ação que são indispensáveis a um país em desenvolvimento como o Brasil, destacando-se apoios institucionais (FEBAB, IBICT, Universidades e outros); 2) abrangência de vários enfoques nos estudos e pesquisas, com recebimento de aportes de várias áreas, permitindo o trabalho dentro de uma perspectiva interdisciplinar, a partir da abordagem de questões como as novas formas de acessar, utilizar, analisar e avaliar a informação, atendendo às exigências atuais do mundo acadêmico e profissional, considerando-se a complexidade das questões envolvidas no uso da informação na sociedade atual, o que se constitui como um grande incentivo para novas tendências e perspectivas; e 3) migração de concepção instrumental para concepção substantiva, levando em conta nossas origens, pontos comuns e diversidades e considerando as necessidades sociais e econômicas da população brasileira em seus diferentes espaços: local, regional e nacional, congregando a interação de pessoas como agentes e protagonistas de ações educativas, sociais, empresariais, governamentais e políticas.

Acredita-se que muito ainda deverá ser realizado para melhor compreensão e conhecimento acerca da Competência

em Informação (ColInfo) e sua inserção e consolidação no contexto nacional. Deve-se migrar de uma concepção instrumental para uma concepção substantiva, levando em conta: nossas origens, pontos comuns e diversidades e considerando as necessidades sociais e econômicas da população brasileira em seus diferentes espaços: local, regional e nacional, congregando a interação de pessoas como agentes e protagonistas de ações educativas, sociais, empresariais, governamentais e políticas.

Tomando como marco o início do século XXI, através da sistematização de informações e conhecimentos envolvendo estudos e experiências sobre Competência em Informação no Brasil e que devem contribuir para uma melhor compreensão desta questão no país, espera-se inspirar os pesquisadores, gestores de bibliotecas, pessoas e comunidades em geral a desenvolverem o seu potencial mediante o acesso e uso inteligente da informação para a construção de conhecimentos com inovação em diferentes realidades sociais contemporâneas: o exercício da cidadania, o aprendizado ao longo da vida com qualidade de vida, responsabilidade social, participação e compartilhamento, autodesenvolvimento, ética e legalidade, pontos considerados estratégicos e integrantes nas dimensões estabelecidas em programas de sustentabilidade na sociedade contemporânea.

O Brasil precisa de cidadãos competentes em informação para contribuir e se beneficiar da produção de conhecimento do mundo. Eis o nosso desafio...

REFERÊNCIAS

- ACRL. ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES. *Information literacy competency standards for higher education*. Disponível em:
<https://alair.ala.org/bitstream/handle/11213/7668/ACRL%20Information%20Literacy%20Competency%20Standards%20for%20Higher%20Education.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.
Acesso em: 20 maio 2020.
- BARBIERI, J. C. et al. Inovação e sustentabilidade: novos modelos e proposições. *NA*, São Paulo, v.50, n. 2, p. 146-154, abr./jun. 2010.
- BELLUZZO, R. C. B. et al. Information literacy: um indicador de competência para a formação permanente de professores na sociedade do conhecimento. *Educação Temática Digital*, v. 6, n. 1, p. 81-99, 2004.
- BELLUZZO, R. C. B. *Construção de mapas: desenvolvendo competências em informação e comunicação*. 2. ed. Bauru: Cá Entre Nós, 2007.
- BELLUZZO, R. C. B. O estado da arte da Competência em Informação (CoInfo) no Brasil: das reflexões iniciais à apresentação e descrição de indicadores de análise. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 13, n. especial, p. 47-76, jan./jul. 2017. Disponível em:
<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/648/570>. Acesso em: 20 mar. 2021.
- BERNHARD, P. La formación na el uso de la información: na ventaja na laEducación Superior. *Anales de documentación*, n. 5, p. 409-435, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base nacional comum curricular (BNCC): 3ª versão*. Brasília: MEC, 2017.

CATTS, R.; LAU, J. *Towards information literacy indicators*

Disponível em:

https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000158723_eng.

Acesso em: 2 ago. 2019.

EISENBERG, M.; BERKOWITZ, B. *Information problem-solving strategy: Big Six Skills*. Disponível em: <http://big6.com>. Acesso em: 20 out. 2017

HILLAU, B. De l'intelligence operatoire à l'historicité du sujet. In: MINET, F. PARLIER, M., WITTE, S. (Org.). *La compétence, mythe, construction ou réalité?* Paris: Éditions Harmattan, 1994. p. 45-69.

HORTON JUNIOR, W. *Overview of information literacy resources worldwide*. Paris: UNESCO, 2013.

HORTON JUNIOR, W. *Overview of information literacy resources worldwide*. 2. ed. Paris: UNESCO, 2015.

IFLA. *Declaración acerca de las Bibliotecas y el Desarrollo Sostenible*, 2002. Disponível em:

<http://www.ifla.org/ES/publications/declaraci-n-acerca-de-lasbibliotecas-y-el-desarrollo-sostenible> Acesso em: 20 maio 2019.

KULTHAU, C. *Information search process*. Disponível em:

<http://wp.comminfo.rutgers.edu/ckuhlthau/information-search-process/>. Acesso em: 20 ago. 2019.

LAU, J. *Diretrizes sobre desenvolvimento de habilidades em informação para a aprendizagem permanente*. Boca Del Rio: IFLA, 2007. Disponível em:

www.febab.org.br/jesus_lau_trad_livro_comp_v_f.doc.
Acesso em: 20 mar. 2021.

LOERTSCHER, D.V. *California Project Achievement*. Disponível em:
<http://wwwdavivl.org/Achieve/CAProjectAAchiviement.pdf>.
Acesso em: 20 ago. 2019.

SCONUL. *Seven pillars of information literacy*. Disponível em:
<https://www.sconul.ac.uk/page/seven-pillars-of-information-literacy>. Acesso em: 20 ago. 2019.

UNESCO and Sustainable Development. Paris: UNESCO, 2005.

UNESCO. *The Prague declaration: "towards na information literate society"*. 2003. Disponível em:
<http://www.unesco.org/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CI/CI/pdf/PragueDeclaration.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2021.

WALS, A.E.J. Sustainability in higher education in the contexto of the UNDES D: a review of learning and institutionalization processes. *Journal of Cleaner Production*, n. 62, p. 8-15, 2014.

ZURKOWSKI, P.G. *Information services environment relationships and priorities*. Washington D.C.: National Commission on Libraries, 1974.

CAPÍTULO 2

GRUPOS DE PESQUISA SOBRE COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO NO BRASIL: EM FOCO O NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO (GPCIn)¹⁷

Elizete Vieira Vitorino

1 INTRODUÇÃO

Com a frase “simplicidade é complexidade resolvida”, de Constantin Brancusi (1876-1957), Domênico de Masi dá início a mais uma de suas obras, desta vez “Uma simples revolução”, escrita em 2016 e publicada no Brasil em 2019. Para o autor (MASI, 2019, p. 11), “a necessidade de compreender e simplificar está na base de todo o conhecimento humano, de toda a busca científica e artística”. Os grupos de pesquisa – ainda que de maneira muito diferente da simplicidade pura – são constituídos com esta finalidade: estudar, discutir, esclarecer, ou seja, transformar uma realidade complexa em uma outra descrição “surpreendentemente simples e elegante”, mas com uma dose de reflexão que somente grupos que são criados com um

¹⁷ Este capítulo foi elaborado a partir do artigo de Ordovás et al. (2013), originalmente apresentado no XXV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação – realizado em Florianópolis, SC, Brasil, 07 a 10 de julho de 2013. Agora, com dados atualizados, esta versão incorpora novos elementos necessários ao atual cenário brasileiro da competência em informação.

propósito comum alcançam: o desenvolvimento científico e tecnológico e também humano.

Grupos de pesquisa fazem com os conhecimentos reunidos ao longo do tempo, “acupunturas no tecido complexo do presente”, com “incursões na nebulosa incerteza do futuro” (MASI, 2019, p. 11). É desta reunião de pesquisadores, alunos de graduação e pós-graduação, nos seus respectivos grupos que surgem indicadores de tendências, desde a realização de pesquisas individuais e coletivas, até a realização de eventos, pesquisas de campo, criação de parcerias, de disciplinas, orientações de alunos de graduação e de pós-graduação (iniciação científica, especialização, mestrado, doutorado etc.) acordos entre instituições em âmbito local, nacional e internacional.

No Brasil, um dos órgãos de significativa relevância, é o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) que fomenta a pesquisa científica, tecnológica e de inovação e promove a formação de recursos humanos qualificados para a pesquisa, em todas as áreas do conhecimento¹⁸. O Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil (DGP), vinculado ao CNPq, constitui-se no inventário dos grupos de pesquisa científica e tecnológica em atividade no

¹⁸ O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, fundação pública vinculada ao Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações, foi criado em 1951, desempenha papel primordial na formulação e condução das políticas públicas de ciência, tecnologia e inovação. Sua atuação é essencial para o desenvolvimento nacional e o reconhecimento das instituições de pesquisa e dos pesquisadores brasileiros pela comunidade científica internacional. Disponível em: http://cnpq.br/apresentacao_institucional/. Acesso em 03 jun. 2020.

País.¹⁹

Nesta perspectiva, no mês de fevereiro de 2020, foi lançada a publicação “Indicadores Nacionais de Ciência, Tecnologia e Inovação - Edição 2019”. Tais indicadores “[...] agregam dados de diversas fontes para prover uma visão global do sistema nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação e seus diversos atores [...]” (BRASIL. MCTI, 2020) e constituem um retrato de um objeto e de uma realidade complexos e em movimento “[...] representando o esforço do governo e da sociedade no domínio do conhecimento científico e tecnológico que condicionam o ritmo, abrangência e a direção do desenvolvimento social e econômico de um país”. A publicação lista, além de diversos indicadores, o total de dispêncios do governo federal com recursos para a pesquisa, recursos humanos, bolsas e bolsistas e comparações internacionais. Nela há uma tabela que apresenta os pesquisadores cadastrados no Diretório dos Grupos de Pesquisa (DGP) do CNPq por faixa etária, 2000/2016, onde o número é expressivo.²⁰ (BRASIL. MCTI, 2020, p.89)

O Brasil, como demonstrado no documento citado anteriormente, é bem servido de grupos de pesquisa. Para o caso deste trabalho e na área da Ciência da Informação – nosso

¹⁹ Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/web/dgp/o-que-e/>. Acesso em 02 jun. 2020.

²⁰ Ver

https://www.mctic.gov.br/mctic/opencms/indicadores/indicadores_cti.html e página 89 do documento “Indicadores Nacionais de Ciência, Tecnologia e Inovação - Edição 2019”. Disponível em: https://www.mctic.gov.br/mctic/export/sites/institucional/indicadores/arquivos/Indicadores_CTI_2019.pdf. Acesso em 04 jun. 2020.

berço de pesquisas, por exemplo, estão cadastrados 38 grupos de pesquisa no DGP do CNPq²¹.

Neste sentido, e a partir do próximo item, apresentamos as características e objetivos do Diretório de Grupos de Pesquisa (DGP), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Além disto, é apresentada a trajetória histórica do DGP, o cenário de constituição deste, bem como os aspectos metodológicos que foram adotados para a busca de grupos cadastrados no DGP que têm estudos relacionados com a temática da competência em informação.

O trabalho também relata as ações e contribuições do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Competência em Informação (GPCIn), cujas atividades iniciaram no ano de 2006, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com o objetivo de fomentar estudos e atividades que envolvam o tema. Destaca as atividades do GPCIn até a atualidade, com alguns aspectos históricos, buscando contribuir para a memória deste Núcleo. Descreve a participação do GPCIn na Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFSC (SEPEX), nos anos de 2011 e 2012, com o envolvimento dos alunos de graduação e de pós-graduação em diversas atividades do referido Núcleo.

Tendo em vista tendências e indicadores de novas pesquisas, apresenta a vulnerabilidade em informação – tema de interesse atual do Núcleo GPCIn e relata – com vistas à

²¹ Conforme consulta realizada em 02 de junho de 2020, no DGP, CNPq, com a palavra chave Ciência da Informação: http://dgp.cnpq.br/dgp/faces/consulta/consulta_parametrizada.jsf.

internacionalização e inovação, a realização de três edições do Seminário de Pesquisas e Práticas sobre Competência em Informação de Santa Catarina (III SEPCIn), cujas duas primeiras edições ocorreram em 2012 e 2018 e a última no ano de 2019 (III SEPCIn, juntamente com o I Seminário Internacional sobre Competência em Informação (I SEICIn) como evento Pós- XX ENANCIB 2019²². Temas atuais de pesquisa também são descritos, tais como a criação do Observatório LGBT+, no ano de 2018 e do Observatório Covid-19, no ano de 2020.

2 O DIRETÓRIO DE GRUPOS DE PESQUISA (DGP)²³

Constituir-se num “inventário dos grupos de pesquisa científica e tecnológica do Brasil”: este é o maior propósito do Diretório dos Grupos de Pesquisa (DGP) do CNPq. Para tanto, “[...] a existência da atividade permanente de pesquisa numa instituição é condição prévia para participação dela no DGP, e não o contrário” (CNPq. DGP., 2020). É por meio da institucionalização das pesquisas e da materIALIZAÇÃO destas em produtos, serviços e atividades várias que se estabelecem os grupos de pesquisa. Seus idealizadores/criadores são pesquisadores que vislumbram nos grupos de pesquisa, uma das maneiras de fortalecer o sistema de pesquisa e o

²² Ver site do evento em: <http://www.enancib2019.ufsc.br/> e link específico do eventos: I SEICIn – 1º Seminário Internacional de Competência em Informação (I SEICIn) e III SEPCIn – 3º Seminário de Pesquisas e Práticas sobre Competência em Informação de Santa Catarina (III SEPCIn) realizados pelo Núcleo GPCIn em <http://www.enancib2019.ufsc.br/seicin/>. Programação, notícias sobre os eventos, vídeos e outras atividades do GPCIn podem ser vistas em: <https://gpcin.ufsc.br/>, e, em <https://gpcin.ufsc.br/observatorio-covid-19/>.

²³ Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/web/dgp>. Acesso em 04 jun. 2020.

desenvolvimento da sua área de interesse, da sua cidade, do seu estado e país e, por fim, internacionalizar e promover o desenvolvimento científico e tecnológico.

Os grupos, por sua vez precisam estar cadastrados na plataforma DGP para poderem usufruir dos subsídios oferecidos pelo governo brasileiro à pesquisa. Os dados do Diretório DGP dizem respeito aos recursos humanos constituintes dos grupos (pesquisadores, estudantes e técnicos), às linhas de pesquisa, às áreas de conhecimento, aos setores de aplicação envolvidos, à produção científica, tecnológica e artística e às parcerias estabelecidas entre os grupos e as instituições. Com estes dados, o DGP pode descrever os limites e o perfil geral da atividade científico-tecnológica no Brasil. (CNPq. DGP., 2020). No diretório, pode-se localizar dados sobre a constituição e objetivos do DGP, quem pode participar e como é possível fazer parte do DGP. Há, também, uma base corrente, censos e histórico disponíveis para consulta. Quanto às finalidades do DGP, destacam-se (CNPq. DGP., 2020):

No que se refere a sua utilização pela comunidade científica e tecnológica no dia-a-dia do exercício profissional, é um [...] instrumento para o intercâmbio e a troca de informações [...] é capaz de responder quem é quem, onde se encontra, o que está fazendo e o que produziu recentemente.

Seja no nível das instituições, seja no das sociedades científicas ou, ainda, no das várias instâncias de organização político-administrativa do país, as bases de dados do Diretório são fontes [...] de informação [...] sobre os grupos da base de dados [...] (Base corrente), seu caráter

censitário convida ao aprofundamento do conhecimento por meio das [...] possibilidades de estudos de tipo survey. A construção de amostras [permite] o alcance de respostas sobre campos não cobertos pelos dados, como, por exemplo, o financiamento, a avaliação qualitativa da produção científica e tecnológica, bem como o padrão das interações entre grupos de pesquisa e o setor produtivo. Desta forma, é uma [...] ferramenta para o planejamento e a gestão das atividades de ciência e tecnologia.

Finalmente, sendo recorrente a realização de censos (quase sempre numa frequência bi-anual), as bases de dados resultantes representam um importante papel na preservação da memória da atividade científico-tecnológica no Brasil.

Para fazer parte do DGP, é necessário que as instituições atendam a critérios. Tais como (atender a um dos critérios) (CNPq. DGP., 2020):

- a) Universidades federais, estaduais, municipais ou privadas;
- b) Instituições de Ensino Superior - IES não universitárias, públicas ou privadas, que possuam pelo menos um curso de pós-graduação stricto sensu (mestrado, doutorado e mestrado profissional) reconhecido pela CAPES/MEC. As IES não universitárias podem ser centros universitários, faculdades integradas, faculdades isoladas, institutos e escolas. <<http://www.capes.gov.br/cursos-recomendados>>;
- c) Instituições que possuam pelo menos 1 (uma) bolsa em curso de Produtividade em Pesquisa (PQ) ou de Produtividade em Desenvolvimento Tecnológico e

Extensão Inovadora (DT);

- d) Institutos públicos de pesquisa científica;
- e) Institutos tecnológicos públicos, centros federais de educação tecnológica e institutos federais de educação tecnológica;
- f) Laboratórios de pesquisa e desenvolvimento de empresas;
- g) Demais instituições, públicas ou privadas (ex: as ECTPs - Entidades Científicas e Tecnológicas Privadas sem fins lucrativos) ficarão sujeitas a análise por parte do CNPq, baseada no conjunto dos três requisitos a seguir: execução de atividade permanente de pesquisa em CT&I (prevista em seus estatutos), existência de infraestrutura compatível com essa atividade e, pelo menos, 1 doutor com vínculo na instituição solicitante em regime de dedicação exclusiva entre os líderes de grupo.

Ainda assim, conforme consta nas orientações disponíveis no Diretório (CNPq. DGP, 2020), para fazer parte do DGP, o titular da instituição precisa solicitar a participação neste, preenchendo um formulário específico. O cadastro de um grupo de pesquisa, deste modo, é feito por intermédio da instituição que o abriga. E, se a instituição já participa do DGP, o pesquisador interessado em cadastrar seu grupo deve entrar em contato com o setor de pesquisa desta.

Há também orientações no DGP, para o caso de a instituição ainda não participar do DGP (CNPq. DGP, 2020). Neste caso, quem deve solicitar a participação é o seu Titular

(Reitor, Presidente, etc).²⁴

O Diretório, neste sentido, representa um espaço relevante para o cadastro da estrutura de pesquisa (pessoas, temáticas, projetos etc.) e também para a disseminação das atividades de pesquisa no Brasil e para além de suas fronteiras. É por este motivo que a criação, a institucionalização e o cadastro dos grupos de pesquisa sobre competência em informação no DGP do CNPq são necessários ao avanço das pesquisas sobre competência em informação, mostrando seu potencial de estudos e relevância no cenário da Ciência da Informação (CI) e, por fim, ocupando seu lugar de destaque entre as temáticas estudadas pela CI.

3 A PESQUISA SOBRE COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

Pesquisadores de países do mundo inteiro são exímios em investigar a temática da competência em informação e em reforçar a relevância desta sob diversos aspectos. Na Iberoamérica, também há destaque para a temática: Brasil e Espanha apresentam posições de destaque, mostrando sua expertise na condução da produção científica destes países.

A literatura já demonstra que temáticas e experiências vinculadas à competência em informação são recorrentes e relevantes para a Ciência da Informação. Artigos científicos e documentos já publicados ao redor do mundo desde os anos de 1974 (ZURKOWSKI, 1974; ALA/ACRL, 1989; 1998; 2004;

²⁴ As orientações, para este caso, podem ser acessadas em <http://lattes.cnpq.br/web/dgp/como-participar/>. Acesso em 04 jun. 2020.

2016) são prova irremediável de que a competência em informação é uma temática de crucial importância para o mundo – que ainda nos parece não ter sido devidamente reconhecida – segundo nossas concepções e estudos no cenário brasileiro (VITORINO; PIANTOLA, 2009; VITORINO; PIANTOLA, 2011; VITORINO; PIANTOLA, 2019), por isto um mapeamento dos grupos de pesquisa brasileiros sobre competência em informação torna-se relevante. Muito há que ser feito, neste caso específico, quanto à pesquisa sobre competência em informação no Brasil. Nos parece, deste modo, que identificar e caracterizar tais grupos pode auxiliar a preencher uma lacuna e mostrar a importância crescente do tema para a CI e para o mundo.

Nas últimas décadas, a Ciência da Informação e respectivas subáreas têm buscado alavancar frentes que possibilitem a criação de políticas públicas convincentes para suas demandas, de modo a garantir espaços de visibilidade, mas também de financiamentos específicos para o desenvolvimento de ações voltadas ao atendimento das necessidades de informação. A competência em informação é uma destas subáreas, onde pesquisadores já se dedicam a estudá-la em termos conceituais desde os anos 70 (ZURKOWSKI, 1974), mas ainda pouco ou nada se inovou em termos de ações e práticas e a uma contribuição efetiva para as políticas públicas e, muito menos ao cenário iberoamericano. Nosso propósito, nesse sentido, é contribuir com o cenário dos grupos de pesquisa e suas respectivas atividades.

Há, pelo que se percebe, uma expansão dos estudos na

área da competência em informação no Brasil. Esta linha de crescimento tem se mantido. É o que mostra o trabalho realizado por Alejandro Uribe-Tirado, pesquisador colombiano. Em Alfiniberoamérica e até o ano de 2019, se somarmos somente a produção quanto a artigos e apresentações de trabalhos em congressos e similares, os países Brasil e Espanha assim se destacam: Espanha com 309 artigos, e 120 apresentações de trabalhos em congressos e Brasil com 190 artigos, e 52 apresentações de trabalhos em congressos Isso significa que há um cenário promissor para a temática na Iberoamérica, mas ainda há muito o que se fazer. Um destes aspectos é o que se refere aos conceitos e definições.

Já são diversas as definições empregadas para a competência em informação em diferentes culturas e idiomas (HORTON JR., 2014). Para enfatizar o dinamismo decorrente do cenário complexo que caracteriza esta proposta de pesquisa, adotamos aquela sugerida pela *American Association of School Librarians* (ALA) em parceria com a *Association of College and Research Libraries* (ACRL), que apresentam uma definição atual e expandida para a temática: a competência em informação é o conjunto de habilidades integradas que abrange a descoberta reflexiva da informação, a compreensão de como a informação é produzida e valorizada, o uso da informação na criação de novos conhecimentos e a participação ética nas comunidades de aprendizagem (ALA/ACRL, 2016).

No Brasil, em seus quase 20 anos de pesquisas sobre o tema da competência em informação, muito já se tem

produzido e a temática têm amadurecido com novas perspectivas (VITORINO; PIANTOLA, 2009; VITORINO; PIANTOLA, 2011; VITORINO, 2016; BELLUZZO; FERES, 2013; ALVES; CORRÊA, LUCAS, 2016; BELLUZZO, 2018; RIGHETTO; VITORINO; MURIEL-TORRADO, 2018, somente para citar alguns exemplos).

Recentemente, vislumbrando um cenário de profundas transformações no cenário da competência em informação, a ALA, em associação com a *Association of College and Research Libraries* (ACRL), considerou que a competência em informação, como um movimento de reforma educacional, realizará melhor seu potencial se houver um conjunto mais rico e complexo de ideias centrais. O argumento para essa inovação consiste em: a) um ambiente de educação em rápida mudança; b) um ecossistema de informação dinâmico e incerto; c) os alunos têm um papel e uma responsabilidade maiores na criação de novos conhecimentos e no uso ético de dados e da informação; d) professores(as) têm maior responsabilidade na elaboração dos currículos que promovam a orientação ao uso da informação nas disciplinas; e, e) bibliotecários(as) têm maior responsabilidade na educação para a informação e na colaboração com professores(as). (ALA/ACRL, 2016). O *framework* proposto pela ACRL/ALA reflete o amadurecimento conceitual e histórico para a temática da competência em informação. Nesse ecossistema em rápida mudança, novas perspectivas disciplinares são enriquecedoras para a competência em informação. A temática da vulnerabilidade social é uma delas, pois, já se sabe que a competência em informação pode, nalguma medida, se

conectar às vulnerabilidades na perspectiva de reconhecer e atender necessidades de informação e, sob determinadas possibilidades, minimizar os efeitos perversos da falta de informação (GARCIA et al., 2017; LEAL et al., 2017; PAIANO et al., 2017).

Vislumbrando um cenário promissor para a pesquisa sobre competência em informação, Ordovás et al. (2013) realizaram uma consulta simples no buscador *Google*, utilizando “competência informacional” como termo de busca. Sobre este assunto recuperou-se, à época em torno de 22.700 ocorrências. Para o termo em inglês, “*information literacy*”, as autoras obtiveram um resultado de 3.080.000 ocorrências. Para a época, as autoras perceberam que, muito havia que ser investigado sobre o tema e que a identificação de grupos de pesquisa poderia ser uma destas vias que mostraria este cenário com tendências favoráveis à pesquisa sobre o assunto.

Na mesma linha de raciocínio e agora, quase dez anos depois, decidimos realizar busca semelhante²⁵, desta vez agregando também o termo “competência em informação” (mais adiante mostraremos o porque do uso desta expressão). Os resultados mostram que há interesse crescente na temática. Para “competência informacional” recupera-se 120.000 resultados – quase seis vezes mais que a busca anterior; para “competência em informação” 62.400 resultados, e, para “*information literacy*” 5.540.000 resultados (quase o dobro do resultado de 2013).

Após as primeiras incursões sobre o tema no mundo

²⁵ Busca realizada em 08 de junho de 2020.

em 1974 e no país, em 2000, este começa a ser difundido e muitos autores passaram a estudar o termo, desenvolver conceitos e teorizá-lo, com destaque para estudiosos da área da Ciência da Informação. Assim, desde o surgimento do termo até os dias atuais, pode-se identificar ações, na forma de projetos, núcleos de pesquisas, grupos de discussão, disciplinas e cursos voltados ao estudo da competência em informação, com relevância para a pesquisa científica e para a disseminação do termo, como demonstram os resultados da busca realizada no parágrafo anterior.

Com este olhar, o item seguinte apresenta os procedimentos metodológicos da pesquisa realizada no DGP do CNPq nos anos de 2013, 2019 e 2020, e, em seguida, relata a experiência do Núcleo GPCIn, criado no âmbito da Universidade Federal de Santa Catarina e cadastrado no referido Diretório. O Núcleo GPCIn, criado para ser a “casa” do Grupo de Pesquisa do mesmo nome, inclui não somente ações de pesquisa, mas de ensino e de extensão que extrapolam os “muros” da universidade (ORDOVÁS et al., 2013).

4 TRAJETÓRIA DA PESQUISA NO DGP/CNPQ E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No ano de 2012, a fim de identificar o cenário dos grupos de pesquisa no Brasil que se dedicavam aos estudos sobre competência em informação, e, com vistas a “relatar as ações e contribuições do Núcleo de Estudos e Pesquisas em

Competência Informacional (GPCIn)”²⁶ (ORDOVÁS et al., 2013), realizou-se uma pesquisa no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil (DGP), que culminou em artigo científico apresentado no XXV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação, ocorrido em Florianópolis, SC, de 07 a 10 de julho de 2013.

Deste modo, a pesquisa realizada no ano de 2012 e publicada no ano de 2013, trouxe um levantamento de núcleos e grupos similares, no território nacional, utilizando o Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil (DGP) do CNPq, com o intuito de reunir informações sobre tais iniciativas nas Instituições de Educação Superior (IES) brasileiras, e que de alguma forma teriam o tema “competência informacional” (e termos correlatos) como objeto de seus estudos. Para verificar os grupos existentes, optou-se por realizar a busca na base de

²⁶ No ano de criação do Núcleo GPCIn (2006) e durante os anos que se seguiram, até o final do ano de 2015, o nome do Núcleo se referia à “competência informacional”. A partir do início do ano de 2016 – ocorre a adoção do termo “competência em informação”, ou seja, o Núcleo GPCIn passa a ser intitulado de Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Competência em Informação. Esta mudança passa a ser adotado na produção científica da autora deste capítulo a partir desta data (VITORINO, 2016). Cabe destacar que alguns documentos brasileiros e internacionais foram marcantes para a alteração da expressão adotada anteriormente. São eles: o documento da IFLA de 2007 e traduzido para o Brasil em 2008, intitulado “Diretrizes sobre desenvolvimento de habilidades em informação para a aprendizagem permanente” (LAU, 2007), o Informe APEI sobre *Alfabetización Informacional* da *Asociación Profesional de Especialistas en Información* da Espanha (CALDERÓN-REHECHO, 2010), a Declaração de Maceió sobre a Competência em Informação (2011), a Carta de Marília sobre Competência em Informação (2014) e a obra *Overview of Information Literacy Resources Worldwide*, sob a chancela da UNESCO, nas suas duas edições (HORTON JR., 2013; HORTON JR., 2014, p. 496).

dados do Diretório, utilizando alguns termos usualmente encontrados sobre o assunto. Na pesquisa realizada e publicada em 2013, os termos usados foram: competência informacional, competência em informação, alfabetização informacional e literacia da informação. A busca, à época, recuperou 17 grupos de pesquisa, distribuídos em diversas IES do Brasil (ORDOVÁS et al., 2013). Os grupos localizados à época, bem como os grupos localizados no ano de 2019 e, agora, em 2020, para fins de atualização, estão apresentados no que segue.

5 COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: GRUPOS DE PESQUISA NO BRASIL

A seguir apresentaremos os principais Grupos de pesquisa sobre competência em informação de 2012 e fazemos um paralelo com os Grupos de pesquisa sobre competência em informação de 2020.

5.1 Grupos de pesquisa sobre competência em informação – ano 2012

Para os fins do trabalho empreendido em 2012 e publicado no ano de 2013, foi realizada uma busca na base de dados do diretório para verificar quais grupos de estudos forneceram como descritores de busca a temática “competência informacional”. Foram utilizados os termos fechados, empregados usualmente na literatura da área, tais como competência informacional, competência em informação, alfabetização informacional e literacia da informação. Os 17 grupos recuperados, distribuídos em

diversas IES, são apresentados no trabalho em ordem cronológica do ano de criação destes, conforme Ordovás et al. (2013)²⁷.

Quadro 1 - Grupos de pesquisa sobre competência em informação no DGP, 2012

1 - Grupo	Informação, Tecnologia e Sociedade
Instituição vinculada	UFSC
Ano de formação	1996
Líder(es)	Gregório Jean Varvakis Rados Gleisy Regina Bóries Fachin
Linha de pesquisa	Gestão da Informação, qualidade e tecnologia Informação, educação, ética e representação de sociedade
Link – Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil – CNPq	http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0043607JCBUJDZ http://nipeeb.blogspot.com/
2 - Grupo	Gestão da Informação e do Conhecimento
Instituição vinculada	UFMG
Ano de formação	1997
Líder(es)	Ricardo Rodrigues Barbosa Marta Macedo Kerr Pinheiro
Linha de pesquisa	Avaliação de sistemas de informação organizacionais

²⁷ Decidiu-se por trazer, neste trabalho, o quadro completo dos grupos localizado à época para fins apresentar uma perspectiva histórica e para fins de comparação. Cabe destacar que as nomenclaturas de alguns grupos se alteram ao longo do tempo, tendo em vista mudanças de interesses de pesquisa, grupos são excluídos, novos grupos são criados, pesquisadores se aposentam e trocam de grupos etc. Somente para exemplificar, na pesquisa realizada e mostrada no quadro 1, o Grupo “Competência Informacional – GPcIn”, em janeiro de 2015 passou a adotar o nome “Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Competência em Informação (GPCIn)”

	<p>Cognição em organizações Compartilhamento da informação e gestão do conhecimento Cultura e competência informacionais Fontes e serviços de informação para negócios Inteligência organizacional e competitiva Ontologias organizacionais Políticas de informação (nacionais e transnacionais) para a infoinclusão Sistemas de informação organizacionais</p>
Link – Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil – CNPq	<p>http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0333607CJFVWE8 www.eci.ufmg.br</p>
3 - Grupo	Cultura, práticas escolares e educação histórica
Instituição vinculada	UFPR
Ano de formação	1997
Líder(es)	<p>Maria Auxiliadora Moreira dos Santos Schmidt Tânia Maria Figueiredo Braga Garcia</p>
Linha de pesquisa	Informação, cultura e sociedade
Link – Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil – CNPq	<p>http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0333607DPY6FR0 http://gebe.eci.ufmg.br/</p>
4 - Grupo	Grupo de estudos em biblioteca escolar
Instituição vinculada	UFMG
Ano de formação	1998
Líder(es)	Bernadete Santos Campello
Linha de pesquisa	Informação, cultura e sociedade
Link – Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil – CNPq	<p>http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0333607DPY6FR0 http://gebe.eci.ufmg.br/</p>
5 - Grupo	Estudos de informação e avaliação em

	ciência e tecnologia e saúde
Instituição vinculada	FIOCRUZ
Ano de formação	2002
Líder(es)	Maria Cristina Soares Guimarães Eduardo Vieira Martins
Linha de pesquisa	Comunicação e avaliação em ciência & saúde: perspectivas sócio técnicas e políticas Design e Inovação em Ciência e Tecnologia Formulação da agenda de pesquisa em saúde no Brasil Gestão da Informação e Competência Informacional em Ciência, Tecnologia e Inovação em Saúde (CT&IS) Informação em biodiversidade e saúde
Link – Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil – CNPq	http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0039607JOX6ECZ http://www.icict.fiocruz.br
6 - Grupo	Núcleo de Tecnologias e Educação a Distância em Saúde – NUTEDS
Instituição vinculada	UFC
Ano de formação	2002
Líder(es)	Luiz Roberto de Oliveira Lidia Eugenia Cavalcante
Linha de pesquisa	Aquisição, Processamento e Distribuição de Imagens na Área de Saúde Avaliação em EaD em Saúde Competências Informacionais e Situações de Aprendizagem Ensino a Distância (EAD) em Saúde Ensino de Telemedicina e Teleinformática em Saúde Gestão e Análise Econômica em EaD online na Saúde Modelização do Conhecimento de

	<p>Informação</p> <p>Políticas de Informação em Saúde</p> <p>Registro Eletrônico de Saúde</p> <p>Teleprocessamento e Redes em Saúde</p> <p>Telessaúde e Telemedicina</p>
Link – Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil – CNPq	<p>http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=00894016MUJJ49</p> <p>http://www.nuteds.ufc.br</p>
7 - Grupo	Comunicação científica em saúde
Instituição vinculada	USP
Ano de formação	2004
Líder(es)	Angela Maria Belloni Cuenca Helene Mariko Ueno
Linha de pesquisa	<p>Avaliação de Produção Científica</p> <p>Competência em informação na área de saúde pública</p> <p>Informação e Comunicação Científica em Saúde Pública</p>
Link – Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil – CNPq	http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0067406JROCMT3
8 - Grupo	Informação, conhecimento e inteligência organizacional
Instituição vinculada	UNESP
Ano de formação	2004
Líder(es)	Marta Lígia Pomim Valentim Daniela Pereira dos Reis de Almeida
Linha de pesquisa	<p>Cultura e Comportamento Informacional</p> <p>Formação e Atuação Profissional em Gestão da Informação</p> <p>Gerenciamento de Recursos Informacionais</p> <p>Gestão da Informação</p> <p>Gestão do Conhecimento</p> <p>Gestão Documental</p> <p>Gestão, Mediação e Uso da Informação</p>

	Informação, Conhecimento e Tecnologia Inteligência Competitiva Organizacional
Link – Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil – CNPq	http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0330607YS19IU3 http://www.valentim.pro.br/GICIO/index.html
9 - Grupo	Grupo de pesquisa em relações interorganizacionais e redes – GERIR
Instituição vinculada	UNB
Ano de formação	2004
Líder(es)	Valmir Emil Hoffmann Janann Joslin Medeiros
Linha de pesquisa	Alianças estratégicas e parcerias Concentrações geográficas de empresas. arranjos produtivos locais Estratégia em organizações Redes de políticas públicas
Link – Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil – CNPq	http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0240602LC9AJXO http://www.ppga.unb.br/
10 - Grupo	Comunicação e divulgação científicas
Instituição vinculada	IBICT
Ano de formação	2005
Líder(es)	Lena Vania Ribeiro Pinheiro Eloísa da Conceição Príncipe de Oliveira
Linha de pesquisa	Comunicação e Divulgação Científicas Comunicação e Informação em Museus Informação e Socialização do Conhecimento em Comunidades Metrias da Comunicação Científica Usabilidade e Acessibilidade
Link – Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil – CNPq	http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0026607ON4DU78
11 - Grupo	Competência Informacional – GPCIn

Instituição vinculada	UFSC
Ano de formação	2006
Líder(es)	Elizete Viera Vitorino Daniela Piantola
Linha de pesquisa	Profissionais da informação
Link – Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil – CNPq	http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0043607R1DMU3F http://gpcin.webnode.com.br/
12 - Grupo	Tecnologia da informação e comunicação
Instituição vinculada	UFPB
Ano de formação	2007
Líder(es)	Júlio Afonso Sá de Pinho Neto Suely Henrique de Aquino Gomes
Linha de pesquisa	Ética, gestão e políticas de informação Inclusão Digital
Link – Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil – CNPq	http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0083609LUOX4EQ
13 - Grupo	Comportamento e competência informacionais
Instituição vinculada	UNESP
Ano de formação	2008
Líder(es)	Helen de Castro Silva Casarin
Linha de pesquisa	Competência informacional Comportamento informacional
Link – Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil – CNPq	http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0330607Y5FR07H
14 - Grupo	Competência em informação: suas múltiplas relações
Instituição vinculada	UEL
Ano de formação	2009
Líder(es)	Linete Bartalo
Linha de pesquisa	Compartilhamento da informação e conhecimento

Link – Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil – CNPq	http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0080607FPW6Z8G
15 - Grupo	Educação científica e tecnológica na formação profissional
Instituição vinculada	IF – Catarinense
Ano de formação	2009
Líder(es)	Sirlei de Fátima Albino Marouva Fallgatter Faqueti
Linha de pesquisa	A pesquisa na formação profissional Alfabetização Científica competência informacional Formação docente para profissionais de áreas técnicas Pesquisa no ensino - concepções, metodologias e práticas pedagógicas
Link – Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil – CNPq	http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=89277087EOHRY8
16 - Grupo	Informação, design e usabilidade
Instituição vinculada	UNB
Ano de formação	2009
Líder(es)	Ivette Kafure Muñoz
Linha de pesquisa	Comunicação e Mediação da Informação
Link – Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil – CNPq	http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0240607FR08HT2 http://www.fci.unb.br/M001/M0011000.ASP?txtID_PRINCIPAL=140
17 - Grupo	Competência em informação
Instituição vinculada	UNB
Ano de formação	2011
Líder(es)	Elmira Luzia Melo Soares Simeão Aurora Cuevas
Linha de pesquisa	Comunicação da informação
Link – Diretório dos Grupos de Pesquisa	http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0240607Y71AHR3

no Brasil – CNPq	www.fci.unb.br
------------------	----------------

Fonte: Ordovás et al. (2013).

O quadro 1 destaca informações básicas de cada grupo. Para conhecer detalhes adicionais, como a repercussão dos trabalhos do grupo, os autores sugeriram pesquisar cada grupo individualmente na base do Diretório (ORDOVÁS et al. 2013). O estudo verificou que o primeiro grupo foi criado em 1996. A despeito do grupo criado neste ano utilizar o termo como descritor de busca, pode-se deduzir que o termo foi adicionado posteriormente, pois os estudos sobre a temática no Brasil começam a ser observados a partir do ano 2000. Os endereços eletrônicos de cada grupo de estudo, no DGP e o endereço das respectivas *Home Page*²⁸, foi também indicado pelos autores para auxiliar em pesquisas posteriores (ORDOVÁS et al. 2013). Além disso, ao analisarem os grupos, observou-se que os estudos sobre o tema não se restringem apenas às áreas abrangidas pela Ciência da Informação, berço da competência em informação: verificaram-se incursões nas áreas da saúde, educação e administração (ORDOVÁS et al. 2013).

5.2 Grupos de pesquisa sobre competência em informação – ano 2020

Para a pesquisa realizada no ano de 2019, apresentada no I SEICIn – 1º Seminário Internacional de Competência em Informação (I SEICIn) e III SEPCIn – 3º Seminário de Pesquisas e Práticas sobre Competência em Informação de Santa Catarina (III SEPCIn), ocorrido no dia 25/10/2019, na cidade de

²⁸ Páginas na Internet, blogs, *sites*, alguns já descontinuados.

Florianópolis, Santa Catarina, como pós XX ENANCIB, e, agora atualizada (junho do ano de 2020) para os fins deste trabalho, buscou-se apresentar maiores detalhes nos procedimentos metodológicos.

Quanto à data de realização da busca no DGP, esta foi realizada em 02 de junho de 2020²⁹, uma “busca parametrizada” na base corrente do no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil (DGP). Os termos de busca utilizados foram: competência em informação, competência informacional, alfabetização em informação, alfabetização informacional, letramento em informação, letramento informacional, literacia em informação e literacia informacional. A escolha por estes termos deve-se ao fato da experiência em pesquisa mostrar serem os termos mais utilizados no Brasil. Optou-se pela “busca exata”³⁰.

A busca foi realizada nos campos: nome do grupo, nome da linha de pesquisa e palavra-chave da linha de pesquisa. Quanto à situação dos grupos na base corrente do DGP, buscou-se por grupos certificados e também por grupos não-atualizados. Posteriormente, a fim de verificar se algum grupo poderia ter sido excluído deste procedimento de busca, optou-se por realizar a “busca exata” dos termos de busca do

²⁹ Esta data é importante de ser mencionada, pois grupos localizados e apresentados na palestra do I SEICIn, em 2019, não foram localizados nesta nova busca, mostrando que a base do DGP ou apresenta inconsistências, ou os grupos, por algum motivo foram excluídos, não foram atualizados por um período de um ano, entre outros elementos desconhecidos desta pesquisadora.

³⁰ Para ter acesso à “busca parametrizada” na base corrente do DGP, consultar:

http://dgp.cnpq.br/dgp/faces/consulta/consulta_parametrizada.jsf

quadro 2, em 22 e 23 de junho de 2020, por “Nome do grupo”, “Nome da linha de pesquisa”, “Palavra-chave da linha de pesquisa” e, incluiu-se “Objetivo da linha de pesquisa”.

Nesta nova fase, outros grupos foram localizados e inseridos nos quadros 2 e 3. A busca foi realizada na base corrente do DGP e nos grupos com a situação “certificado” e “não-atualizado”. Percebeu-se que grupos que antes não haviam sido recuperados, constavam da situação “em preenchimento” e/ou, com não atualizado, destes, alguns desde ano de 2019, por exemplo. Ao todo, somadas as buscas, foram localizados 31 grupos de pesquisa (quadros 2 e 3).

Os resultados da busca, mostrados no quadro 2, em comparação com o quadro 1, mostram um cenário de mudanças no que se refere aos grupos de pesquisa: novas temáticas, novas tendências e indicadores de pesquisa: hoje, são quase o dobro daqueles pesquisados por Ordovás et al. (2013).

O quadro 3 apresenta os resultados da busca realizada em 02 de junho de 2020, com complementos de dados de 03 de junho de 2020³¹ e novas buscas em 22 e 23 de junho de

³¹ As buscas realizadas em 02 e 03/06/2020, localizaram grupos que, ao serem sinalizados, foram buscados novamente em 22/06/2020, a fim de completar os dados do quadro 3, contudo, percebeu-se que alguns grupos não foram recuperados nessa verificação de dados. Um destes grupos é o LAGENTI - Laboratório Interdisciplinar de Gestão e Tecnologia da Informação, cujo termo de busca foi “competência informacional”. Foram várias tentativas de busca e sem sucesso, pelo nome do grupo, base corrente e pelos pesquisadores David Vernon Vieira e Fabiana Aparecida Lazzarin. Por outro lado, ao se realizar a busca no censo de 2016, localizou-se, pela pesquisadora Fabiana Aparecida Lazzarin o referido grupo. Na situação do grupo consta “em preenchimento”.

2020.

Quadro 2 – Total de grupos de pesquisa sobre competência em informação no DGP, por termos de busca.

Termos de busca utilizados no DGP	Resultados
competência em informação	07 grupos 07 grupos (23/06/2020) ³²
competência informacional	02 grupos 05 grupos (22/06/2020) ³³
alfabetização em informação	01 grupo - não contabilizado ³⁴ 01 grupo (22/06/2020) ³⁵
alfabetização informacional	-
letramento em informação	-
letramento informacional	03 grupos 06 grupos (22/06/2020) ³⁶
literacia em informação	-
literacia informacional	01 grupo - não contabilizado ³⁷
Total de grupos localizados	31 grupos

Fonte: Busca parametrizada realizada no DGP/CNPq.

³² Foram indicados aqui somente os grupos que não se repetiram em buscas anteriores. Para este termo, cabe destacar que as buscas realizadas em 23 de junho de 2020 mostraram 34 (trinta e quatro) resultados e que alguns destes se apresentavam repetidos, deste modo, as buscas iniciais apresentaram 07 (sete) grupos e as posteriores mais 7 (sete) grupos, totalizando, para o termo “competência em informação”, 14 (quatroze) grupos.

³³ Foram indicados aqui somente os grupos que não se repetiram em buscas anteriores.

³⁴ Grupo já indicado no termo “competência em informação”: “Competência em Informação e processos inter-relacionados”, não faz parte da contagem do total de grupos.

³⁵ Foram indicados aqui somente os grupos que não se repetiram em buscas anteriores.

³⁶ Foram indicados aqui somente os grupos que não se repetiram em buscas anteriores.

³⁷ Grupo já indicado no termo “letramento informacional”: “Usuários, produtores e mediadores da informação: letramento e comportamentos informacionais”, não faz parte da contagem do total de grupos.

A indicação destas datas é importante, pois o cenário dos dados destes grupos vêm apresentando uma dinâmica de transformação considerável. Um exemplo dessa dinâmica, pode ser visto em grupos que no dia 02/06/2020 apresentavam “situação: certificado não atualizado há mais de 12 meses” e que na nova busca, nos dias 22 e 23 de junho de 2020 já haviam sido alterados para “situação: certificado”. Isso ocorre de fato, tendo em vista que os líderes de grupos podem realizar, a qualquer tempo, alterações em quaisquer dados do grupo, inclusive na situação deste.

Quadro 3 - Grupos de pesquisa sobre competência em informação certificados, DGP – CNPQ, 2020

1 - Grupo	Competência e mediação em ambientes de informação
Instituição vinculada	Universidade Federal do Ceará – UFC
Ano de formação	2015
Líder(es)	Maria Giovanna Guedes Farias Gabriela Belmont de Farias
Linhas de pesquisa	Competência, gestão e recursos de informação Comunicação Científica Mediação da informação: desenvolvendo constructos teórico-pragmáticos em ambientes de informação
Endereço para acessar este espelho	dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2775385260000252 Situação do grupo: Certificado
Termo de busca	competência em informação

2 - Grupo	Competência em Informação e processos inter-relacionados³⁸
Instituição vinculada	Universidade Federal do Espírito Santo - UFES
Ano de formação	2017
Líder(es)	Marta Leandro da Mata
Linha de pesquisa	Competência em informação em variados ambientes Mediação, compartilhamento e apropriação da informação Profissionais da informação
Endereço para acessar este espelho	dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3374336976852309 Situação do grupo: Certificado
Termos de busca	competência em informação alfabetização em informação
3 - Grupo	Comunicação Científica em Saúde Pública
Instituição vinculada	Universidade de São Paulo – USP
Ano de formação	2004
Líder(es)	Angela Maria Belloni Cuenca Ivan França Junior
Linhas de pesquisa	Avaliação de Produção Científica Competência em informação na área de saúde pública Redes sociais na comunicação científica
Endereço para acessar este espelho	dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4584536822611988 (grupo em preenchimento)
Área predominante	Ciências da Saúde; Saúde Coletiva
Termo de busca	competência em informação
4 - Grupo	Cultura, Mediação e Gestão da Informação
Instituição vinculada	Universidade Federal do Ceará - UFC

³⁸ Este grupo consta nos resultados de dois termos de busca, e, por este motivo, foi inserido uma vez no quadro 3.

Ano de formação	2010
Líder(es)	Lidia Eugenia Cavalcante Jefferson Veras Nunes
Linhas de pesquisa	Cultura, Mediação e Informação Social Gestão da Informação e do Conhecimento
Endereço para acessar este espelho	dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/551265 9902969332 Situação do grupo: certificado
Termo de busca	competência em informação
5 - Grupo	Escritos - Estudos críticos em informação, tecnologia e organização social
Instituição vinculada	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - IBICT
Ano de formação	2017
Líder(es)	Arthur Coelho Bezerra
Linhas de pesquisa	Competência em informação e competência crítica em Informação Regimes de informação e o novo regime de informação
Endereço para acessar este espelho e página do grupo	dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/506868 2543791042 http://escritos.ibict.br/ Situação do grupo: Certificado
Termo de busca	competência em informação
6 - Grupo	GPCIn - Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Competência em Informação
Instituição vinculada	Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC
Ano de formação	2006
Líder(es)	Elizete Vieira Vitorino Eliana Maria dos Santos Bahia Jacintho
Linhas de pesquisa	Competência em informação Profissionais da Informação Vulnerabilidade em informação
Endereço para acessar	dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/072317

este espelho e página do grupo	4267438921 https://gpcin.ufsc.br/ Situação do grupo: Certificado
Termo de busca	competência em informação
7 - Grupo	Informação, Conhecimento e Inteligência Organizacional
Instituição vinculada	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP
Ano de formação	2004
Líder(es)	Marta Lígia Pomim Valentim Marcia Cristina de Carvalho Pazin Vitoriano
Linhas de pesquisa	Aprendizagem Organizacional Competência em Informação Cultura e Comportamento Informacional Formação e Atuação Profissional em Gestão da Informação Gerenciamento de Recursos Informacionais Gestão da Informação Gestão do Conhecimento Gestão Documental/Gestão de Documentos Gestão, Mediação e Uso da Informação Informação, Conhecimento e Tecnologia Inteligência Competitiva Organizacional Mediação da Informação Memória Organizacional/Memória Institucional
Endereço para acessar este espelho	dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1085813029876963 Situação do grupo: Certificado
Termo de busca	competência em informação

8 - Grupo	Competência leitora e competência em informação: saberes e fazeres transdisciplinares no campo da Ciência da Informação
Instituição vinculada	Universidade Federal do Espírito Santo - UFES
Ano de formação	2019 (inserido no DGP em 17/12/2019)
Líder(es)	Meri Nadia Marques Gerlin
Linhas de pesquisa	Ações e programas para o desenvolvimento de competências Competência em informação e novas tecnologias Competência leitora e uso ético da informação (hiper)textual Competências em processos de recuperação e comunicação da informação Saberes e fazeres em torno das competências leitora e em informação
Endereço para acessar este espelho	dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/6579742256623097 Situação do grupo: certificado
Termo de busca	competência em informação
9 - Grupo	Laboratório de informação científica e tecnológica do Canal Ciência
Instituição vinculada	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - IBICT
Ano de formação	2018
Líder(es)	Wagner Fischer
Linhas de pesquisa	Competência crítica em Informação Divulgação e popularização da informação científica e tecnológica
Endereço para acessar este espelho	dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/8731307187447857 Situação do grupo: certificado
Termo de busca	competência em informação

10 - Grupo	Laboratório de competência em informação e prática informacional (LabCoInfo)
Instituição vinculada	Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
Ano de formação	2018
Líder(es)	Marianna Zattar Barra Ribeiro Nysia Oliveira de Sá
Linhas de pesquisa	Competência em informação Prática informacional
Endereço para acessar este espelho	dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5385489597291306 Situação do grupo: certificado- não-atualizado há mais de 12 meses
Termo de busca	competência em informação
11 - Grupo	Arquivologia e competência em informação – GPARqColInfo
Instituição vinculada	Universidade Federal do Pará - UFPA
Ano de formação	2019
Líder(es)	Renata Lira Furtado
Linhas de pesquisa	Competência em Informação e aprendizagem no contexto arquivístico Competência em Informação e o fazer arquivístico Competência em Informação e os fenômenos informacionais no contexto arquivístico Competência em informação e Práticas informacionais
Endereço para acessar este espelho	dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2891116557973457 Situação do grupo: certificado
Termo de busca	competência em informação
12 - Grupo	Grupo de Estudos Críticos sobre Ciência da Informação e Tecnologia
Instituição vinculada	Universidade Federal do Pará - UFPA
Ano de formação	2016

Líder(es)	Cristian Berrío-Zapata Fernando de Assis Rodrigues
Linhas de pesquisa	Acessibilidade, Inclusão e Plataformas Digitais Competência em Informação e Arquivologia: espectros e inter-relações Comportamento Informacional Tecnológico Estudos críticos em e-Governo e plataformização Estudos críticos na Ciência da Informação Estudos Metateóricos e Análise de Domínio Memoria e Pesquisa Histórica Crítica
Endereço para acessar este espelho	dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4194783102929696 Situação do grupo: certificado - não-atualizado há mais de 12 meses
Termo de busca	competência em informação
13 - Grupo	PROJECIT - Gestão de Projetos em Educação, Ciência, Informação e Tecnologia
Instituição vinculada	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB
Ano de formação	2014
Líder(es)	Jobson Louis Santos de Almeida Valmira Perucchi
Linhas de pesquisa	Gestão de Projetos Educativos em Bibliotecas Produção e comunicação da informação em ciência, tecnologia e inovação Tecnologias de apoio ao ensino, à pesquisa e à extensão
Endereço para acessar este espelho	dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/6261179460433428 Situação do grupo: certificado

Termo de busca	competência em informação
14 - Grupo	MINNI Mundo: Mediações Interculturais, Negociações e Negociadores Internacionais no Mundo
Instituição vinculada	Universidade Federal da Paraíba - UFPB
Ano de formação	2018
Líder(es)	Roberto Vilmar Satur Alyanne de Freitas Chacon
Linhas de pesquisa	Interculturalidade, Linguística e Línguas Estrangeiras Aplicadas, Negócios, Negociações e Negociadores no Mercado Intercultural
Endereço para acessar este espelho	dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0494365512386628 Situação do grupo: em preenchimento
Área predominante	Outra; Divulgação Científica
Termo de busca	competência em informação
15 - Grupo	Informação, Tecnologia e Sociedade
Instituição vinculada	Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC
Ano de formação	1996
Líder(es)	Vinícius Medina Kern Gregório Jean Varvakis Rados
Linhas de pesquisa	Gestão da Informação, qualidade e tecnologia Informação, educação, ética e representação de sociedade
Endereço para acessar este espelho e blog do grupo	dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0253206695837277 nipeeb.blogspot.com/ Situação do grupo: Certificado
Termo de busca	competência informacional
16 - Grupo	Comportamento e competência informacionais ³⁹

³⁹ Este grupo consta nos resultados de dois termos de busca, e, por este motivo, foi inserido uma vez no quadro 3.

Instituição vinculada	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP
Ano de formação	2008
Líder(es)	Helen de Castro Silva Casarin
Linhas de pesquisa	Competência informacional Comportamento informacional
Endereço para acessar este espelho	dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/9108027297960088 Situação do grupo: em preenchimento
Termo de busca	competência informacional letramento informacional
17 - Grupo	Educação científica e tecnológica na formação profissional
Instituição vinculada	Instituto Federal Catarinense – IFC
Ano de formação	2009
Líder(es)	Sirlei de Fátima Albino Silma Côrtes da Costa Battezzati
Linhas de pesquisa	A pesquisa na formação profissional Alfabetização Científica Competência informacional Formação docente para profissionais de áreas técnicas Pesquisa no ensino - concepções, metodologias e práticas pedagógicas
Endereço para acessar este espelho	dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/9448065758376912 Situação do grupo: certificado
Termo de busca	competência informacional
18 - Grupo	Grupo de Estudos, Pesquisa e Inovação em Saúde Digital
Instituição vinculada	Universidade Federal do Ceará - UFC
Ano de formação	2009
Líder(es)	Luiz Roberto de Oliveira Mônica Cardoso Façanha
Linhas de pesquisa	Profissionais da informação Avaliação em EaD em Saúde Competências Informacionais e

	<p>Situações de Aprendizagem</p> <p>Ensino a Distância (EAD) em Saúde</p> <p>Ensino de Telemedicina e</p> <p>Teleinformática em Saúde</p> <p>Games e Gamificação em Educação em Saúde</p> <p>Gestão e Análise Econômica em EaD online na Saúde</p> <p>Metodologias Ativas de ensino-aprendizagem na formação profissional em saúde</p> <p>Modelização do Conhecimento de Informação</p> <p>Políticas de Informação em Saúde</p> <p>Registro Eletrônico de Saúde</p> <p>Saúde Digital</p> <p>Telessaúde e Telemedicina</p>
Endereço para acessar este espelho	<p>dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3782309126206838</p> <p>Situação do grupo: certificado</p>
Área predominante	Ciências da Saúde; Medicina
Termo de busca	competência informacional
19 - Grupo	Grupo de Estudos e Pesquisas "Gestão da Informação, Conhecimento e Tecnologias - GICTEC"
Instituição vinculada	Universidade Federal da Paraíba - UFPB
Ano de formação	2007
Líder(es)	Júlio Afonso Sá de Pinho Neto Suely Henrique de Aquino Gomes
Linhas de pesquisa	Inclusão Digital Ética, gestão e políticas de informação
Endereço para acessar este espelho	<p>dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/6389557110162488</p> <p>Situação do grupo: certificado</p>
Termo de busca	competência informacional
20 - Grupo	Informação e leitura
Instituição vinculada	Universidade Federal de Minas Gerais –

	UFMG
Ano de formação	2007
Líder(es)	Ligia Maria Moreira Dumont
Linha de pesquisa	Informação e Leitura
Endereço para acessar este espelho	dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5649222301573658 Situação do grupo: certificado
Termo de busca	competência informacional
21 - Grupo	Alaye - laboratório de pesquisa em informação antirracista e sujeitos informacionais
Instituição vinculada	Universidade Federal de Goiás – UFG
Ano de formação	2019 (inserido no DGP em 04/12/2019)
Líder(es)	Erinaldo Dias Valério
Linhas de pesquisa	Descolonizando a Biblioteconomia e Ciência da Informação: interseccionalidade de gênero, sexualidade e raça Leitura e formação de leitores (as) em diferentes ambientes e contextos informacionais Sujeitos informacionais na busca, acesso, uso e produção de saberes
Endereço para acessar este espelho	dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/8625946475445320 Situação do grupo: certificado
Termo de busca	competência informacional
22 - Grupo	MIL - Mediação da Informação e Leitura⁴⁰
Instituição vinculada	Universidade Federal do Rio Grande – FURG
Ano de formação	2017
Líder(es)	Renata Braz Gonçalves Mariza Ines da Silva Pinheiro

⁴⁰ Este grupo consta nos resultados de três termos de busca, e, por este motivo, foi inserido uma vez no quadro 3.

Linhas de pesquisa	Leitura: história, práticas, políticas e mediação Competência em Informação Espaços de leitura e informação: bibliotecas escolares, públicas e universitárias Formação de professores e bibliotecários Mediação da Informação
Endereço para acessar este espelho	dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5402075720039783 Situação do grupo: Certificado - Não-atualizado há mais de 12 meses
Termo de busca	competência em informação alfabetização em informação letramento informacional
23 - Grupo	Educação Superior e Multiletramentos
Instituição vinculada	Centro Universitário Projeção – UniPROJEÇÃO
Ano de formação	2016
Líder(es)	Jonathan Rosa Moreira
Linha de pesquisa	Letramento Informacional e educação para a informação
Endereço para acessar este espelho	dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3264532605448262 Situação do grupo: Certificado - Não-atualizado há mais de 12 meses
Termo de busca	letramento informacional
24 - Grupo	Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar
Instituição vinculada	Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG
Ano de formação	1998
Líder(es)	Marília de Abreu Martins de Paiva Bernadete Santos Campello
Linha de pesquisa	Usuários, gestão do conhecimento e práticas informacionais
Endereço para acessar	dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/143217

este espelho	8970412085 Situação do grupo: Certificado - Não-atualizado há mais de 12 meses
Termo de busca	letramento informacional
25 - Grupo	Usuários, produtores e mediadores da informação: letramento e comportamentos informacionais⁴¹
Instituição vinculada	Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR
Ano de formação	2014
Líder(es)	Ariadne Chloe Mary Furnival
Linhas de pesquisa	Acesso aberto às publicações geradas pelo setor público Avaliação de serviços para usuários de bibliotecas e sistemas de informação Biblioteconomia baseada na evidência - BBE Comportamento Informacional Direitos autorais no contexto de acesso aberto Literacias informacionais
Endereço para acessar este espelho	dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4015075948347180 Situação do grupo: em preenchimento
Termo de busca	letramento informacional literacia informacional
26 - Grupo	Lumus - Pesquisas em Comunicação Científica e Letramento Informacional
Instituição vinculada	Universidade Federal de Goiás - UFG
Ano de formação	2015
Líder(es)	Andréa Pereira dos Santos Suely Henrique de Aquino Gomes
Linhas de pesquisa	Ciência e cotidiano Divulgação Científica

⁴¹ Este grupo consta nos resultados de dois termos de busca, e, por este motivo, foi inserido uma vez no quadro 3.

	Letramento informacional e científico Memória e história da imprensa Metodologia, políticas públicas e avaliação em C&T Práticas de Leitura e letramento
Endereço para acessar este espelho	dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0945713833009549 Situação do grupo: certificado
Termo de busca	letramento informacional
27 - Grupo	Aprendizagem, Comportamento e Letramento informacional
Instituição vinculada	Universidade de Brasília - UnB
Ano de formação	2013
Líder(es)	Kelley Cristine Goncalves Dias Gasque
Linhas de pesquisa	Comportamento Informacional Letramento informacional
Endereço para acessar este espelho	dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2725734854293412 Situação do grupo: certificado
Termo de busca	letramento informacional
28 - Grupo	Competência em Informação e Populações Vulneráveis
Instituição vinculada	Universidade de Brasília - UnB
Ano de formação	2011
Líder(es)	Elmira Luzia Melo Soares Simeão Regina Celia Baptista Belluzzo
Linhas de pesquisa	Comunicação da Informação
Endereço para acessar este espelho	dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/8800149884542331 Situação do grupo: certificado
Termo de busca	letramento informacional

29 - Grupo	Informação e Conhecimento na Sociedade Contemporânea
Instituição vinculada	Universidade FUMEC - FUMEC
Ano de formação	2017
Líder(es)	Rodrigo Moreno Marques Marta Macedo Kerr Pinheiro
Linhas de pesquisa	Gestão da Informação e do Conhecimento Informação e Tecnologia
Endereço para acessar este espelho	dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2665626255738397 Situação do grupo: certificado - Não-atualizado há mais de 12 meses
Termo de busca	letramento informacional
30 - Grupo	Grupo de Pesquisas e Estudos em Leitura - GPEL
Instituição vinculada	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - IFG
Ano de formação	2017
Líder(es)	Liliane de Paula Munhoz Maria Angélica Peixoto
Linhas de pesquisa	Leitura, bibliotecas e educação para a informação e a formação de leitores Leitura, diversidade e inclusão Leitura, tradução/adaptação e produção de texto Literatura, Cultura e Sociedade
Endereço para acessar este espelho	dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/9035164380292345 Situação do grupo: certificado
Termo de busca	letramento informacional
31 - Grupo	Letramento e Etnografia
Instituição vinculada	Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Ano de formação	2002
Líder(es)	Maria do Socorro Oliveira Ana Maria de Oliveira Paz

Linhas de pesquisa	Aprendizagem colaborativa Ensino Aprendizagem em Língua Estrangeira Letramento Acadêmico Letramento e aquisição Letramento e cultura Letramento e formação de professor Letramento e gêneros discursivos Letramento e inclusão Letramento e políticas públicas Letramento e tecnologia Letramento familiar Letramento informacional Letramento laboral Letramento literário Letramento, agência e identidade Letramentos múltiplos Oralidade e Escrita Projetos de letramento
Endereço para acessar este espelho	dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0200128105457562 Situação do grupo: certificado
Termo de busca	letramento informacional

Fonte: Busca parametrizada realizada no DGP, CNPq, realizada nos dias 02, 03 e 22 jun. 2020.

Cabe destacar, no que se refere aos procedimentos metodológicos e ao quadro 3, que: ainda que tenham sido feitas novas investidas nas buscas no DGP, no dia 22 e 23 de junho de 2020, sabe-se, pela experiência de mais de 10 anos realizando pesquisas na área da competência em informação, que há outros grupos de pesquisa no DGP que se dedicam ao tema e que ainda assim não são recuperados na busca. Neste sentido buscou-se localizar tais grupos e os motivos pelos quais estes não constavam nos resultados do quadro 3. O quadro 4

mostra grupos encontrados em outras buscas realizadas, tais como nome do pesquisador e termos pouco utilizados na pesquisa no Brasil.

Quadro 4 – Grupos de pesquisa sobre competência em informação no DGP – outras formas de busca

Grupo de pesquisa localizado na nova busca realizada pelo nome do pesquisador	Motivo pelo qual o grupo não consta dos resultados da busca
Competências e comportamento: processos de produção, inovação e comunicação da informação (COMPORTI)	O grupo não utiliza nenhum dos termos de busca nos descritores, mas a associação de alguns termos dá a entender que pesquisas na área podem ser realizadas neste grupo. No ano de 2019, a pesquisadora Elieny do Nascimento Silva, constava nos resultados na pesquisa apresentada no I SEICIn, vinculada ao Grupo “Biblioteconomia, Extensão Universitária e Mediação da Informação – BEM”, grupo não localizado na pesquisa realizada em 02/06/2020. Situação: certificado - não-atualizado há mais de 12 meses.
Grupo de Pesquisa em Comportamento e Competências InfoComunicacionais (InfoCom)	Como o grupo utiliza a expressão “competências em informação” – no plural –este não foi localizado nas buscas iniciais. Situação: certificado

Fonte: Busca realizada no DGP, CNPq, em 02 jun. 2020.

As buscas realizadas, totalizaram deste modo, 31 (trinta

e um) grupos de pesquisa e mais dois grupos, que apesar de não terem sido recuperados na busca por termos específicos – definidos nos aspectos metodológicos deste trabalho, foram localizados por algumas de suas variantes, resultando em 33 grupos cadastrados no DGP, CNPq. Os resultados da busca, mostrados nos quadros 2, 3 e 4, permitem algumas considerações:

- a) há um aumento considerável de grupos criados entre os anos de 2012 (data da primeira pesquisa) e do ano de 2020: antes foram identificados 17 grupos e, atualmente são 33, praticamente o dobro em 8 anos: um cenário visível de crescimento da pesquisa científica sobre o tema, considerando que os grupos específicos na área de CI no DGP somam 38 (trinta e oito grupos);
- b) a área predominante continua sendo a Ciência da Informação, ainda que se apresentem grupos que estudem a temática de áreas diversas, tais como Ciências da Saúde, Saúde Coletiva, Medicina, Divulgação Científica, entre outras;
- c) o grupo mais antigo cadastrado no CNPq é de 1996 e o mais recente é do ano de 2019; chama a atenção que, entre 2018 e 2019 foram criados 06 grupos, três grupos em cada ano, alguns bem recentes, em dezembro de 2019.
- d) as temáticas se distribuem, sendo que os termos preferidos são “competência em informação” em primeiro lugar, seguida de “letramento informacional”, em segundo e de “competência informacional” em terceiro;

e) cabe ainda destacar que há grupos com temática muito semelhante e que atuam separados, com poucos pesquisadores e equipe reduzida, o que demonstra que ainda há muito o que ser feito quanto a redes de pesquisa/pesquisadores/grupos.

Em complemento, destaca-se que o quadro 3 pode fornecer subsídios para diversos estudos, pois serve de fonte de informação para temas tradicionais e inovadores. Sob este foco e, direcionando o olhar para um destes grupos, o item seguinte dá atenção ao Núcleo GPCIn.

6 O NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO (GPCIn)

Desenvolver habilidades individuais e coletivas no uso da informação, para Cavalcante (2006, p. 52), é “um dos maiores desafios da educação superior”. Ou seja, “muitos entram e saem de um curso superior com pouco ou nenhum conhecimento sobre competência no uso eficaz da informação para o desenvolvimento profissional”. (CAVALCANTE, 2006, p.52)

Ensino, pesquisa e extensão são atividades realizadas pelos integrantes dos grupos de pesquisa e que são úteis ao desenvolvimento da competência em informação nas pessoas. Este propósito pode ser observado na trajetória e nas atividades e ações executadas pelo Núcleo GPCIn. O quadro 5, apresenta alguns destaques desta trajetória:

Quadro 5 – Atividades do Núcleo GPCIn entre os anos de 2006 até 2020

ANO	ATIVIDADE
2006	<p>Início das atividades do Núcleo GPCIn integradas ao ensino-pesquisa-extensão, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) ⁴². Execução da pesquisa “Competência Informacional: construção social da realidade sob o olhar do Profissional da Informação Bibliotecário”, cujo objetivo principal foi desenvolver o mapeamento da competência em informação necessária ao Profissional da Informação Bibliotecário. Inserida na Linha de Pesquisa “Profissionais da Informação” do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – PGCIN – UFSC, a pesquisa teve diversas repercussões, prolongando-se até o ano de 2012. Pode-se considerar o trabalho mais relevante do Núcleo GPCIn na fase inicial de sua estruturação, pois foi durante este projeto que a teorização sobre as dimensões técnica, estética, ética e política da competência em informação se iniciou, e, cuja inspiração foi da área da Filosofia da Educação (RIOS, 2006).</p>
2008	<p>O projeto de iniciação científica Competência Informacional: princípios, bases históricas, conceituais, teóricas, metodológicas e aplicações na literatura internacional, em 2008, recebeu apoio de uma bolsista PIBIC/CNPq, Daniela Piantola, que viria a se tornar parceira em algumas das publicações mais significativas do GPCIn. Outro projeto, também no mesmo ano, “Competência Informacional segundo as dimensões técnica, estética, ética e política: saberes em transformação”, aprovado pelo Comitê de Ética na Pesquisa em Seres Humanos (CEPSH) da Pró-Reitoria</p>

⁴² Como se pode observar em <https://gpcin.ufsc.br/> e no Currículo Lattes da Líder do Grupo, Profa. Elizete Vieira Vitorino, disponível em: <http://lattes.cnpq.br/7540571280471559>.

	<p>de Pesquisa e Extensão da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) foi crucial para as duas primeiras principais produções do Núcleo GPCIn, dois artigos publicados na Revista Ciência da Informação (VITORINO; PIANTOLA, 2009; 2011) e que mais adiante, se tornaria a primeira publicação em coautoria (VITORINO; PIANTOLA, 2019). O projeto, também aprovado pelo CNPq (Processo 400590/2008-5), resultou em apoio financeiro para a aquisição de equipamentos e para a pesquisa de campo, orientações de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e de pós-graduação, os quais vêm colaborando significativamente para as realizações do Núcleo. Também no ano de 2008 foi lecionada pela primeira vez a Disciplina PCI 3304-04 - TÓPICOS ESPECIAIS: COMPETÊNCIA INFORMACIONAL – 3 créditos, no PGCIN. Ofertada nos anos seguintes, até a última ofertada no primeiro semestre de 2020, com nova nomenclatura (a partir do ano de 2018): PCI 3304-04 - TÓPICOS ESPECIAIS: COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO – 3 créditos, mas tarde rebatizada para PCI410043 - COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO⁴³. As atividades nesta disciplina são intensas e podem ser conferidas na página do Núcleo GPCIn.⁴⁴ Ainda, em 2008, uma disciplina de graduação optativa foi lecionada no Curso de Biblioteconomia da UFSC pela líder do grupo (com o apoio da aluna do PGCIN, Rafaela Paula Freitas). À época, a disciplina foi lecionada como “Fundamentos de Biblioteconomia”, corroborando para os esforços de estruturação do GPCIn. Sob este foco, foram defendidos trabalhos de pesquisa na área com a participação da líder do GPCIn (como orientadora e em bancas internas e externas à UFSC, em nível de mestrado e de doutorado),</p>
--	---

⁴³ Disponível em: <https://pgcin.ufsc.br/>

⁴⁴ Disponível em: <https://gpcin.ufsc.br/>

	consolidando ainda mais a temática de pesquisa.
2009	Publicação do primeiro artigo em periódico com maior repercussão: “Competência informacional - bases históricas e conceituais: construindo significados”. (VITORINO; PIANTOLA, 2009). Neste ano foram publicados 4 artigos em periódicos em coautoria.
2010	Em novembro de 2010 foi criado um <i>site</i> ⁴⁵ para o Núcleo, como atividade didática da disciplina CIN 5008 – Fontes de Informação II, do curso de Biblioteconomia da UFSC. A elaboração do <i>site</i> teve a supervisão da líder do GPCIn (professora da respectiva disciplina na época) e a execução ficou aos cuidados de três acadêmicas do curso (Késia Jordana da Silva, , Brenda Dayana Gonzalez Isami e Djuli Machado De Lucca). No <i>site</i> , estavam disponíveis informações sobre o Núcleo, suas atividades e ações, com os <i>links</i> apresentação do grupo, onde encontram-se informações sobre o GPCIn, calendário de reuniões, disciplinas, cursos e eventos, recursos Informacionais, produção do GPCIn, contato, galeria, notícias, sobre Competência Informacional, vagas de emprego e reflexões. Cabe ressaltar que em virtude de algumas limitações à época com pessoal e do próprio <i>site</i> , o mesmo foi descontinuado e substituído mais tarde, no segundo semestre de 2013 por https://gpcin.ufsc.br/ .
2011	Em 13 de junho de 2011 ocorreu a primeira reunião oficial do GPCIn, nas dependências do Centro de Ciências da Educação (CED), da UFSC. Na ocasião, o Núcleo foi apresentado aos participantes, alunos de cursos da área da Ciência da Informação, de graduação e de pós-graduação, que foram convidados a participar e a colaborar com as atividades, projetos

⁴⁵ Endereço eletrônico à época e, atualmente, desativado: <http://gpcin.webnode.com.br>.

	e com a organização do primeiro estande do GPCIn na 10ª edição da Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão (SEPEX) da UFSC ⁴⁶ .
2012	A segunda reunião do GPCIn ocorreu no dia 15 de junho de 2012. Foram apresentados, entre outros assuntos, o relato da participação do Núcleo na 10ª SEPEX, convite para colaboradores e solicitadas ideias para o estande na 11ª edição da SEPEX, em 2012. Também, em 2012, ocorreu o I Seminário de Estudos e Pesquisas em Competência Informacional de Santa Catarina (I SEPECIn ⁴⁷), em 04 de setembro de 2012, no Centro de Eventos da UFSC. Naquela ocasião, os participantes preencheram um formulário de avaliação do evento e sugeriram novos temas para edições futuras do seminário. O evento foi divulgado na mídia e teve cobertura do jornalismo da UFSC ⁴⁸ . Ainda, em 2012, foram promovidas ações de integração, que envolveram os cursos de graduação e de pós-graduação em Biblioteconomia e Ciência em Informação, respectivamente, da UFSC, na temática da competência em informação. Uma das sugestões indicadas pelos participantes no formulário

⁴⁶ A UFSC promove, todos os anos, a Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão (SEPEX). O evento foi criado em novembro de 2000, em decorrência das comemorações dos 40 anos da universidade. Desde a primeira edição o evento teve grande repercussão. De acordo com a descrição contida na página da SEPEX, a Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFSC é um dos maiores eventos de divulgação científica de Santa Catarina. Visitam o evento da SEPEX mais de 50 mil pessoas. São também realizados durante a SEPEX minicursos abertos à comunidade, palestras e eventos paralelos, como o Seminário de Iniciação Científica. Desde 2009 a SEPEX ocorre na terceira semana de outubro, integrada à Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, promovida pelo Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI). (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, 2020).

⁴⁷ Mais tarde (2019) rebatizado de “SEPCIn”.

⁴⁸ Link para a notícia: <https://noticias.ufsc.br/2012/09/seminario-apresenta-estudos-sobre-competencia-informacional/>

	<p>distribuído ao final do I SEPECIn, foi a realização de reuniões do GPCIn. Foram sugeridos seminários e a criação de grupos de discussão sobre a temática, estes últimos, com a elaboração de pequenos textos divulgados no <i>site</i> do GPCIn (somente um ensaio foi publicado na página do GPCIn – com perspectivas de retomada no ano de 2020). Tais ideias (e por que não dizer, “ideais”) foram colocadas em prática no semestre 2012.2, nas disciplinas de Catalogação I e Pesquisa Bibliográfica para Biblioteconomia, ambas no Curso de Biblioteconomia da UFSC. Os “Seminários Transversais em Competência Informacional”, com edições até o ano de 2014, foram realizados por alunos de TCC e de mestrado e tiveram boa receptividade nas turmas, contribuindo para a compreensão da temática e da sua importância como núcleo básico da formação do futuro profissional da informação: o bacharel em Biblioteconomia. Neste ano, foi criado, em 5 de julho de 2012, o Grupo privado no Facebook “GPCIn - Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Competência em Informação”⁴⁹, pela acadêmica do Curso de Biblioteconomia, Djuli Machado De Lucca, colaboradora até os dias de hoje.</p>
2013	<p>Criação, no segundo semestre de 2013, da página oficial do Núcleo GPCIn: https://gpcin.ufsc.br/. Em setembro de 2013, reiniciaram as atividades do grupo de discussão e também as ações de integração e atividades trans e interdisciplinares. Para isto, foram convidados a participar os estudantes de graduação da Arquivologia e da Biblioteconomia, os alunos e ex-alunos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PGCIN), além de pesquisadores e profissionais. Tais atividades viriam se institucionalizar no ano de 2014, inseridas no SIGPEX, sistema de atividades de extensão da UFSC.</p>

⁴⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/gpcin/>

2014	Ocorre, em 26 de maio de 2014, o 1º Seminário Transversal sobre Competência Informacional. O seminário contou com a presença do Bacharel em Biblioteconomia Alexandre Pedro de Oliveira, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PGCIN). O evento foi realizado na turma CIN 5006 de Catalogação I (2ª fase). ⁵⁰
2015	Realização de formação pós-doutoral da líder do Núcleo GPCIn, com o projeto “O desenvolvimento da Competência Informacional nos contextos brasileiro e europeu”. Este projeto de pós doutorado, realizado na Faculdade de Letras (FLUP), da Universidade do Porto (UP), Portugal, no período de janeiro de 2015 a janeiro 2016, financiado por meio da Agência de Fomento CAPES, Programa Estágio Sênior no Exterior (Processo: BEX 2398/14-1) A pesquisa buscou disseminar a temática da competência em informação no contexto brasileiro, a partir da análise comparativa da realidade no contexto europeu, vislumbrando oportunidades de aprimoramento docente e de pesquisa, bem como de estreitar laços e consolidar atividades de pesquisa entre os docentes de países como Portugal e Espanha, instituindo parcerias e redes de pesquisa em ambos os contextos. Esta pesquisa resultou numa significativa produção científica (algumas ainda no prelo), contatos profissionais, novas ideias e novos projetos, os quais culminaram, mais tarde, em 2018, na publicação de artigo no periódico Ciência da Informação “A competência em informação e a vulnerabilidade: construindo sentidos à temática da “vulnerabilidade em informação”” (VITORINO, 2018), assinalando uma nova fase de pesquisa – dos profissionais às pessoas que mais necessitam de informação.

⁵⁰ Link para a notícia: <https://gpcin.ufsc.br/2014/05/30/fotos-seminario-transversal-2014-1/>

2016	A partir de 01 de janeiro de 2016, o Núcleo GPCIn passou a adotar a expressão “competência em informação”, ao invés de “competência informacional” em seu nome, passando a denominar-se Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Competência em Informação ⁵¹ . Neste mesmo ano, precisamente em 15 de agosto de 2016, o GPCIn promove o segundo encontro do grupo para discussão com o tema “Competência em informação: revisitando Hatschbach (2002) a partir das iniciativas em ambiente digital para o estudante universitário”. A partir do ano de 2016, o Núcleo GPCIn, cadastrado no DGP, CNPq, passa a contar com com uma vice-líder: Dra. Eliana Maria dos Santos Bahia Jacintho, também professora do CIN e PGCIN/UFSC. No dia 13 de outubro de 2016, no Auditório do Centro de Ciências da Educação (CED) da Universidade Federal de Santa
------	---

⁵¹ Isso se deve ao fato da publicação de documentos que foram reconhecidamente aceitos no cenário brasileiro e que representam organismos com elevada reputação na área, citados aqui, como argumentos à adoção do termo “competência em informação”. São eles: o documento da IFLA de 2007 e traduzido para o Brasil em 2008, intitulado “Diretrizes sobre desenvolvimento de habilidades em informação para a aprendizagem permanente” (LAU, 2007), a Declaração de Maceió sobre a Competência em Informação (2011), a Carta de Marília sobre Competência em Informação (2014) e a obra *Overview of Information Literacy Resources Worldwide*, sob a chancela da UNESCO, nas suas duas edições (HORTON JR., 2013; HORTON JR., 2014, p. 496). Cabe ressaltar que estas duas publicações da UNESCO têm um papel essencial no cenário mundial, pois apresentam uma visão ampla e também local (por países e cenários), tanto no uso dos termos (e suas variantes), quanto à produção científica da área e cujos capítulos elaborados por especialistas de diversas partes do mundo, mostram os recursos de informação sobre *Information Literacy*, com o propósito de auxiliar as pessoas a encontrar facilmente e rapidamente a informação de que necessitam sobre o tema em questão. Desta forma, aceitamos, a partir da data desta solicitação, que a tradução mais adequada para *Information Literacy* no cenário brasileiro é “competência em informação”.

	<p>Catarina, aconteceu o evento “Dos desafios às conquistas: comemorando os 10 anos do Núcleo GPCIn. Ainda, na edição do ENANCIB 2016, a líder do Núcleo GPCIn recebeu o prêmio de “Melhor trabalho sênior do GT6”, no XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - ENANCIB 2016, Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB). Cabe destacar que neste ano foram publicados 6 artigos em periódicos, 2 artigos em eventos científicos e 2 capítulos de livros, mostrando uma atividade intensa do Núcleo.</p>
2017	<p>No início do mês de março ocorre a primeira reunião do Núcleo GPCIn do ano de 2017. Dentre os itens discutidos, estavam as atividades previstas para o ano de 2017⁵². Neste ano, fruto das ideias iniciadas em fins do ano de 2016 e início do ano de 2016 e da inclusão da linha de pesquisa “vulnerabilidade em informação”, nos interesses do GPCIn, inserida, inclusive, no DGP. CNPq, foram defendidos três Trabalhos de Conclusão (TCC) no Curso de Biblioteconomia da como parte da pesquisa maior, em desenvolvimento no âmbito do Departamento de Ciência da Informação (CIN) e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PGCIN) da UFSC, aprovada no ano de 2016 e em fase de levantamento bibliográfico no ano de 2017. Estes trabalhos forneceram subsídios à pesquisa “O desenvolvimento da competência em informação nos indivíduos sob o foco da vulnerabilidade social: uma proposta viável para minimizar a exclusão informacional no Brasil” (2016-2019)⁵³. Ainda no mesmo ano, os três TCC foram aprovados e</p>

⁵² Link para a notícia: <https://gpcin.ufsc.br/2017/03/29/inicio-das-atividades-2017/>

⁵³ Link para a notícia: <https://gpcin.ufsc.br/2017/07/03/defesa-de-tccs-20171/>

	apresentados no XXVII CBBB – Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, que ocorrerá entre 17 e 20 de outubro de 2017 na cidade de Fortaleza (Ceará) e, em 2018, publicados na Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação (RBBB) (LEAL et al., 2017; PAIANO et al., 2017; GARCIA et al., 2017). O projeto “Competência em informação da população LGBT+, por meio das dimensões técnica, estética ética e política” ⁵⁴ , foi aprovado em edital da PROEX/UFSC e foi contemplado com duas bolsas de extensão, para início em 2018. Este trabalho de extensão teve diversas repercussões e produção científica associada nos anos seguintes.
2018	O trabalho intitulado “Competência em informação das pessoas trans: em busca de narrativas” foi apresentado no XVIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), que ocorreu na cidade de Marília (São Paulo) no período de 23 a 27 de outubro de 2017. Trata-se de uma pesquisa de mestrado, já defendida, conduzida por Guilherme Goulart Righetto e que gerou atividades de ensino, pesquisa e extensão, inclusive, com a produção de um livro, no ano de 2019. Ainda, em 2018, resultado da aprovação do projeto de extensão na UFSC no final do ano de 2017, “Competência em informação da população LGBT+ , por meio das dimensões técnica, estética ética e política”, a equipe do GPCIn planejou

⁵⁴ Link para as notícias e repercussões/atividades vinculadas ao projeto: <https://gpcin.ufsc.br/2018/05/21/projeto-de-extensao-8o-cbeu-atividades-e-proximos-passos/>; <https://gpcin.ufsc.br/2018/06/21/projeto-de-extensao-artigo-aprovado-no-36o-painel-biblioteconomia-em-santa-catarina/>; <https://gpcin.ufsc.br/2018/07/31/projeto-de-extensao-comunicacao-oral-8o-cbeu/>; <https://gpcin.ufsc.br/2018/08/08/participacao-do-gpcin-no-36o-painel-biblioteconomia-em-santa-catarina/#more-1750>; <https://gpcin.ufsc.br/2019/04/10/extensao-resultados-do-projeto-no201710910/#more-1241>

	<p>e executou diversas atividades de ensino, considerando-se a mais significativa a criação do Observatório LGBT+⁵⁵. Neste mesmo ano, precisamente no dia 04/10/2018, foi realizado O II Seminário de Pesquisas e Práticas sobre Competência em Informação, em parceria com a UDESC, CRB e ACB, mais estruturado, com uma programação intensa, palestra de abertura com convidada externa e emissão de certificados e, prevendo para o ano de 2019, um livro com os trabalhos apresentados no evento⁵⁶. Foi neste ano que a página do GPCIn recebeu um reforço importante: o estudante de graduação em Biblioteconomia Yuri Dutra Martins passou a ser o responsável pela atualização da página, notícias, layout, enfim, marcando seu nome na história do Núcleo e passando a ser voluntário, até os dias de hoje, nas empreitadas e atividades inovadoras no GPCIn. É de sua responsabilidade a criação de uma página oficial para o GPCIn no Facebook, mais moderna e atual, em setembro de 2018⁵⁷</p>
2019	<p>A líder do GPCIn, Profa. Dra. Elizete Vieira Vitorino, em coautoria com Me. Daniela Piantola, lança o livro intitulado “Competência em informação: conceito, contexto histórico e olhares para a Ciência da Informação”, pela editora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), resultado das pesquisas realizadas entre os anos de 2006 e 2012. O lançamento oficial ocorreu no XX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XX ENANCIB), em Florianópolis, SC. Neste mesmo ano ocorrem, o “Workshop Práxis info-docente: Atividades de</p>

⁵⁵ O observatório está disponível na página inicial do Núcleo: <https://gpcin.ufsc.br/>

⁵⁶ Link para a notícia: <https://gpcin.ufsc.br/2018/09/24/divulgacao-programacao-do-ii-seminario-de-pesquisas-e-praticas-sobre-competencia-em-informacao/>

⁵⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/GPCInUFSC/>

	<p>aprendizagem para o desenvolvimento de habilidades informativas em estudantes”, sob a responsabilidade do Dr. Jesús Lau, o 1º Seminário Internacional de Competência em Informação (I SEICIn) e o 3º Seminário de Pesquisas e Práticas sobre Competência em Informação de Santa Catarina (III SEPCIn)⁵⁸. Os eventos receberam apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC), por meio do Proeventos, Fase 2, 2019 e foi amplamente divulgado. O mexicano Dr. Jesús Lau, especialista internacional, fez a conferência de abertura⁵⁹. Em setembro de 2019, ocorre a criação do Instagram do Núcleo GPCIn⁶⁰. Em 2019 foram publicados 5 artigos em periódicos, 3 livros, 3 capítulos de livros, 2 trabalhos em evento, entre outros.</p>
2020	<p>O ano de 2020, ainda que em tempos de pandemia da COVID-19, mostra-se promissor para o Núcleo GPCIn. Novos projetos, cujas tratativas se iniciaram em 2019, iniciam a fase de concretização. São eles: a criação e implantação de um Programa de Desenvolvimento da Competência em Informação (PDCIn) na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina (BPSC) alinhado aos dezesseis objetivos sustentáveis da Agenda 2030 da ONU, cujas atividades via ambiente virtual Moodle estão em fase de organização⁶¹; Observatório COVID-</p>

⁵⁸ Link para a página do evento, com a programação completa: <http://www.enancib2019.ufsc.br/seicin/>

⁵⁹ Link para as notícias: <https://noticias.ufsc.br/tags/gpcin/>; <https://gpcin.ufsc.br/2019/10/29/i-seicin-e-iii-sepcin-momentos-inesqueciveis/>

⁶⁰ Link para a notícia em: <https://gpcin.ufsc.br/2019/09/06/gpcin-agora-tambem-esta-no-instagram/>

⁶¹ Notícia sobre as atividades do projeto: <https://gpcin.ufsc.br/2020/04/06/aconteceu-palestra-sobre-o-programa-de-desenvolvimento-da-competencia-em-informacao-pdcin/>

	<p>19⁶², atividade de pesquisa e de ensino em andamento, e que está estruturada na colaboração voluntária de alunos de Graduação (Cursos de Biblioteconomia, Arquivologia e Ciência da Informação), alunos de pós-graduação do PGCIN/UFSC e outros profissionais externos a UFSC. Estão no prelo: organização do livro e capítulo sobre I SEICIn e III SEPCIn; organização do livro e capítulo sobre “Competência em informação no ambiente de trabalho, com foco na dimensão técnica”, em parceria com a Universidade de Montes Claros (UNIMONTES). Segue em andamento, também em 2020, um capítulo de e-book sobre o Observatório Covid-19, e uma atividade sobre a competência em informação com alunos da pós-graduação (PGCIN/UFSC): a cada semana um texto que contempla uma reflexão sobre a competência em informação em tempos de pandemia é publicado na página do GPCIn⁶³. Estão no prelo uma série de trabalho submetidos a periódicos científicos e eventos internacionais, com previsão para publicação ainda neste ano.</p>
--	--

Fonte: dados obtidos na pesquisa (2020).

Pode-se perceber, pela leitura e análise do quadro 5 que o cenário das atividades de ensino, pesquisa e extensão do Núcleo GPCIn, são significativos. Publicações em congressos profissionais e de pesquisa e em periódicos científicos já são expressivos para o período de existência do GPCIn - que compreende a sua criação (2006) até os dias de hoje (2020) - e contam com a participação de alunos de graduação, bolsistas

⁶² Link para o projeto e para o observatório e respectivas fontes: <https://gpcin.ufsc.br/2020/04/07/especial-fontes-de-informacao-sobre-corona-virus-covid-19/>

⁶³ Link para os textos: <https://gpcin.ufsc.br/2020/06/23/reflexoes-sobre-competencia-em-informacao-em-tempos-de-pandemia-02/>

de iniciação científica e de extensão, alunos de pós-graduação em nível de mestrado e de doutorado, pesquisadores, enfim, mostrando a importância da integração ensino-pesquisa-extensão e a relevância da temática para a pesquisa em Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Para os fins desta proposta, a produção científica do período 2006-2020, vinculada ao Currículo Lattes do CNPq de uma das líderes do grupo e que atua ativamente nas pesquisas da temática da competência em informação (individuais e em coautoria) está apresentada na Tabela 6.

Tabela 6 – Resumo das principais atividades de pesquisa do Núcleo GPCIn entre os anos de 2006 até 2020 – Plataforma Lattes, CNPq

Atividades do Núcleo GPCIn entre os anos de 2006 até 2020 – Plataforma Lattes, CNPq⁶⁴	Total
Orientações de doutorado concluídas	01
Orientações de mestrado concluídas	08
Orientações de doutorado em andamento	07
Artigos Completos Publicados em Periódicos	36
Capítulos de Livros	08
Livros publicados	04
Trabalhos Publicados em Anais de Eventos – completos	27
Trabalhos Publicados em Anais de Eventos – resumos	05
Trabalhos Publicados – ensaio – na página do GPCIn ⁶⁵	01

⁶⁴ Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/7540571280471559>. Última atualização do currículo em 15/02/2020.

⁶⁵ https://gpcin.paginas.ufsc.br/files/2013/12/ensaio1-comp-info-decada-2000_2o.-ensaio_2013-3.pdf (este ensaio é resultado das atividades do Grupo de Discussão do Núcleo GPCIn, que, embora relevantes, foram descontinuadas por longos períodos em virtude da sobrecarga de trabalho/outras atividades dos líderes e integrantes deste). Pretende-se retomar esta atividade, realizando outros ensaios com as demais “pioneiras” da competência em informação. Há inclusive, um trabalho em

Apresentação de trabalhos e palestras	21
Participação em eventos	88
Organização de eventos (participante da comissão e/ou coordenadora)	16
Participação em bancas de mestrado	30
Participação em bancas de doutorado	05

Fonte: atividades de pesquisa da Líder do Núcleo GPCIn, Elizete Vieira Vitorino, extraídas do Currículo Lattes. Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/7540571280471559>. Última atualização do currículo em 15/02/2020.

Cabe salientar que, conforme dados do DGP, CNPq, o Núcleo GPCIn conta com 14 pesquisadores e 11 alunos de graduação e de pós-graduação cadastrados e atuantes e instituições parceiras em âmbito nacional e internacional.

Tais ações demonstram os esforços tanto na produção científica, quanto na formação de recursos humanos e em termos de ensino, de orientação de TCC, iniciação científica, mestrado e doutorado, inclusive, com incursões em orientação de estágio-docência, de bolsistas de monitoria e de extensão.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS E NOVOS DESAFIOS

Muitos desafios e conquistas fazem parte da memória do Núcleo GPCIn. Uma das conquistas e que contempla a estruturação do Núcleo, aliada ao ensino-pesquisa-extensão, foi viabilização de um espaço físico no Centro de Ciências da Educação (CED), UFSC, em regime de partilha com outro grupo de pesquisa da Ciência da Informação. Compartilhar espaços e

vias de se concretizar sobre “As pioneiras da competência em informação no Brasil”, privilegiando as mulheres pesquisadoras da temática em solo brasileiro.

experiências e realizar atividades coletivas são sempre desafiadores. Inovar também.

Nesta perspectiva, inovar na estruturação de indicadores qualitativos para a competência em informação com o fim de captar a realidade informacional das pessoas e que auxiliem na leitura das necessidades e no desencadeamento de projetos de intervenção que produzam políticas públicas adequadas é uma tarefa que se apresenta e, nós, pesquisadores não podemos deixar de atuar nesta lacuna.

É para cumprir esta tarefa desafiadora que uma pesquisa ampla, em andamento no Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação (PGCIN) e no Departamento de Ciência da Informação (CIN), ambos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com apoio de Bolsa Produtividade do CNPq, Nível 2, cujo título é “Indicadores qualitativos para a competência em informação no Brasil sob o foco da vulnerabilidade social”, busca “identificar, na literatura, tendências de formulação de parâmetros (diretrizes, *framework*, indicadores) qualitativos na área da Ciência da Informação aplicáveis à competência em informação” e “identificar na literatura indicadores sociais aplicados ao estudo da vulnerabilidade social”.

A proposição de indicadores para o monitoramento da avaliação da competência em informação pode contribuir para a atualização do conceito de competência em informação e para a prática deste processo. Espera-se, com esta pesquisa em andamento, contribuir para o aprimoramento dos estudos sobre a competência em informação na iberoamérica e sobre a estruturação de indicadores qualitativos na Ciência da

Informação como um todo.

Também estão em foco: atualização de disciplinas e incremento de conteúdos voltados à competência em informação na iberoamérica e a conteúdos adequados ao cenário brasileiro, especificamente sobre indicadores de avaliação da competência em informação.

Para alcançar um patamar de alto nível na condução e execução da pesquisa mencionada, a estratégia metodológica prevê a partilha e comunicação dos resultados da pesquisa por meio de diversos canais e, principalmente em eventos científicos no Brasil e iberoamérica, mas também noutros espaços, prezando pela internacionalização dos resultados da pesquisa. Há perspectiva de se criar uma disciplina sobre a temática no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PGCIN) da UFSC, a fim de apresentar a ideia de indicadores qualitativos para a avaliação da competência em informação.

As comunicações, em congressos nacionais e internacionais, estão previstas para os anos de 2020 e 2021, como também artigos científicos, livros e capítulos de livros, atividades de extensão, enfim, de modo que a produção científica e técnica será compartilhada e disseminada, com ênfase a conhecimentos novos gerados, interação com outros pesquisadores, grupos de pesquisa e organizações da área da Ciência da Informação no Brasil e no exterior.

O impacto das atividades dos grupos de pesquisa sobre competência em informação e do Núcleo GPCIN no Brasil é visível: a competência em informação é tema relevante e

inovador para o avanço e a consolidação da Ciência da Informação. Num cenário de internacionalização, conecta-se de maneira evidente aos propósitos de desenvolvimento científico, tecnológico e sustentável (Agenda 2030). Estende-se, desta maneira, para o desenvolvimento econômico e de bem-estar social do Brasil nos médio e longo prazos, atendendo aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU), 2020).

REFERÊNCIAS

ALVES, Fernanda Maria Melo; CORRÊA, Elisa Cristina Delfini; LUCAS, Elaine Rosangela de Oliveira. (Orgs.). *Competência em informação: políticas públicas, teoria e prática*. Salvador: EDUFBA, 2016. Disponível em: [CompetênciaEmInformação-PolíticasPúblicasTeoriaePrática_AlvesFernanda-CorrêaElisa-LucasElaine.pdf](#). Acesso em: 30 jun. 2020.

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION (ALA). Association of College and Research Libraries (ACRL). *Presidential Committee on Information Literacy: Final Report* (January 1989).

Disponível em:

<http://www.ala.org/acrl/publications/whitepapers/presidenti>al. Acesso em: 22 fev. 2021.

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION (ALA). Association of College and Research Libraries (ACRL). *Information literacy competency standards for higher education* (October 1999, January 2000, February 2004). Disponível em:

<http://www.ala.org/acrl/standards/informationliteracycompe>tency. Acesso em: 22 fev. 2021.

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION (ALA). Association of

College and Research Libraries (ACRL). *A Progress Report on Information Literacy: An Update on the American Library Association Presidential Committee on Information Literacy: Final Report (March 1998)*. Disponível em: <http://www.ala.org/acrl/publications/whitepapers/progressreport>. Acesso em: 22 fev. 2021.

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION (ALA). Association of College and Research Libraries (ACRL). *Framework for Information Literacy for Higher Education*. Chicago: ALA, 2016. Disponível em: <http://www.ala.org/acrl/standards/ilframework>. Acesso em: 22 fev. 2021.

BELLUZZO, Regina Célia B. *A competência em informação no Brasil: cenários e espectros*. São Paulo: ABECIN Editora, 2018. Disponível em: http://abecin.org.br/e-books/competencia_informacao/E-Book_Belluzzo.pdf. Acesso em: 30 jun. 2020.

BELLUZZO, Regina Celia Baptista; FERES, Glória Georges (Org.). *Competência em informação: de reflexões às lições aprendidas*. São Paulo (SP): FEBAB, 2013. p. 307-321. Disponível em: http://issuu.com/necfci-unb/docs/compet_ncia_em_informa___o__de_re. Acesso em: 30 jun. 2020.

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. Disponível em: http://cnpq.br/apresentacao_institucional/. Acesso em: 29 jun. 2020.

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações. Conselho Nacional de Desenvolvimento

Científico e Tecnológico – CNPq. *Directório dos Grupos de Pesquisa no Brasil (DGP)*. Disponível em:
<http://lattes.cnpq.br/web/dgp>. Acesso em: 29 jun. 2020.

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações. *Indicadores Nacionais de Ciência, Tecnologia Inovação*. Disponível em
https://www.mctic.gov.br/mctic/opencms/indicadores/indicadores_cti.html/. Acesso em: 29 jun. 2020.

CARTA DE MARÍLIA SOBRE COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO. Marília, 2014. Disponível em:
http://gicio.valentim.pro.br/data/documents/Carta_de_Marilia_Portugues_Final.pdf. Acesso em: 29 jun. 2020.

CAVALCANTE, Lídia Eugenia. Políticas de formação para a competência informacional: o papel das universidades. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação: Nova Série*, São Paulo, v.2, n.2, p.47-62, dez. 2006. Disponível em:
<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/17/5>. Acesso em: 30 jun. 2020.

DECLARAÇÃO DE MACEIÓ SOBRE A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO. Maceió, 2011. Disponível em:
http://febab.org.br/declaracao_maceio.pdf. Acesso em: 29 jun. 2020.

GARCIA, Thábata. K. et al. Os temas “vulnerabilidade” e “vulnerabilidade em informação” no buscador Google. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação – RBBĐ (Online)*, v. 13, p. 102-122, 2017. Disponível em:
<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/818/654>. Acesso em: 30 jun. 2020.

HORTON JR., Forest Woody. *Overview of Information Literacy*

Resources Worldwide. Paris: UNESCO, 2013. Disponível em: http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CI/CI/pdf/news/overview_info_lit_resources.pdf. Acesso em: 29 jun. 2020.

HORTON JR., Forest Woody. *Overview of Information Literacy Resources Worldwide: "Helping people to easily and quickly find the information they need"*. 2nd. ed. Paris: UNESCO, 2014. Disponível em: http://albertkb.nl/mediapool/60/608240/data/UNESCO_Composite_Document_-_FINAL_-_2.compressed.pdf. Acesso em: 17 jul. 2015.

LAU, Jesús. *Diretrizes sobre desenvolvimento de habilidades em informação para a aprendizagem permanente*. The Hague: IFLA, 2007. Tradução para o português por Regina Célia Baptista Belluzzo, jul. 2008. Disponível em: <https://www.ifla.org/files/assets/information-literacy/publications/ifla-guidelines-pt.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2020.

LEAL, Mayara L. et al. O tema “vulnerabilidade” no Portal BU-UFSC: subsídios para a construção de um conceito de vulnerabilidade em informação no âmbito da competência em informação. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação - RBBD (Online)*, v. 13, p. 53-80, 2017. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/816/652>. Acesso em: 30 jun. 2020.

MASI, Domênico De. *Uma simples revolução: trabalho, ócio e criatividade – novos rumos para uma sociedade perdida*. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *Conheça a*

Agenda 2030. Disponível em:
<http://www.agenda2030.org.br/sobre/>. Acesso em: 30 jun. 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *Objetivos do Desenvolvimento Sustentável*. Disponível em:
http://www.agenda2030.org.br/os_ods/. Acesso em: 30 jun. 2020.

ORDOVÁS, Gleide B. J. et al. Núcleo de Estudos e Pesquisas em Competência Informacional (GPCIn): contexto e atividades. In: XXV CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2013, Florianópolis. *Anais... XXV CBBB: Bibliotecas, Informação, Usuários: abordagens de transformação para a Biblioteconomia e Ciência da Informação*, 2013. v. 25. p. 3941-3956. Disponível em:
<https://portal.febab.org.br/anais/article/view/1541/1542>. Acesso em: 02 jun. 2020.

PAIANO, Géssica. S. et al. O tema “vulnerabilidade” na SciELO: contribuições para a construção conceitual de “vulnerabilidade em informação”. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação – RBBD (Online)*, v. 13, p. 81-101, 2017. Disponível em:
<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/817/653>. Acesso em: 30 jun. 2020.

RIGHETTO, Guilherme Goulart; VITORINO, Elizete Vieira; MURIEL-TORRADO, Enrique. Competência em informação no contexto da vulnerabilidade social: conexões possíveis. *Inf. & Soc.:Est.*, João Pessoa, v. 28, n. 1, p. 77-90, jan./abr. 2018. Disponível em:
<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/34735>. Acesso em: 30 jun. 2020.

RIOS, Terezinha Azerêdo. *Compreender e ensinar: por uma docência de melhor qualidade*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. SEPEX: Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão. Disponível em: <https://sepex.ufsc.br/historico/>. Acesso em: 30 jun. 2020.

VITORINO, Elizete Vieira. A competência em informação e a vulnerabilidade: construindo sentidos à temática da “vulnerabilidade em informação”. *Ciência da Informação*, Brasília, DF, v.47 n.2, p.71-85, maio/ago. 2018. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/4187/0>. Acesso em: 30 jun. 2020.

VITORINO, Elizete Vieira. Análise dimensional da competência em informação: bases teóricas e conceituais para reflexão. *Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 9, n. 2, p. 421-440, jul./dez., 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/2420/2159>. Acesso em: 30 jun. 2020.

VITORINO, Elizete Vieira; PIANTOLA, Daniela. *Competência em informação: conceito, contexto histórico e olhares para a Ciência da Informação*. Florianópolis: UFSC, 2019.

VITORINO, Elizete Vieira; PIANTOLA, Daniela. Competência informacional: bases históricas e conceituais: construindo significados. *Ciência da Informação*, Brasília, DF, v.38, n.3, p.130-141, set./dez., 2009. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1236/1414>. Acesso em: 22 fev. 2019.

VITORINO, Elizete Vieira; PIANTOLA, Daniela. Dimensões da competência informacional. *Ciência da Informação*, Brasília, DF, v.40, n.1, p.99-110, jan./abr., 2011. Disponível em:

<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1328>. Acesso em: 22 fev. 2019.

ZURKOWSKI, Paul G. *Information services environment relationships and priorities*. Related Paper No. 5. Washington, D.C: National Commission on Libraries and Information Science, 1974. Disponível em: <http://files.eric.ed.gov/fulltext/ED100391.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2020.

CAPÍTULO 3

PESQUISAS E PRÁTICAS SOBRE COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO NA UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA (UDESC)

Elisa C. D. Correa

Daniela Spudeit

1 INTRODUÇÃO

A Competência em Informação (CoInfo) chegou à Biblioteconomia brasileira no início deste século XXI, pelas mãos de Sonia Caregnato (2000), professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Seu artigo é considerado como o primeiro estudo mais próximo do tema no Brasil, no qual a autora apresenta conceitos associados à educação do usuário em bibliotecas universitárias e destaca a importância do desenvolvimento de habilidades de informação no contexto do ambiente de rede.

Na sequência, Elizabeth Dudziak (2001) que, em sua dissertação de mestrado⁶⁶ intitulada “A information literacy e o papel educacional das bibliotecas”, apresentou o histórico, seus conceitos teóricos e práticos, bem como as implicações e aplicabilidade educacional em bibliotecas e pelo bibliotecário.

⁶⁶ Defendida em 2001 na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

Durante os anos que se seguiram, a Biblioteconomia e Ciência da Informação (CI) no Brasil protagonizaram um grande crescimento de estudos, pesquisas teóricas e práticas em ColInfo. A inserção da temática em cursos de graduação e pós-graduação com linhas de pesquisa dedicadas ao desenvolvimento de estudos sobre o tema, publicação de livros e artigos científicos, eventos regionais, nacionais e internacionais, fóruns temáticos em importantes eventos de CI e criação de redes de pesquisadores; são apenas alguns dos importantes frutos do desenvolvimento acadêmico e científico do tema verificados no país.

Desde o ponto de partida dado por Caregnato (2000) e Dudziak (2001) até os dias atuais, percebe-se que a participação das universidades foi e continua sendo um fator fundamental para o estabelecimento da ColInfo no Brasil. O acolhimento do tema, assim como todo o investimento (em diferentes aspectos) dos departamentos de graduação e pós-graduação em Biblioteconomia e CI permitiram, em boa escala, a solidificação dessa importante temática ao longo das últimas duas décadas.

Seja por meio de projetos de ensino, pesquisa ou extensão, os cursos de Biblioteconomia e CI tem alargado as fronteiras da ColInfo auxiliando, tanto as universidades quanto à própria área, a expandir seu alcance social e científico, apresentando resultados teóricos e práticos cujo objetivo principal é contribuir para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e inclusiva, possibilitando uma cidadania mais consciente e ética em relação ao acesso e uso de informações em diferentes formatos.

No caso específico dos estudos e projetos de ColInfo na Biblioteconomia, o papel social e educacional dos/das bibliotecários/as, assim como o ambiente da biblioteca como locus de desenvolvimento de habilidades para a construção do conhecimento recebem foco especial de análise. Para tal, entende-se a importância da ColInfo na formação acadêmica e profissional de graduandos/as e pós-graduandos/as da área.

Por esses motivos, o curso de graduação em Biblioteconomia – Habilitação em Gestão da Informação - do Centro de Ciências da Humanas e da Educação (FAED) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e o Programa de Pós-Graduação em Gestão de Unidades de Informação (PPGInfo), a exemplo de tantos outros Brasil afora, têm incluído a ColInfo em suas matrizes curriculares e linhas de pesquisa visando a contribuir com o desenvolvimento desse movimento em níveis local, regional, nacional e internacional. O texto a seguir conta um pouco dessa trajetória.

2 PRIMEIROS PASSOS E SITUAÇÃO ATUAL NA GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO

O primeiro contato com a temática de Competência em Informação na UDESC se deu a partir de curso ministrado pela professora Regina Belluzzo para professores e bibliotecários convidados, promovido pelo Departamento de Biblioteconomia e Gestão da Informação (DBI) por iniciativa da saudosa professora Delsi Fries Davok em outubro de 2011 (UDESC).

O curso “Competência em Informação” teve carga

horária de 16 horas e seu escopo contemplava finalidades teóricas e práticas, em especial para apresentar e capacitar os participantes na utilização do Diagrama de Belluzzo⁶⁷, despertando o interesse de alguns professores do Departamento que passaram a estudar mais a temática.

O interesse da prof. Delsi, no entanto, já era evidente ao promover o evento: pode-se atribuir aos seus esforços a introdução da temática no DBI. Prova disso é que, nesse mesmo ano, orientou o Trabalho de Conclusão de Curso da então graduanda do Curso de Biblioteconomia da FAED/UDESC, Letícia Lazzari, hoje profissional atuante na gestão da Biblioteca Central da UDESC. A monografia intitulada “Necessidades informacionais e competências em informação dos produtores de aves das agroindústrias do oeste catarinense: o caso da Sadia S.A.” deu início a uma série de outras monografias de final de curso dedicadas à temática no DBI. A convite da professora Delsi Davok, a professora Elisa Correa atuou como avaliadora do TCC despertando, assim, ainda mais o interesse dessa pesquisadora em relação à ColInfo. O referido TCC foi transformado em artigo e publicado no periódico Informação e Informação em 2015 (volume 20)⁶⁸.

A partir desse importante legado, o tema despertou o interesse de outros professores do departamento, que passaram a desenvolver projetos de pesquisa e extensão que resultaram em apresentações de trabalhos em eventos

⁶⁷ Para saber mais:

<http://www.mmhinformacao.com.br/diagramabelluzzo/>.

⁶⁸ Disponível em:

<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/18663>

científicos, publicações em anais de congressos, publicação de livros e capítulos de livros e artigos de periódicos.

No que diz respeito à matriz curricular do curso de graduação, a ColInfo passou a fazer parte do conteúdo programático da disciplina Fontes de Informação no ano de 2014, tendo sido objeto de pesquisa com os acadêmicos nela matriculados nesse período. Com a reformulação curricular implementada em 2018, foi criada a disciplina obrigatória “Competência em Informação” com 2 créditos e carga horária de 36h, ministrada na 5. fase do curso, com a seguinte ementa: “Competência em Informação: conceito, origem, evolução e características. Modelos, padrões e processos de ColInfo: etapas e objetivos. Formação e atuação profissionais voltadas ao desenvolvimento de competências em informação”⁶⁹.

Já na pós-graduação, a ColInfo é parte integrante da linha de pesquisa Informação, Memória e Sociedade do Programa de Pós Graduação em Gestão da Informação (PPGINFO/FAED), bem como do Grupo de Pesquisa em Cultura Impressa e Digital (GPCID). Já foi também ministrada pelas professoras Elisa Corrêa e Daniela Spudeit em dois semestres (2016/2 e 2017/2), como disciplina eletiva de 2 créditos, em Tópicos Avançados em Gestão da Informação: “Competência em Informação na Gestão de Unidades em Informação”. A ementa da disciplina previa abordar a história, conceitos, dimensões e correntes sobre competência em informação, padrões e indicadores da competência em informação, a

⁶⁹ Pode ser visualizada no link https://www.udesc.br/arquivos/faed/id_cpmenu/136/ementa_15704734357071_136.pdf

competência em Informação na gestão de unidades de informação.

Tanto no DBI quanto no PPGInfo, estudos sobre o tema são desenvolvidos principalmente pelos/as docentes Elisa Corrêa, Daniela Spudeit e José Claudio Morelli Matos. A atuação desses professores/as em parceria com orientandos e outros docentes do DBI e PPGInfo, resultou em um conjunto de pesquisas, produções bibliográficas e eventos, apresentados a seguir.

3 CONTRIBUIÇÕES DA UDESC SOBRE COINFO

Até a finalização deste capítulo, foram levantadas algumas das contribuições resultantes dos projetos oriundos do trabalho docente desenvolvido pelo DBI e PPGInfo da UDESC, abaixo listadas.

3.1 Pesquisas realizadas

- 2012: Início da participação da professora Daniela Spudeit no projeto “Estudos e Pesquisas em Competência Informacional” do GPCIN da UFSC coordenado pela professora Elizete Vieira Vitorino. Por meio dessa parceria houve a organização do primeiro seminário em Santa Catarina e publicações em conjunto.
- 2014-2016: Desenvolvimento do projeto “As competências em informação na Graduação em Biblioteconomia” coordenado pela professora Elisa Correa com participação da professora Lani Lucas e da bolsista Viviane F. Muller e Marcela Gaspar.
- 2014-2016: Desenvolvimento do projeto “A filosofia de John Dewey e a noção de 'letramento informacional':

um estudo bibliográfico e conceitual” coordenado pelo professor José Claudio Morelli Matos.

- 2017-2018: Desenvolvimento da pesquisa “A competência em informação digital na ciência da informação de países ibero americanos: análise de artigos científicos” coordenado pela professora Elisa Correa, com participação das bolsistas Danielle Pereira e Jessica Glienke.
- 2018-2019: Desenvolvimento da pesquisa “Possibilidades e aplicabilidade da competência em informação digital em bibliotecas universitárias: estudo de caso na BC/UDESC”, coordenado pela professora Elisa Correa, com participação dos bolsistas Ana Carolina de Azevedo e Victor Hugo dos Santos.

3.2 Ação de Extensão realizada na UDESC

- 2016-2018: Realização do projeto de extensão “Programa de Competência em Informação: capacitação e implementação em uma escola no nível fundamental” coordenado pela professora Daniela Spudeit com a participação da professora Elisa Corrêa e das bolsistas Alice Senna e Grace Madrid, estudantes da graduação em Biblioteconomia da UDESC.

3.3 Publicações de professores e estudantes da UDESC⁷⁰

É importante enfatizar que todos os projetos acima mencionados resultaram em artigos, trabalhos apresentados em eventos e capítulos de livro publicados no âmbito nacional e internacional pelos docentes contribuindo efetivamente para a disseminação das práticas desenvolvidas no âmbito

⁷⁰ Algumas publicações contam com a participação de egressos e/ou docentes da UNIRIO, onde a prof. Daniela lecionou entre 2013 e 2015.

universitário.

3.3.1 Artigos em periódicos

- SPUDEIT, D.; VITORINO, E. V. Apontamentos sobre o comportamento e competência em informação de pessoas em situação de rua. REVISTA IBERO-AMERICANA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, v. 13, p. 123, 2020. Disponível em <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/index>
- SILVA, G. R.; SPUDEIT, Daniela. Competência em informação dos bibliotecários atuantes em empresas do ramo de engenharia. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação (Online), v. 15, p. 45, 2019. Disponível em <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/pbcib/article/view/47828>
- CORREA, E. C. D.; LUCAS, E. de O. MULLER, V. F. Conexão entre competência em informação e as disciplinas fontes de informação e serviço de referência: um mapa conceitual. REVISTA DIGITAL DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, v. 16, p. 1-21, 2018. Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8649760>
- CORRÊA, E. C.D. Competência em informação: conexões no ensino de fontes de informação. REVISTA ACB (FLORIANÓPOLIS), v. 23, p. 37-53, 2018. Disponível em <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1399>
- CASTRO JÚNIOR, O. V. de; CORRÊA, E. C.D. Perspectivas sobre competência em informação: diálogos possíveis. CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ONLINE), v. 47, p. 35-51, 2018. Disponível em <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/4156>

- SPUDEIT, D.; ROMEIRO, N.; FREITAS, A.; SOUZA, C.; ROSA, V. S. Criação, implantação e avaliação de um programa de competência em informação em alunos do ensino fundamental. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação (Online)*, v. 13, p. 885-905, 2017. Disponível em <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1001>
- SPUDEIT, D. Proposta de um programa para desenvolvimento de competência em informação para alunos do ensino profissional. *Ciência da Informação em Revista*, v. 2, p. 67-77, 2015. Disponível em <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/abcib/article/view/31905>

3.3.2 Trabalhos apresentados e/ou publicados em Anais de Congressos e Eventos

- CORRÊA, E.C.D.; GLIENKE, J. D.; PEREIRA, D. B. A competência em informação digital na ciência da informação de países ibero americanos: análise de artigos científicos. 2018. (Apresentação de Trabalho/Comunicação). Disponível em <http://seminariohispano-brasileiro.org.es/ocs/index.php/viishb/viishbucm/paper/view/420/64>
- PIZZORNO, A. C. P.; CORRÊA, E. C.D. Competência em informação digital: o ponto de vista dos bibliotecários gestores das bibliotecas universitárias da associação catarinense das fundações educacionais. *In: XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVII ENANCIB)*, 2016, Salvador, BA. *Anais do Enancib 2016*, 2016. Disponível em <http://www.ufpb.br/evento/index.php/enancib2016/enancib2016/paper/view/3745>
- CORRÊA, E. C.D.; PRADO, J. M. K. do; PIZZORNO, A. C.

P. Competências e habilidades do bibliotecário para a curadoria digital. *In*: III Encontro Internacional de Dados, Tecnologia e Informação, 2016, Marília, SP. Anais do III DTI. Marília: UNESP, 2016.

- CORRÊA, E. C. D.; LUCAS, E. R.O. A competência em informação na graduação em Biblioteconomia: possibilidades teóricas e práticas de sua aplicação nas disciplinas de Fontes de Informação e Serviço de Referência. *In*: III Seminário de Competência em Informação, 2014, Marília. Anais do III Seminário de Competência em Informação. Marília: UNESP, 2014.
- SPUDEIT, D.; COSTA, M. P. P; PRADO, J. M. K. do. Desenvolvimento da competência em informação: uma proposta para formação de leitores. *In*: XVII Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, 2012, Gramado. Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, 2012. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/280446508_Desenvolvimento_da_competencia_em_informacao_ou_uma_proposta_para_formacao_deleitores

3.3.3 Livros Publicados

- ALVES, F. M. M.; CORRÊA, E. C.D.; LUCAS, E.R.O. (Orgs.). Competência em Informação: políticas públicas, teoria e prática. 01. ed. Salvador: Editora da UFBA, 2016. v. 01. 457 p. Disponível em <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/22598>
- CORRÊA, E.C.D.; SPUDEIT, D.; VITORINO, E.V.(Orgs.). Pesquisas e práticas em competência em informação. Florianópolis: Nyota, 2019. Disponível em <https://www.nyota.com.br/livros>

3.3.4 Capítulos de livros

- SPUDEIT, D. Programas para desenvolvimento de

competências informacionais: implementação, metodologias e avaliação. *In*: Fernanda Maria Melo Alves; Elisa Cristina Delfini Corrêa; Elaine Rosângela de Oliveira Lucas. (Org.). *Competência em informação: Políticas Públicas, teoria e prática*. 1. ed. Salvador: Ed. UFBA, 2016. p. 235-278. Disponível em <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/22598>

- SPUDEIT, D.; ROMEIRO, N. Desenvolvimento da competência em informação em comunidades quilombolas. *In*: Daniela Spudeit; Marielle Barros de Moraes. (Org.). *Biblioteconomia social: epistemologia transgressora para o Século XXI*. 1ed. São Paulo: ABECIN, 2018. p. 237-270. Disponível em <http://www.abecin.org.br/e-books/colecao-estudos-abecin/>
- CASTRO JÚNIOR, O.V. de; CORRÊA, E.C.D. Competência em informação para o controle social de despesas públicas: o caso do portal de transparência do Governo Federal do Brasil. *In*: CORRÊA, SPUDEIT, VITORINO (Orgs.). *Pesquisas e práticas em competência em informação*. Florianópolis: Nyota, 2019. Disponível em <https://www.nyota.com.br/livros>
- CORRÊA, E.C.D.; GARCIA-QUISMONDO, M.A.M⁷¹. Competência digital: um importante pré-requisito para o protagonismo bibliotecário. *In*: CORRÊA, SPUDEIT, VITORINO (Orgs.) *Pesquisas e práticas em competência em informação*. Florianópolis: Nyota, 2019. Disponível em <https://www.nyota.com.br/livros>
- CORRÊA, E.C.D.; PIZZORNO, A.C. P. Competência em informação digital: o ponto de vista dos bibliotecários gestores das bibliotecas universitárias da Associação Catarinense das Fundações Educacionais. *In*: CORRÊA,

⁷¹ Resultado de pesquisa realizada em parceria com o Departamento de Biblioteconomia da *Universidad Carlos III de Madrid*.

SPUDEIT, VITORINO (Orgs.) Pesquisas e práticas em competência em informação. Florianópolis: Nyota, 2019. Disponível em <https://www.nyota.com.br/livros>

- SPUDEIT, D.; CORRÊA, E.C.D. Programa de competência em informação: capacitação e implementação com estudantes do ensino fundamental atendidos pelo Instituto Guga Kuerten. *In*: CORRÊA, SPUDEIT, VITORINO (Orgs.) Pesquisas e práticas em competência em informação. Florianópolis: Nyota, 2019. Disponível em <https://www.nyota.com.br/livros>

3.3.5 Dissertações Defendidas

- Orlando Vieira de Castro Junior. Competência em informação para o uso do portal da transparência do governo federal: requisito para um efetivo controle social das despesas públicas no Brasil. 2018. Dissertação (Mestrado em Mestrado Profissional em Gestão de Unidades de Informação) - Universidade do Estado de Santa Catarina. Orientadora: Elisa Correa. Disponível em: <https://repositorio.cgu.gov.br/handle/1/42038>
- Ana Claudia Philippi Pizzorno. Competência em informação digital e o uso institucional de mídias sociais pelas bibliotecas das universidades da rede Acafe. 2016. Dissertação (Mestrado em Mestrado Profissional em Gestão de Unidades de Informação) - Universidade do Estado de Santa Catarina. Orientadora: Elisa Correa. Disponível em https://www.udesc.br/arquivos/faed/id_cpmenu/1441/dissertacao_ana_claudia_15689010567851_1441.pdf

3.3.6 *Dissertações e Teses em andamento*⁷²

- Hilda Cardoso Feijó. Inclusão digital: uma parceria entre a Biblioteca Universitária e a Coordenação de Inclusão Digital da UFSC (Produto: Programa de Competência em Informação). Orientadora: Elisa Cristina Delfini Correa.
- Daniela Spudeit. Diretrizes para desenvolvimento da competência em informação de pessoas em situação de rua. Programa de pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina. Orientadora: Elizete Vieira Vitorino.

3.3.7 *Eventos*⁷³

- II Seminário de Estudos e Pesquisas em Competência em Informação de Santa Catarina, em parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), outubro de 2018.
- III Seminário de Estudos e Pesquisas em Competência em Informação de Santa Catarina, em parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), outubro de 2019⁷⁴.

Além dos aspectos de divulgação científica evidentes nas publicações de artigos, anais de eventos, livros e capítulos, merece destaque o alcance profissional e social de ações como os eventos e programas de extensão, uma vez que permitiram contribuir para o desenvolvimento de habilidades de pesquisa, acesso, uso e assimilação de informação de diferentes tipos de

⁷² Em 2019/2020

⁷³ Organizados pelo GPCIN/UFSC com a participação de professoras da UDESC na comissão.

⁷⁴ Disponível em <http://www.enancib2019.ufsc.br/seicin/>

públicos.

Para uma melhor visualização, finalizamos esta seção com o quadro abaixo, que traz um resumo, por categorias, das contribuições da UDESC em relação ao desenvolvimento da ColInfo no Brasil:

Quadro 1 – Contribuições da UDESC para a ColInfo no Brasil

Categorias	Quantidade e período (ano)
Projetos de Pesquisa (realizados e em andamento)	5 (2012-2019)
Projetos de Extensão	01 (2016-2018)
Artigos	07 (2015-2019)
Trabalhos em Eventos	05 (2014-2018)
Livros	02 (2016, 2019)
Capítulos de livros	06 (2016, 2018, 2019)
Dissertações/Teses (concluídas e em andamento)	04 (2016-)
Organização de eventos	02 (2018-2019)

Fonte: pesquisa das autoras (2020)

4 BREVES CONSIDERAÇÕES

O cumprimento da missão da universidade pública brasileira passa necessariamente pelo entendimento de seu “caráter dialógico com a sociedade, num formato flexível ‘nem dominante, nem dominada’, com possibilidade de acesso a todos os cidadãos e com autonomia no que tange a sua produção acadêmica e científica.” (SOUZA et.al., 2013, p. 226).

Tanto o DBI quanto o PPGInfo, por meio de suas ações voltadas ao desenvolvimento da ColInfo, pôde manter esse diálogo com a sociedade, oportunizando a criação de novos conhecimentos tanto no meio acadêmico quanto na sociedade

de forma geral. É de fundamental importância salientar que o investimento público realizado tanto em termos financeiros, logísticos, de infra-estrutura e de pessoal, dentre tantos outros, tornou possível a realização de todas as atividades aqui listadas.

Ao mesmo tempo em que declaramos aqui nossa gratidão ao Governo do Estado de Santa Catarina pelo apoio até então recebido, deixamos aqui também nosso apelo em favor do reconhecimento do valor da universidade pública para a sociedade brasileira. Essencial, nos tempos atuais, que cada texto científico publicado traga consigo o caráter político de defesa do ensino superior gratuito e de qualidade para que esse 'diálogo' permaneça cada vez mais presente e com resultados cada vez mais significativos.

REFERÊNCIAS

CAREGNATO, S. E. O desenvolvimento de habilidade informacionais: o papel das bibliotecas universitárias no contexto da informação digital em rede. *Rev. de Bibliotecon. & Comun.*, Porto Alegre, v. 8, p. 47-55, 2000. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/11663>. Acesso em: 30 ago. 2020.

DUDZIAK, E. A. *A information literacy e o papel educacional das bibliotecas*. 2001. 187 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação e Documentação). Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27143/tde-30112004-151029/pt-br.php>. Acesso em: 30 ago. 2020.

SOUZA, J.A.J. et. al. Concepções de universidade no Brasil:

uma análise a partir da missão das universidades públicas federais brasileiras e dos modelos de universidade. *GUAL*, Florianópolis, v. 6, n. 4, p. 216-233, Edição Especial. 2013. Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/gual/article/view/1983-4535.2013v6n4p216/26224>. Acesso em: 30 ago. 2020.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA.
Departamento de Biblioteconomia. Disponível em:
<https://www.udesc.br/faed/biblioteconomia>. Acesso em: 30 ago. 2020.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA. Programa de Pós Graduação em Gestão da Informação. Disponível em:
<https://www.udesc.br/faed/ppginfo>. Acesso em: 30 ago. 2020.

CAPÍTULO 4

1º SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO (I SEICIn) E 3º SEMINÁRIO DE PESQUISAS E PRÁTICAS SOBRE COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO DE SANTA CATARINA (III SEPCIn): relatório técnico⁷⁵

Elizete Vieira Vitorino

Daniela Spudeit

1 INTRODUÇÃO

Num crescente cenário de excesso e também de falta de informação, e numa perspectiva de crescente vulnerabilidade em informação relacionada ao uso crítico e reflexivo de conteúdos informacionais, a competência em informação passou a ser o foco de pesquisas e estudos na Universidade Federal de Santa Catarina desde o ano de 2006. Neste mesmo ano, foi criado o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Competência em Informação (GPCIn), vinculado ao Departamento de Ciência da Informação (CIN) e ao Programa

⁷⁵ Este capítulo foi elaborado a partir do Relatório técnico de prestação de contas (2020), originalmente apresentado na prestação de contas da Chamada Pública do Projeto: FAPESC 01/2019 PROEVENTOS 2019-2010 Fase 2, N° do Termo de Outorga: 2019TR666, em maio de 2020. Agora, com novos dados, tais como a programação atualizada, e, um apêndice com o Workshop ministrado por Jesus Lau, como um pré-evento, incorpora-se à memória de atividades técnico-científicas do Núcleo GPCIn.

de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PGCIN) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O Núcleo GPCIn tem a missão de promover o desenvolvimento da competência em informação, com excelência, por meio de atividades integradas ao ensino, pesquisa e extensão, oferecendo conteúdo acadêmico e científico, oficinas, palestras, comprometendo-se com a garantia de acesso à informação. O GPCIn tem como valores, a ação ética, o compromisso com os direitos humanos e com a informação. O Núcleo GPCIn está cadastrado no diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq.⁷⁶

Neste sentido, e dando prosseguimento às atividades de divulgação científica, a organização e realização do 1º Seminário Internacional de Competência em Informação (I SEICIn) e do 3º Seminário de Pesquisas e Práticas sobre Competência em Informação de Santa Catarina (III SEPCIn)⁷⁷ proporcionou um espaço de divulgação, reflexão e integração entre alunos de graduação e de pós-graduação, profissionais e pesquisadores.

Com a realização destes eventos, buscou-se: a) divulgar e compartilhar experiências, resultados de pesquisas e estudos da subárea de competência em informação, dentro da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação realizados no âmbito nacional e internacional; b) promover a integração, a troca de

⁷⁶ Endereço para acessar ao cadastro do Núcleo GPCIn no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil do CNPq: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0723174267438921. Acesso para a página do GPCIn na UFSC: <https://gpcin.ufsc.br/>.

⁷⁷ Informações em <http://www.enancib2019.ufsc.br/seicin/>

experiências e as parcerias que contribuam para o desenvolvimento da competência em informação na sociedade, no que se refere às pesquisas e ações quanto à diversidade, multiculturalidade, cidadania, vulnerabilidade social, etc.; c) estimular o debate sobre as dimensões técnica, estética, ética e política da competência em informação; e, d) contribuir para a difusão do conhecimento científico e de inovação alinhados aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) das Organizações das Nações Unidas (ONU).⁷⁸

Para o alcance destes objetivos, e de maneira sucinta, a programação foi desenhada com o propósito de se configurar como um evento organizado e executado de maneira coletiva: abertura com a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB) e o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), conferência internacional de abertura com Prof. Dr. Jesús Lau, *Universidad Veracruzana*, Veracruz, México, com o título *“Competencia en información en tiempos de cambios”*, palestra sobre o cenário das pesquisas nos grupos de pesquisa brasileiros que se dedicam aos estudos da competência em informação e que estão cadastrados na Plataforma Diretório de Grupos de Pesquisa do Brasil (DGP), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), mesa redonda com apresentação sobre os precursores da

⁷⁸ Projeto de extensão aprovado no âmbito do Departamento de Ciência da Informação (CIN) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), registrado em 14/08/2019, no Sistema de Registro de Atividades de Pesquisa e de Extensão (SIGPEX) sob o número 201914881 e encerrado em 13/11/2019.

competência em informação no Brasil e espaço para apresentações de trabalhos resultantes de pesquisas realizadas nos programas de pós-graduação, em nível de mestrado e doutorado.

Como um aspecto inovador, foi planejado e realizado um “pré-evento”: o Workshop *Praxis info-docente: actividades de aprendizagem para el desarrollo de habilidades informativas em estudiantes*, ministrado pelo Dr. Jesús Lau. Este Workshop, bem como as demais atividades realizadas durante o evento são apresentadas nos itens seguintes.

2 O WORKSHOP “PRAXIS INFO-DOCENTE: ACTIVIDADES DE APRENDIZAGE PARA EL DESAROLLO DE HABILIDADES INFORMATIVAS EM ESTUDIANTES”⁷⁹

Realizado no dia 24 de outubro de 2019, no período matutino, o workshop tratou dos seguintes tópicos: cultura da informação como parte estratégica de universidades; processo de criação de um manual de atividades para aprender o desenvolvimento de habilidades informativas (DHI) com o objetivo de apoiar a docência em DHI e exercícios de aprendizagem em DHI por habilidades.

O conteúdo tratado no workshop referiu-se a um projeto que une a *CETYS Universidad* e a *Universidad Veracruzana*, ambas com sede no México. Segundo o

⁷⁹ Video do evento disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3MEcX1wbwY4&t=276s>. Acesso em 17 ago. 2020.

propósito desse projeto conjunto, a universidade deve sugerir e prover ferramentas, tais como modelos de DHI, para aprender e ensinar. O resultado disto está num manual, cuja “versão quase final” foi apresentada no evento com o título de *“Facilitando info-habilidades en estudiantes universitarios: Manual para docentes”*, cuja versão preliminar data de agosto de 2019. No manual são apresentadas 8 info-habilidades, subdivididas em categorias, totalizando 70 atividades de aprendizagem baseadas em padrões de DHI do México, conforme segue:

I. Habilidad UNO

Comprensión de la estructura del conocimiento y la información

1. Información y conocimiento: relación y diferencias
2. Conocimiento científico versus saber popular
3. Proceso del ciclo de información
4. Contenido de los diferentes medios informativos
5. Importancia de consultar varios autores

II. Habilidad DOS

Cómo determinar la naturaleza de una necesidad informativa

6. Selección del tema de investigación
7. Delimitación de un tema de investigación
8. Palabras importantes y descriptores de un tema
9. Cronograma de trabajo de investigación

III. Habilidad TRES

Cómo plantear estrategias efectivas para buscar y encontrar información

10. Fuentes primarias, secundarias y terciarias

11. Recursos informativos más utilizados
12. Importancia de información actual
13. Visita a biblioteca: identificación de términos
14. Catálogo público de la biblioteca: cómo está organizado
15. OpenDOAR: identificar repositorios relevantes
16. Información no convencional: redes sociales
17. Twitter como fuente de información

IV. Habilidad CUATRO

Cómo recuperar información

18. Lógica booleana: ventajas de usarla
19. Herramientas de búsqueda avanzada de Google
20. Carácter académico de las publicaciones
21. Identificando bibliotecas importantes
22. Centros de investigación y asociaciones profesionales
23. Repertorios de revistas
24. Búsqueda avanzada en Internet
25. Fuentes y estadísticas gubernamentales
26. Conferencias TED
27. Entrevista a un experto como fuente de información
28. Búsqueda en la biblioteca virtual de su universidad
29. Recuperación de un libro electrónico relevante
30. Comparando bibliotecas virtuales
31. Aplicaciones de celular para recuperar información
32. INEGI: Estadísticas socio-económicas
33. Recuperación de tesis relevantes
34. WorldCAT: Catálogo mundial de bibliotecas

V. Habilidad CINCO

Cómo analizar y evaluar información

35. Noticias falsas
36. Evaluando contenido de medios masivos
37. Actualizando sus fuentes informativas
38. Legislación que regula su tema de investigación
39. Evaluando cursos masivos sobre su tema
40. Evaluando autores relevantes en SciELO
41. Slideshare: evaluando presentaciones
42. Patentes: encontrando fuentes vencidas
43. Información académica y científica
44. Información común o general

VI. Habilidad SEIS

Cómo integrar, sintetizar y utilizar la información

45. Ideas principales de un texto
46. Subrayado y cuadro sinóptico
47. Resumen y mapa conceptual
48. Creación de infografía usando una base de datos
49. Redacción: lluvia de ideas
50. Incorporación de sus ideas (Primer borrador)
51. Terminología del texto acorde al público
52. Revisión de estilo bibliográfico APA
53. Paráfrasis usando una herramienta de *blog*

VII. Habilidad SIETE

Cómo presentar resultados de información obtenida

54. Trabajo escrito de fin de cursos
55. Textos para titulación
56. Incorporación de sus ideas (Borrador final)
57. Curación de contenidos
58. Tipos de documentos para escribir

59. Conociendo Wikipedia: pilares
60. Registro de usuario en Wikipedia
61. Zona de pruebas: conociendo el lenguaje Wikitexto
62. Crear un artículo (Entrada) en Wikipedia

VIII. Habilidad OCHO

Respeto a la propiedad intelectual y a los derechos de autor

63. Respeto a la propiedad intelectual
64. Elementos de una bibliografía
65. Citar fuentes
66. Entendiendo Creative Commons
67. Imágenes, uso ético
68. Revisión del número de citas y bibliografía
69. Gestores de referencia (Zotero, Mendeley u otros)
70. Privacidad y redes sociales

O propósito das 8 (oito) habilidades apresentadas no manual é apoiar o desenvolvimento de habilidades básicas em DHI, para a busca, avaliação, uso e comunicação da informação, utilizando repertórios internacionais de informação e recursos em espanhol. Para concretizar este fim, o Dr. Jesús Lau apresentou uma estrutura de exercícios vinculada ao manual com 70 atividades de aprendizagem baseadas em padrões de DHI do México.

Para o Dr. Jesús Lau, a estrutura do manual, bem como a proposição dos exercícios, apresenta benefícios evidentes para docentes, pois serve de guia para o DHI. O manual permite criar estratégias efetivas para seus cursos e também ajuda bibliotecários(as) a estarem na fronteira de facilitação do conhecimento.

3 SOBRE O 1º. SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO (I SEICIn) E 3º SEMINÁRIO DE PESQUISAS E PRÁTICAS SOBRE COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO DE SANTA CATARINA (III SEPCIn): ATIVIDADES REALIZADAS

Neste tópico, apresentaremos dados relativos à programação oficial, última versão desta, tendo em vista que sofreu alterações, por motivo de ausência de alguns palestrantes, realocação de espaços e de horários. No item seguinte, são apresentadas algumas atividades, vídeos, premiação e imagens em destaque. E, por fim, os *banners* produzidos em parceria com alunos de graduação e de pós-graduação e que contemplam sugestões de práticas de desenvolvimento da competência em informação, a partir dos 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030.

3.1 O I SEICIn e o III SEPCIn – em foco a programação dos eventos

Com a finalidade de apresentar um evento que representasse os esforços do Núcleo GPCIn nas pesquisas sobre competência em informação e na condução de conteúdos de interesse para o público, foi planejada e executada uma programação voltada aos interesses deste mesmo público. Esta é a última versão da programação oficial dos eventos⁸⁰:

⁸⁰ Disponível em: <https://gpcin.ufsc.br/2019/10/18/i-seicin-e-iii-sepcin-programacao-atualizada/>. Acesso em 17 ago. 2020.

I SEICIn - 1º Seminário Internacional de Competência em Informação (I SEICIn) e III SEPCIn - 3º Seminário de Pesquisas e Práticas sobre Competência em Informação de Santa Catarina (III SEPCIn), dia 25/10/2019.

Tema: "Passado, presente e perspectivas futuras para o desenvolvimento da Competência em Informação em nível internacional"

O evento está sendo gravado e postado nas mídias sociais do PGCIn em breve.

Local: Hotel Canto da Ilha

Site: <https://www.cantodailha.com.br/>

Endereço: Av. Luiz Boiteux Piazza, 4810 – Ponta das Canas, 88056-000, Florianópolis/SC

Sala: Mata Atlântica

Programação final:

8h – Credenciamento

9h – Mesa de Abertura

Representante da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB): Dr. Oswaldo Francisco de Almeida Júnior, Presidente

Representante do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT): Dr. Arthur Coelho Bezerra
Pesquisador Titular do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT/MCTIC). Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI/IBICT-UFRJ).

Representante do Programa de Pós-Graduação em Ciência da

Informação (PGCIN) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC): Dr. Edgar Bisset Alvarez, Vice-Coordenador do PGCIN

Representante da Coordenação do evento/comissão organizadora: Dra. Elizete Vieira Vitorino

Pós-doutora em Ciência da Informação, Universidade do Porto, Portugal, Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Competência em Informação (GPCIn), Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PGCIN), Centro de Ciências da Educação (CED), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis - Brasil

9h30 – 10h – Cenário dos grupos de pesquisa brasileiros sobre competência em informação

Dra. Elizete Vieira Vitorino

Pós-doutora em Ciência da Informação, Universidade do Porto, Portugal, Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Competência em Informação (GPCIn)

10h - Intervalo

10h30 – 12h – Abertura Oficial do I Seminário Internacional de Pesquisas de Competência em Informação (I SEICIn) com a Conferência internacional "Competencia en información en tiempos de cambios"

Prof. Dr. Jesús Lau, Universidad Veracruzana, Veracruz, México

Abertura para perguntas

12h – 13h45 - Intervalo para almoço

14h – 15h - Mesa redonda "Passado, presente e perspectivas futuras para o desenvolvimento da Competência em Informação"

Dra. Isa Maria Freire, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), coordenadora da mesa, representando a Dra. Regina Célia Baptista Belluzzo, Universidade Estadual Paulista (UNESP)
Dra. Elizete Vieira Vitorino – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Pioneiras da competência em informação no Brasil,
Competência em Informação em Santa Catarina – produção da UFSC e Dimensões da Competência em Informação (técnica, estética, ética e política)

Competência em Informação em Santa Catarina – produção da UDESC

Doutoranda Daniela Spudeit – Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

15h – Lançamento de livros

Livro “Competência em informação: conceito, contexto histórico e olhares para a Ciência da Informação” (impresso)

Elizete Vieira Vitorino e Daniela Piantola

Editora da UFSC

E-Book: “Pesquisas e Práticas de Competência em Informação”
(disponível somente on-line)

Elisa Delfini Correa, Daniela Spudeit e Elizete Vieira Vitorino
(organizadoras)

Editora Rocha com selo Nyota

15h15 – 15h45 - Distribuição de brindes fornecidos por editoras e patrocinadores/ apoiadores

15h45 – 16h00 - Premiação:

Criação do prêmio e entrega a placa alusiva à premiação alusiva aos pioneiros da competência em informação no Brasil. A comissão organizadora criou o “Prêmio Regina Belluzzo de

Competência em Informação” para homenagear importantes pesquisadores e profissionais que se dedicam aos estudos e práticas voltados à competência em informação no Brasil. A primeira personalidade que recebeu o prêmio foi Regina Célia Baptista Belluzzo.

16h - *Coffee break*

16h30 – 17h20 – Apresentação de pesquisas de pós-graduação

16h30 - "Princípios para o Desenvolvimento da Competência em Informação do Idoso sob o foco da Dimensão Política" – Djuli Machado De Lucca (UFSC/UNIR)

16h45 - "As dimensões da competência em informação no Projeto Lucas para Aprender da Organização de Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura na perspectiva da vulnerabilidade social" – Tânia Regina de Brito (UFMS/UFSC/UNESP)

17h - No balanço das redes de contadores de história: competência narrativa e competência em informação no século XXI, Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade de Brasília (UnB), da Linha de Pesquisa "Comunicação e Mediação da Informação" - Méri Nádia Marques Gerlin

Abertura para perguntas

17h20 – Mesa de encerramento do evento

Dra. Elizete Vieira Vitorino

Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Competência em Informação (GPCIn) Coordenadora do I SEICIn e III SEICIn e representante da comissão organizadora

Este evento contou com o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC) - Edital de Chamada Pública FAPESC N' 01/2019 PROEVENTos 2019/2020 Fase 2

3.2 Atividades, vídeos, premiação e imagens em destaque⁸¹

Alguns momentos do I SEICIn – 1º Seminário Internacional de Competência em Informação e III SEPCIn – 3º Seminário de Pesquisas e Práticas sobre Competência em Informação de Santa Catarina, que ocorreram no dia 25/10/2019, merecem destaque.

O Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Competência em Informação (GPCIn) da Universidade Federal de Santa Catarina, realizou o 1º Seminário Internacional de Competência em Informação (1º. SEICIn) pela primeira vez no Brasil e o 3º Seminário de Pesquisas e Práticas sobre Competência em Informação de Santa Catarina (3º. SEPCIn). O 3º SEPCIn é um evento que ocorre desde 2012 promovido pelo GPCIn.

Os eventos tiveram o objetivo geral de proporcionar um espaço de divulgação, reflexão e integração dos pesquisadores, profissionais e estudantes, das instituições públicas e particulares, quanto à competência em informação,

⁸¹ Texto original e imagens publicadas com o título de “I SEICIn e III SEPCIn – Momentos inesquecíveis”, em 29 out. 2019. Disponível em: <https://gpcin.ufsc.br/2019/10/29/i-seicin-e-iii-sepcin-momentos-inesqueciveis/>. Acesso em 17 ago.2020.

na perspectiva de pesquisas, ações, práticas e contribuições para o fortalecimento da Ciência da Informação.

A equipe da organização e realização do evento foi coordenada pela professora Elizete Vitorino que também é líder do GPCIn. Além disso, na comissão organizadora estão os estudantes do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PGCIN) da UFSC que pesquisam e atuam em prol da profissões da informação e da atuação destas na sociedade: Daniela Spudeit, Eliane Pellegrini, Eliane Rodrigues Mota Orelo, Tânia Regina de Brito, Genilson Geraldo, Guilherme Goulart Righetto, Djuli Machado De Lucca, Dilva Páscoa De Marco Fazzioni, Ana Lúcia Campos Brizola, Fernanda Gomes Ferreira, André Fabiano Dyck, Murilo Mauro Silveira e Marcela Reinhardt de Souza. Também estiveram colaborando com os eventos os estudantes voluntários do Curso de Graduação em Biblioteconomia da UFSC, Yuri Martins Dutra e Luiza Estefano que atuaram de maneira decisiva na gravação do evento e disponibilizaçãodo evento na página do GPCIn e no *Facebook*, com vídeos disponibilizados para cada parte do evento⁸².

Para sua realização, este evento contou com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), da EBSCO, do Conselho Regional de Biblioteconomia 14ª Região (CRB14/SC), da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários e Cientistas da Informação (FEBAB), da

82

Disponível

em:

<https://www.youtube.com/channel/UC6T7eOFsq5nWfXmARmFlwfw>.

Acesso em 17 ago. 2020.

Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação (ABECIN), da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB), do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) além de instituições internacionais como a Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (IFLA), *Universidad Veracruzana* (México), Universidade de Coimbra (Portugal) e *Universidad de Antioquia* (Colômbia).

O vídeo da mesa de abertura pode ser visto em: https://www.youtube.com/watch?v=Uu_9WcFGgkE.

O “Cenário dos grupos de pesquisa brasileiros sobre competência em informação” no Brasil foi apresentado pela Dra. Elizete Veira Vitorino e está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=bqkauJd6TwQ&t=64s>.

O evento contou com a ilustre presença de Jesús Lau, pesquisador mexicano e ativista em prol do movimento da competência em informação em âmbito mundial, cujo currículo impressiona⁸³. Jesús apresentou a palestra magna intitulada *Competencia en información en tiempos de cambios*. O vídeo da palestra de abertura pode ser visto em <https://www.youtube.com/watch?v=wSmTTrQ5IB0>.

A mesa redonda "Passado, presente e perspectivas futuras para o desenvolvimento da Competência em Informação", com a presença da Dra. Isa Maria Freire, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), coordenadora da mesa, representando a Dra. Regina Célia Baptista Belluzzo,

⁸³ Disponível em: https://pt.qwe.wiki/wiki/Jesus_Lau. Acesso em 17 ago. 2020.

Universidade Estadual Paulista (UNESP), da Dra. Elizete Vieira Vitorino – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), tratando das pioneiras da competência em informação no Brasil, da produção científica sobre competência em Informação em Santa Catarina – produção da UFSC e das Dimensões da Competência em Informação (técnica, estética, ética e política), bem como da doutoranda Daniela Spudeit, da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), tratando da competência em informação em Santa Catarina – produção da UDESC, pode ser vista em: <https://www.youtube.com/watch?v=tGpzJ--xfEw>.

A apresentação do “Prêmio Regina Belluzzo de Competência em Informação”, bem como a entrega da placa alusiva a este, cujo propósito consiste em homenagear importantes pesquisadores e profissionais que se dedicam aos estudos e práticas voltados à competência em informação no Brasil, e que foi entregue à primeira homenageada, Regina Célia Baptista Belluzzo, pode ser vista em <https://www.youtube.com/watch?v=0aO-dCOE214>.

Por fim, algumas pesquisas de pós graduação, selecionadas para serem apresentadas nos eventos, e que reuniram alguns trabalhos brasileiros desenvolvidos por integrantes de grupos de pesquisa, contaram com os seguintes apresentadores: Djuli Machado De Lucca (UFSC/UNIR), apresentou "Princípios para o Desenvolvimento da Competência em Informação do Idoso sob o foco da Dimensão Política"; Tânia Regina de Brito (UFMS/UFSC/UNESP), apresentou "As dimensões da competência em informação no Projeto Lucas para Aprender da Organização de Estados Ibero-

Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura na perspectiva da vulnerabilidade social" e, Méri Nádía Marques Gerlin apresentou "No balanço das redes de contadores de história: competência narrativa e competência em informação no século XXI", Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade de Brasília (UnB), da Linha de Pesquisa "Comunicação e Mediação da Informação". As apresentações podem ser vistas em https://www.youtube.com/watch?v=Mb0PKn39IKg&list=PLGxvYSqqzx_-3vcp4Ap8yxkFFJh1usZhG&index=6

O conjunto de atividades e os vídeos produzidos como um dos resultados dos eventos, podem servir de inspiração para futuros trabalhos teóricos e práticos, pois a competência em informação está alicerçada nas dimensões técnica, ética, estética e política, necessárias no atual contexto brasileiro e mundial.

Para finalizar este tópico, destacamos algumas imagens que definimos como "algumas memórias inesquecíveis" do evento.

Figura 1 - Dr. Jesús Lau e Dra. Elizete Vieira Vitorino



Fonte: Das autoras (25 out. 2020).

Figura 2 – Integrantes a comissão organizadora e do GPCIN



Fonte: Das autoras (25 out. 2020).

Figura 3 - Participantes I SECIN e III SEPCIn



Fonte: Das autoras (25 out. 2020).

3.3 Banners Agenda 2030

Para atender aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) das Organizações das Nações Unidas (ONU) e congregar alunos de graduação e de pós-graduação no esforço conjunto de encontrarem soluções práticas para desenvolver a competência em informação, foram produzidos exemplos práticos em atividades didáticas e de reflexão e apresentados na forma de banners físicos e digitais, disponibilizados no dia do evento e nas mídias sociais. Os 17 ODS e respectivos exemplos práticos podem ser vistos nos dois *banners* a seguir:

Figura 4 – Banter objetivos 1 ao 8 da Agenda 2030 e Competencia em Informação

PROPOSTAS DE AÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO ALINHADA À AGENDA 2030 DA ONU



<div style="background-color: #c00000; color: white; padding: 5px; margin-bottom: 5px;"> 1 EDUCAÇÃO DA POBREZA </div> 	<p>Implementação de programas, preferencialmente em escolas de áreas consideradas de extrema pobreza, visando o desenvolvimento da competência informacional. Poderia ser ensinado, por exemplo, a busca de informação em diversas fontes para o cultivo de hortas comunitárias e consumo dos alimentos pela população dessas áreas.</p>
<div style="background-color: #e69d00; color: white; padding: 5px; margin-bottom: 5px;"> 2 FOME ZERO </div> 	<p>Capacitação das pessoas para uso do Portal da Transparência do Governo Federal para que todos acompanhem por lá o que tem sido realizado no que tange às medidas para acabar com a fome e melhorar agricultura para que as pessoas cobrem mais ações do poder público.</p>
<div style="background-color: #27ae60; color: white; padding: 5px; margin-bottom: 5px;"> 3 BOA SAÚDE E BEM-ESTAR </div> 	<p>Criação de grupos de discussão em alguns pontos estratégicos da sociedade: em escolas e em associações comunitárias, de modo que se possa criar uma rede de compartilhamento e de apoio social entre os estudante e profissionais da área da saúde (e também outros profissionais, se preciso) no melhor forma de apresentar as informações aos grupos de discussão e ensinarão aos participantes como buscar e acessar novas informações, a partir do conhecimento e das subjetividades dos participantes. Além disso, promover a aplicação de oficinas e gincanas em escolas e comunidades com ajuda de especialistas para levar informações sobre tratamento de doenças (tanto congênicas, hereditárias ou adquiridas) promovendo o acesso à informação, bem-estar e diversão.</p>
<div style="background-color: #2e8b57; color: white; padding: 5px; margin-bottom: 5px;"> 4 EDUCAÇÃO DE QUALIDADE </div> 	<p>Criação de um projeto de extensão de walking tour denominado "Floripápi", cujo público-alvo seriam os alunos do ensino médio da rede pública e privada do município de Florianópolis. Este projeto permitiria aos alunos de curso de graduação que tenham em prática os ensinamentos de sala de aula no que tange à competência em informação. Do outro lado, os alunos do ensino médio teriam oportunidade de aprender mais sobre a história e curiosidades do centro histórico de Florianópolis. O "Floripápi" pretende oferecer um tour de forma gratuita, pelo centro histórico de Florianópolis em Santa Catarina. Durante o percurso serão feitas paradas nos atrativos histórico/turísticos do centro histórico de Florianópolis/SC selecionados para este projeto.</p>
<div style="background-color: #e91e63; color: white; padding: 5px; margin-bottom: 5px;"> 5 IGUALDADE DE GÊNERO </div> 	<p>Propiciar rodas de conversa/compartilhamento de experiências sobre os feminismos decoloniais e a sociedade, visando edificações coletivas para o lifelong learning nos mais variados segmentos: seja embasado no mercado de trabalho, nas relações humanas, nas corporações e nas subjetividades adjacentes. Além disso, pode-se realizar movimentos de Goleira junto aos grupos que se encontram no mesmo patamar de vulnerabilidade social em relação às igualdades de gênero, como os LGBTQI.</p>
<div style="background-color: #00bcd4; color: white; padding: 5px; margin-bottom: 5px;"> 6 ÁGUA LIMPA E SANEAMENTO </div> 	<p>Oferecimento de cursos de capacitação, de extração de água em meios naturais, ou técnicas de aproveitamento de água disponibilizado de forma gratuita por órgãos competentes. Divulgação de informações, programas, planos e quaisquer outras práticas sobre os direitos, deveres e uso da água e do saneamento, tanto para a comunidade em geral para assunção de uma responsabilidade solidária coletiva e individual, assim como para aos agentes políticos e técnicos na busca de soluções para a implementação de políticas ambientais de uso racional dos recursos hídricos.</p>
<div style="background-color: #ffc107; color: white; padding: 5px; margin-bottom: 5px;"> 7 ENERGIA LIMPA, SUSTENTÁVEL E LIMPA </div> 	<p>Promover oficinas sobre competência em informação tendo como tema transversal a conservação de energia e desenvolvimento de matrizes energéticas sustentáveis.</p>
<div style="background-color: #800000; color: white; padding: 5px; margin-bottom: 5px;"> 8 EMPREGO DIGNO E CRESCIMENTO ECONÔMICO </div> 	<p>Promover capacitação sobre acesso e uso da informação profissional para que as pessoas em situação vulnerável aprendam uma profissão para produzir e comercializar seus produtos.</p>



Fonte: GPCIN (2019).

Figura 5 - Banner objetivos 9 ao 17 da Agenda 2030 e Competencia em Informação



PROPOSTAS DE AÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO ALINHADA À AGENDA 2030 DA ONU

 <p>9 INDÚSTRIA, INOVAÇÃO E INFRAESTRUTURA</p>	<p>Dentro das universidades, construir projetos e infraestruturas para promover a industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação em parceria com empresas privadas e com a Biblioteca Universitária para capacitar as pessoas no acesso e uso da informação.</p>
 <p>10 REDUÇÃO DAS DESIGNADEZES</p>	<p>Promção de ações para desenvolver habilidades informacionais nas bibliotecas públicas em comunidades carentes.</p>
 <p>11 CIDADES E COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS</p>	<p>Promover na biblioteca a 'Hora do Encontro com o Arquiteto e/ou Engenheiro Civil' (cada mês poderá contar com um profissional de uma área), incentivando debates e reflexões acerca de temas como a urbanização de favelas, a construção de abrigos sustentáveis para os sem-tetos, o emprego de meios de transporte sustentáveis e seus benefícios para a cidade e para as pessoas, com a promoção de um passeio 'biblio ciclo' pela cidade, prevenção de enchentes (com ideias simples de educação ambiental para evitar ou minimizar enchentes nas cidades que podem ser aplicadas pela população).</p>
 <p>12 CONSUMO E PRODUÇÃO RESPONSÁVEIS</p>	<p>Em uma biblioteca pública, fomentar oficinas com discussões entre profissionais, estudantes da graduação, empresas e/ou órgãos relativos à produção sustentável junto aos estudantes de ensino médio para se despertar a consciência crítica e o maior conhecimento sobre as tóxicas envoltas.</p>
 <p>13 COMBATE AS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS</p>	<p>Em uma biblioteca escolar, reunir uma turma do ensino fundamental para mostrar algumas obras de referência e livros de geografia, mostrar como pesquisar nessas obras pelo sumário e índice para em seguida fazer uma brincadeira de caça ao tesouro. Divida-se a turma em equipes e entregue-se a seguinte questão: Procurar nos livros de geografia quais fatores afetam o clima e que mudanças podem acontecer. A equipe que achar a resposta mais rápida ganha o 'tesouro' que pode ser uma caixa de bombom.</p>
 <p>14 VIDA DE BAIO OCEANO</p>	<p>Em uma biblioteca pública, ofertar uma palestra, direcionada à profissionais da pesca e da maricultura, sobre conservação e uso sustentável dos oceanos, dos mares e dos recursos marinhos e uma oficina para mostrar as fontes de informação disponíveis e como usá-las. Após, dividir os participantes em grupos menores e propor que, em um tempo pré-definido, cada grupo pesquise nas fontes de informação e/ou identifique a partir de sua prática profissional, pequenas ações que podem ser realizadas no cotidiano para conservar oceanos, mares e recursos marinhos. Ao final, as equipes compartilham umas com as outras as ações pesquisadas e/ou identificadas. A equipe que apresentar maior número de ações ganhará uma visita ao Projeto Tamar na cidade mais próxima, custeada pela Prefeitura Municipal.</p>
 <p>15 VIDA SOBRE A TERRA</p>	<p>Em uma escola de Ensino Fundamental, elaborar uma atividade conjunta com professores e bibliotecários com uma ou mais turmas, a partir do tema "não ao desperdício de alimentos". Pesquisar em fontes de informação e sugerir ações para reaproveitamento de alimentos. As melhores ideias poderão ser desenvolvidas na prática pela escola e incentivar as famílias dos alunos nesse sentido.</p>
 <p>16 PAZ, JUSTIÇA E INSTITUIÇÕES SÓLIDAS</p>	<p>Promover ações para divulgar e fiscalizar o cumprimento da lei de acesso público da informação - 12.527/2011 (LAI), principalmente para grupos minoritários como LGBTQI.</p>
 <p>17 PARCERIAS PARA O DESENVOLVIMENTO DAS METAS</p>	<p>Em uma biblioteca escolar, reunir alunos do ensino médio para uma apresentação sobre captação de recursos para projetos sociais voltados para comunidade escolar. Reforçar a captação de recursos por meio de parcerias entre a escola e a comunidade e quanto ao uso de bibliografias que tratem de implementação de parcerias. Formam-se grupos de alunos, para apresentarem propostas de parcerias viáveis entre a escola e comunidade local. A proposta mais criativa e fundamentada é vencedora e ganha um brinde, como, por exemplo, um livro ou uma caixa de bombons.</p>

Acesse a ficha técnica completa pelo QR code abaixo:





Fonte: GPCIN (2019)

4 PRINCIPAIS RESULTADOS

Os resultados em relação a quantidade de participantes, atividades e produtos dos eventos, palestrantes, ações da Agenda 2030 e divulgação foram alcançados, com destaque para a Conferência Internacional e ações relacionadas à Agenda 2030, sendo que estas últimas, congregaram esforços dos estudantes da graduação e da pós-graduação. Foi criado o prêmio “Regina Belluzzo de Competência em Informação” para valorizar pesquisadores que tem se dedicado às pesquisas e práticas no Brasil. O Prêmio foi concedido a primeira homenageada que deu nome à premiação: Regina Célia Baptista Belluzzo. Cabe ressaltar que os recursos financeiros para o prêmio foram obtidos por doação realizada pelos membros do Núcleo GPCIn, sem encargos para a FAPESC. Sobre a divulgação dos eventos, ocorreram comunicações preliminares por e-mail para pesquisadores, grupos de pesquisas, universidades, instituições parceiras como IBICT, ABECIN, ANCIB, ACB, CRB, EBSCO, entre outros. No dia do evento foi divulgado na abertura do evento, na página do GPCIn, nas mídias sociais (instagram e facebook), em banners físicos colocados no dia do evento.

Uma das notícias sobre o evento, foi divulgada pelo IBICT: *“O pesquisador da Coordenação de Ensino e Pesquisa do Ibict, Arthur Bezerra, participou da mesa de abertura do 1º Seminário Internacional de Competência em Informação e do 3º Seminário de pesquisas e Práticas sobre Competência em Informação de Santa Catarina. Os eventos fazem parte da programação Pós-Enancib (Encontro Nacional de Pesquisa em*

Ciência da Informação)”.

“Segundo o pesquisador Arthur Bezerra, o tema da competência em informação possui longa tradição de pesquisas no Ibict. ‘Nos últimos anos, a atuação de pesquisadores da Coordenação de Ensino e Pesquisa (COEPE) no Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI/IBICT-UFRJ) tem contribuído para ampliar as dimensões do conceito, especialmente importante em tempos de circulação de notícias falsas e demais formas de desinformação presentes nas redes digitais’, diz. A notícia foi veiculada em: <http://www.ibict.br/sala-de-imprensa/noticias/item/712-ibict-participa-de-seminario-de-competencia-em-informacao>.

O evento também foi divulgado na página do GPCIn, com diversas postagens e em <http://www.enancib2019.ufsc.br/seicin/> (página do XX ENANCIB).

Quanto aos anais do evento, está em fase de finalização da organização de uma publicação com o conteúdo do evento, sem encargos para a FAPESC.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O 1º. Seminário Internacional de Competência em Informação (I SEICIn) e o 3º. Seminário de Pesquisas e Práticas sobre Competência em Informação de Santa Catarina (III SEPCIn) congregaram os esforços em disseminar as pesquisas e as boas práticas sobre a temática em âmbito internacional e em sólo catarinense, mostrando a importância da internacionalização da pesquisa em ambas perspectivas. O

evento alcançou o objetivo geral, a medida em que proporcionou um espaço de divulgação, reflexão e integração entre profissionais e pesquisadores em relação aos subsídios teóricos e práticos voltados ao desenvolvimento da competência em informação para toda comunidade profissional e científica de forma sustentável. A inovação desta proposta de evento se apresentou pela agregação do termo "práticas" ao nome do evento, bem como pela iniciativa de se realizar o primeiro seminário internacional em território brasileiro, além de contemplar ações relacionadas a Agenda 2030 da ONU alinhadas às diretrizes da competência em informação.

Também foi criado o prêmio "Regina Belluzzo de Competência em Informação" para valorizar pesquisadores que se dedicaram às pesquisas e práticas no Brasil.

O evento também divulgou e compartilhou experiências, resultados de pesquisas e estudos da subárea de competência em informação na Biblioteconomia e Ciência da Informação, promoveu a integração, a troca de experiências e parcerias que contribuíram para o evento e para o desenvolvimento da competência em informação na sociedade, no que se refere às pesquisas e ações quanto à diversidade, multiculturalidade, cidadania, vulnerabilidade social, redução de desigualdades, qualidade na educação entre outras questões relevantes e pertinentes à temática.

O evento ainda estimulou o debate sobre as dimensões técnica, estética, ética e política da competência em informação, contribuiu para a difusão do conhecimento científico e de inovação, alinhados aos Objetivos do

Desenvolvimento Sustentável das Organizações das Nações Unidas (ONU) apresentados em forma de banners físicos e digitais no evento e nas mídias sociais, conforme consta na página do Núcleo GPCIn.

Em relação aos resultados esperados, os objetivos foram atingidos, o evento foi filmado e disponibilizado nas mídias sociais e na página do Núcleo GPCIn ampliando o acesso ao conteúdo do evento. Participaram do evento cerca de 100 pessoas, entre alunos graduandos, mestrandos, doutorandos, profissionais, docentes, palestrantes catarinenses, nacionais e estrangeiros e demais convidados.

Houve lançamento de dois livros na área de Competência em Informação e, também, a realização de um workshop como ação pré-evento com o palestrante estrangeiro otimizando o uso dos recursos da FAPESC. Todo material do evento (slides, banners, apresentações, material do workshop, entre outros) foi disponibilizado na página do Núcleo do GPCIn. É importante ressaltar que o evento só foi possível graças ao apoio financeiro da FAPESC.

CAPÍTULO 5

A TÉCNICA DE ENTREVISTA NARRATIVA EM INVESTIGAÇÃO SOBRE COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: EM FOCO, A EXPERIÊNCIA DE PESQUISA COM IDOSOS

Djuli Machado De Lucca

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A competência em informação é reconhecida na literatura científica como o conjunto de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores relacionados ao uso consciente, criativo e benéfico de recursos informacionais (DUDZIAK, 2001; 2003; VITORINO; PIANTOLA, 2009) que o sujeito desenvolve para alcançar a autonomia, o empoderamento pessoal, a liberdade e a cidadania (AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION, 1989; INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARIES ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS, 2005). As pesquisas em competência em informação são desenvolvidas desde a década de 1970, e buscam “explorar conceitos e definições, e ainda, apresentar práticas que podem ser desenvolvidas em determinados grupos de indivíduos” (DE LUCCA; NEUBERT, 2020, p. 2). Tanto as pesquisas teóricas quanto as pesquisas empíricas buscam, nesse sentido, oferecer subsídios para que o movimento obtenha êxito na proposta para o desenvolvimento social, a partir das capacidades que tal movimento proporciona, como a liberdade, a cidadania e a autonomia.

Os estudos empíricos sobre competência em informação, por sua vez, compreendem a investigação das “habilidades, atitudes e compreensão necessárias para identificar, avaliar e usar a informação, de acordo com as necessidades de informação de cada indivíduo, em estruturas formais ou não de informação” (LEITE *et al.*, 2016, p. 153). Um dos métodos adequados para esse tipo de investigação, segundo De Lucca e Vitorino (2020), é a interrogação direta dos sujeitos que experienciam a competência em informação.

Dentre tais métodos, está a entrevista narrativa, uma técnica comumente utilizada em pesquisas de abordagens metodológico-epistemológicas baseadas na teoria fenomenológica de investigação. A entrevista narrativa é uma técnica de entrevista – que se caracteriza pelo diálogo direto entre o pesquisador (entrevistador) e sujeito (participante) – que busca captar a percepção do objeto pelo sujeito, a partir da contação de fatos passados (MUYLAERT *et al.*, 2014). Trata-se de uma ferramenta de entrevista não-estruturada, em que não há a seleção prévia de perguntas em relação ao objeto; há apenas o estímulo por parte do entrevistador para que o sujeito construa a sua percepção sobre o fenômeno.

Assim, essa investigação busca apresentar a técnica da entrevista narrativa como procedimento metodológico congruente à investigações sobre da competência em informação, a partir da teoria fenomenológica. A intenção é, além de apresentar os procedimentos técnicos constituintes da técnica, também apresentar experiência de pesquisa com uso de entrevista narrativa. A técnica foi aplicada em investigação também de cunho fenomenológico, desenvolvida

por De Lucca (2019) com idosos participantes de Grupos da Terceira Idade (GTI) do estado de Santa Catarina.

2 PRINCÍPIOS EPISTEMOLÓGICOS QUE NORTEIAM A PESQUISA NARRATIVA: AS CORRENTES SUBJETIVISTAS E AS CRÍTICAS AOS MODELOS OBJETIVISTAS DE CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

Conforme mencionado na seção anterior, a técnica de entrevista narrativa é uma técnica de entrevista não-estruturada, em que não há seleção prévia de perguntas. Ainda, esse instrumento é caracterizado pela contação de fatos passados (MUYLEAERT *et al.*, 2014): dessa forma, o sujeito constrói o objeto a partir de uma apresentação de memórias.

Esse tipo de técnica, na medida em que compreende o aprofundamento das experiências pelo sujeito a partir da contação de histórias acerca de acontecimentos passados, fundamenta-se em uma perspectiva teórico-epistemológica subjetivista.

As doutrinas teórico-epistemológico subjetivistas foram delineadas a partir de críticas acerca de doutrinas objetivistas – notadamente as correntes positivistas - de construção do conhecimento, lançadas entre o final do século XIX e início do século XX. Na relação epistemológica entre sujeito e objeto, tais doutrinas colocam este último elemento no centro da gravidade da produção de conhecimento (HESSEN, 2012). As vertentes objetivistas pressupõem o objeto como algo pronto, colocado diante da consciência

cognoscente e determinado em si mesmo: o sujeito copia e incorpora, dessa forma, as determinações do objeto (HESSEN, 2012).

Segundo Hessen (2012, p. 35), o idealizador do positivismo é Augusto Comte: esse filósofo acredita que o conhecimento está sustentado naquilo que “é positivamente dado, aos fatos imediatos da experiência”. Para as teorias positivistas, a proposta do método científico consiste em construir verdades absolutas: qualquer elemento dinâmico ou subjetivo invalida um conhecimento enquanto científico. Dessa forma, a construção de conhecimentos a partir de experiências – e, especialmente, a partir da contação de fatos passados por um sujeito que é naturalmente dinâmico e contraditório – é deslegitimada.

Essa ênfase na construção de verdades absolutas e universais ganhou força no renascimento, um período em que a ciência ainda se consolidava enquanto instrumento legítimo para a produção do conhecimento, em detrimento do conhecimento religioso. Era necessário, naquela ocasião, operar uma observação do mundo “livre dos vínculos do mito e da tradição em geral, um conhecimento universal do mundo e do homem numa absoluta ausência de pressupostos” (HUSSERL, 2012, p. 4). Assim, essa posição filosófica da teoria do conhecimento pareceu, em princípio, fornecer a validade que o método científico de construção do conhecimento necessitou para consolidar-se (HESSEN, 2012).

No entanto, as doutrinas objetivistas limitam-se na sua capacidade de compreender os fenômenos da existência humana. Husserl (2012, p. 3) pondera que tal vertente “exclui

de um modo inicial justamente as questões que, para os homens dos nossos desafortunados tempos [...] são as questões prementes: as questões acerca do sentido ou ausência do sentido de toda a existência humana”. Na verdade, o autor expõe que o positivismo tem nada a dizer sobre nós, humanos, pois “abstrai tudo o que é subjetivo” (HUSSERL, 2012, p. 3).

É a partir de críticas desse caráter que Husserl (2012, p. 3) argumenta em prol de uma vertente subjetivista, cujas disciplinas, segundo o autor, “consideram o homem na sua existência espiritual, ou seja, no horizonte da sua historicidade, a sua cientificidade rigorosa”. Dessa forma, a ciência seria capaz de verificar aquilo “que o mundo, de fato é, tanto o mundo físico quanto o espiritual” (HUSSERL, 2012, p. 3).

As vertentes subjetivistas – que surgiram a partir de Husserl (1996; 2012) – colocam o sujeito no centro da relação epistemológica entre o sujeito e o objeto. Assim, a verdade é limitada em sua validade: depende do julgamento do sujeito cognoscente. Sendo o sujeito cognoscente um ser em permanente transformação (MINAYO, 2010), a verdade é, então, relativa, e não absoluta nem universal (HUSSERL, 1996).

A fenomenologia é a disciplina filosófica subjetivista mais explorada e discutida na literatura. Originalmente denominada como ciência dos fenômenos (SCHRODER, 2006), esta fornece elementos que são essencialmente congruentes à técnica de pesquisa de entrevista narrativa.

A origem etimológica da fenomenologia remete à palavra fenômeno, que é oriunda da palavra grega

fainomenon, designada como aquilo que se mostra, ou que se manifesta, ou, ainda, aquilo que aparece. É, para Bicudo (1994, p. 17), “o que se manifesta para uma consciência”, ou, para Martins, Boemer e Ferraz (1990), aquilo que se revela para o sujeito que interroga. A fenomenologia, então, compreende a descrição desses fenômenos conforme eles se manifestam na consciência do sujeito (MARTINS; BOEMER; FERRAZ, 1990).

Está na ‘consciência’ uma nova superação ao modelo positivista: enquanto nessa vertente o objeto é algo determinado em si mesmo e colocado diante da consciência cognoscente (como observamos anteriormente em Hessen (2012), na fenomenologia consciência e objeto não podem ser vistas de forma isolada:

[...] consciência e objeto não são, com efeito, duas entidades separadas na natureza que se trataria, em seguida, de pôr em relação, mas consciência e objeto se definem respectivamente a partir desta *correlação* que lhes é, de alguma maneira, co-original. *Se* a consciência é sempre “consciência *de* alguma coisa” e se o objeto é sempre “objeto *para* a consciência”, é inconcebível que possamos sair dessa correlação, já que, fora dela, não haveria nem consciência nem objeto (DARTIGUES, 2013, p. 19, grifo do autor).

Ao observarmos sob esse prisma, podemos reconhecer que a consciência está sempre direcionada a um objeto específico, sendo, assim, uma ‘consciência de’ (ZILLES, 2007). Surge, então, o conceito de intencionalidade, designado por Sokolowski (2012, p. 18) como “a relação de consciência que nós temos com um objeto”. É, pois, por meio da

intencionalidade que “a consciência funda sentido como compreensão de algo que é” (ZILLES, 2007, p. 218). Podemos simplificar o conceito de intencionalidade designando-o como uma unidade da estrutura da consciência com relação ao objeto (ZILLES, 2007): “intencionalidade é o mesmo que dirigir-se a algo, forma de entrar em contato com um objeto ou estabelecer referências entre consciência e seu objeto” (MARTINS; BOEMER; FERRAZ, 1990, p. 142).

A proposta da fenomenologia enquanto ciência e enquanto metodologia é descrever as essências da consciência e de seus atos, segundo Husserl (MARTINS; BOEMER; FERRAZ, 1990). A busca da essência seria o ‘retorno às coisas mesmas’, ou seja, a percepção da consciência com relação ao objeto (GIDDENS, 1996). Essa essência, descrita como percepção da consciência com relação ao objeto, manifesta-se nas vivências, ou melhor, em cada vivência particular revelada pelo sujeito em cada interação sua com o objeto (DARTIGUES, 2013).

Vivências são, para a fenomenologia, ocorrências particulares. São interações da consciência em relação ao mundo, sendo esse um simples fenômeno, e não uma existência exterior ao sujeito (DARTIGUES, 2013). O mundo, pois, só tem “sentido em sua manifestação na vivência” (DARTIGUES, 2013, p. 22). As vivências, dessa forma, estão estreitamente vinculadas ao fenômeno experimentado.

Esta é a proposta de investigação fenomenológica: descrever “as vivências intencionais da consciência para perceber como aí se produz o sentido dos fenômenos, o sentido desse fenômeno global que se chama mundo” (DARTIGUES, 2013, p. 22). Sendo as vivências intencionais

resultado de uma experiência explorada pelo sujeito em relação ao objeto, a fenomenologia, então, busca “discernir e descrever a estrutura essencial da experiência” (CERBONE, 2012, p. 27). Experiência revela-se, para Cerbone (2012), na apreensão dos fenômenos pela consciência.

É importante novamente destacar que, para a fenomenologia, não há um objeto externo à consciência: este, por sua vez, aparece para o sujeito em forma de fenômenos. Dessa forma, não é possível realizar um contraste entre o que o objeto é de verdade e o que ele parece ser na consciência do sujeito, pois, afinal, o objeto se ‘esgota’ na sua própria consciência (CERBONE, 2012). Nesse sentido, a fenomenologia foca, precisamente, “no que é dado na experiência, abstendo-se inteiramente do método de formular hipóteses ou extrair inferências do que é dado para o que se encontra aquém ou além disso” (CERBONE, 2012, p. 27). Por fim, é possível compreender o objeto na sua totalidade, por meio do fenômeno que ele se manifesta na consciência, na medida em que ele está completamente presente como objeto da experiência (CERBONE, 2012).

A compreensão do objeto na sua totalidade, ou seja, a captação da essência do fenômeno se dá essencialmente num grau de consciência do sujeito que é designado como consciência sensível. Essa esfera corresponde ao mais baixo grau da consciência: “acolhe os dados tal como são, ricos e completos. Apreende o objeto em toda a sua plenitude e assim obtém o conhecimento mais rico” (RAFFIN, 2009, p. 21). A consciência sensível manifesta-se na experiência, mas uma experiência dada ao mundo sem interferência externa,

somente no encontro do meditador consigo mesmo, ou, nas palavras de Husserl (1996), no encontro do meditador “com o puro ego de suas cogitações” (HUSSERL, 1996, p. 39, tradução nossa). É somente a partir do encontro interno do sujeito com o seu próprio ego que o objeto se manifesta externamente: o ego, então, “busca os caminhos apodicticamente certos pelas quais ele pode atravessar da sua pura interioridade para uma exterioridade objetiva” (HUSSERL, 1996, p. 39, tradução nossa).

Dessa forma, a corrente teórico-epistemológica que fornece subsídios para a construção de conhecimento a partir de entrevista narrativa é a fenomenologia, uma vez que dá validade à compreensão dos sujeitos com relação ao fenômeno experienciado. Ainda, na ocasião em que narrativas são construídas a partir de fatos passados, ou seja, experiências vivenciadas, a fenomenologia, nesse sentido, oferece o embasamento que possibilita que essa construção seja validada enquanto uma técnica científica de construção do conhecimento.

3 PROCEDIMENTOS TÉCNICOS DA PESQUISA NARRATIVA

Pesquisas que utilizam técnicas de entrevista narrativas são pesquisas de cunho social. Pesquisas de cunho social são designadas como aquelas cujo objeto central é o sujeito e sua realidade social. Algumas características das pesquisas dessa natureza – que devem ser consideradas na ocasião da escolha do método científico - são expostas por Demo (1985), as quais incluem: a) a racionalidade dos sujeitos; b) a historicidade dos

seres, caracterizando a situação de ‘estar’ não de ‘ser’. Nesse ponto, Demo (1985, p. 15) ressalta que “a provisoriidade processual é a marca básica da história, significando que as coisas nunca ‘são’ definitivamente, mas ‘estão’ em passagem, em transição”; c) a manifestação qualitativa das realidades sociais, o que dificulta a operacionalização de procedimentos para a manipulação exata.

Minayo (1994) ressalta que o objeto das ciências sociais – a realidade social – é “o próprio dinamismo da vida individual e coletiva com toda a riqueza de significados dela transbordante”. Essa realidade, ainda segundo a autora, “é mais rica que qualquer teoria, qualquer pensamento e qualquer discurso que possamos elaborar sobre ela” (MINAYO, 1994, p. 15). Dessa forma, o método a ser aplicado para a investigação social deve envolver “instrumentos e teorias capazes de fazer uma aproximação da suntuosidade que é a vida dos seres humanos em sociedades” (MINAYO, 1994, p. 15), mesmo que a autora reconheça que qualquer método de investigação de um objeto tão dinâmico e contraditório (o sujeito) é incompleto, inacabado e insatisfatório. A autora então reconhece, por meio de suas afirmações sobre as ciências sociais que “o objeto das ciências sociais é essencialmente qualitativo” (MINAYO, 1994, p. 15) e que o método deve ser capaz de apreender tal aspecto dessa ciência.

Assim, pesquisas com utilização de técnica de entrevista narrativa são consideradas essencialmente investigações de cunho qualitativo, sob o viés da abordagem do problema. Tal método está no cerne da pesquisa social: busca a compreensão de fenômenos sociais a partir de

experiências relatadas pelos indivíduos (TAYLOR; BOGDAN, 1997). O foco, nesse sentido, é a realidade construída a partir da percepção do sujeito (TAYLOR; BOGDAN, 1997, p. 3; MERRIAM, 1998).

Taylor e Bogdan (1997, p. 7-10, grifo nosso) elencam algumas características principais da pesquisa qualitativa, que também nos auxiliam a compreender os aspectos das pesquisas com uso da técnica de entrevista narrativa para coleta de dados. São elas:

1) A pesquisa qualitativa está envolvida com os significados que as pessoas atribuem para as coisas na vida, ou seja, busca a compreensão do objeto a partir da perspectiva do sujeito que experiencia o fenômeno;

2) Este método de pesquisa é indutivo, na medida em que desenvolve padrões, conceitos e compreensões a partir dos dados coletados no campo, em vez de coletar os dados para validar modelos, hipóteses e teorias previamente concebidas.

3) Na metodologia qualitativa, os sujeitos e o ambiente são observados de forma holística: dessa forma, o campo não é reduzido a um grupo de dados e variáveis, mas sim visto como um todo, ao considerar a história e a situação dos sujeitos que compreendem o fenômeno;

4) Na pesquisa qualitativa, todas as perspectivas são dignas de serem estudadas: nenhum estudo é mais 'potente' do que outro, e a visão do condenado sobre a situação é tão importante quanto a do juiz, assim como a do empregado e do patrão, que são dados tratados sem nível de hierarquia. Taylor e Bogdan (1997), ainda, destacam que, na pesquisa qualitativa,

oferece-se voz aos ignorados e delinquentes, **dando espaço para os raramente ouvidos.**

5) A pesquisa qualitativa é uma arte, no sentido de poder ser moldada pelo pesquisador que a desenvolve: tem diretrizes, mas não regras, e, nesse sentido, o pesquisador nunca está a serviço de uma técnica ou método.

Na visão de Merriam (1998), as pesquisas de cunho qualitativo buscam compreender o significado que as pessoas constroem acerca de seus mundos, ou seja, buscam o entendimento do fenômeno a partir da visão do sujeito, e não do pesquisador.

É, então, por essa razão que a estratégia de descrição dos fenômenos – que é o objetivo central do pesquisador fenomenológico – envolve, necessariamente, o questionamento. E o questionamento direto ao próprio sujeito que experiencia tal fenômeno. O pesquisador fenomenológico:

[...]tem suas dúvidas sobre algumas coisas e quando há dúvidas, ele interroga. Quando pergunta tem uma resposta. Quando interroga terá uma trajetória, estará caminhando em direção ao fenômeno, naquilo que se manifesta por si, através do sujeito que experiencia a situação (MARTINS; BOEMER; FERRAZ, 1990, p. 143).

Siani, Correa e Las Casas (2016, p. 193) afirmam que o alcance da essência do fenômeno, ou da ‘coisa em si mesma’ pela experiência vivida só pode se dar a partir da obtenção de relatos por parte dos próprios sujeitos da pesquisa, realizados por meio dessa interrogação.

A interrogação é, de fato, o instrumento mais rico para a captação das essências e essencial à pesquisa fenomenológica. É por meio desses relatos, ou seja, da linguagem, que o sujeito expressa suas opiniões, crenças, percepções e valores que constituem suas experiências (MINAYO, 2012, p. 622). A partir da interrogação, ainda, constrói-se um diálogo, uma relação participante/pesquisador que, segundo Souza *et al.* (2014, p. 2688), constitui a “forma mais complexa de interação entre indivíduos, por envolver seus canais sensoriais durante todo o falar – ouvir – pensar – falar, que se dá no movimento que, comunicacionalmente, opera o encontro do eu com o outro e do outro comigo”. Essa relação entre entrevistador/participante pode, ainda, revelar outros aspectos corporais não mencionados por meio da linguagem e que são essenciais para a captação da essência do fenômeno.

Nesse sentido, a entrevista narrativa, sendo uma técnica de interrogação direta ao sujeito, é um método capaz de “produzir conhecimento científico comprometido com a apreensão fidedigna dos relatos e a originalidade dos dados apresentados” (MUYLEAERT *et al.*, 2014, p. 198), na medida em que permite o aprofundamento das experiências a partir de histórias acerca de acontecimentos sociais de interação com o fenômeno. Trata-se de uma ferramenta de entrevista não-estruturada, em que não há a seleção prévia de perguntas em relação ao objeto; há apenas o estímulo por parte do entrevistador para que o participante construa sua percepção do objeto a partir da contação de fatos passados (MUYLEAERT *et al.*, 2014).

Os fatos passados refletem na experiência presente. No momento da narração, o tempo presente, passado e futuro são articulados: ao se recordarem das experiências, os sujeitos ressignificam o passado a partir do presente e projetam o futuro (MUYLEAERT *et al.*, 2014, p. 195).

A técnica da entrevista narrativa possui algumas etapas para sua operacionalização: normalmente há, em primeiro lugar, a iniciação, em seguida há a etapa da narração e da fase de questionamento e, por fim, a entrevista finaliza com a fase da fala conclusiva. As fases estão elencadas no Quadro 1.

Quadro 1 – Fases da entrevista narrativa

Fases	Regras
Preparação	Exploração do campo Formulação de questões exmanentes
1. Iniciação	Formulação do tópico inicial para narração Emprego de auxíliars verbais
2. Narração central	Não interromper – somente encorajamento não verbal para continuar a narração Esperar os sinais de finalização
3. Fase de perguntas	Somente expor: “o que aconteceu, então?” Não dar opiniões ou fazer perguntas sobre atitudes Não discutir sobre contradições Não fazer perguntas do tipo “por quê?” Ir de perguntas exmanentes para imanentes
4. Fala conclusiva	Parar de gravar São permitidas perguntas do tipo “por quê?” Fazer anotações imediatamente após a entrevista

Fonte: Adaptado de Pellegrini (2017), com base em Jovchelovitch e Bauer (2002, p. 97).

A partir do Quadro 1, podemos observar que a

entrevista narrativa possui cinco fases principais. Na primeira delas, segundo Jovchelovitch e Bauer (2002), envolve-se o campo e o participante, e formula-se as chamadas questões exmanentes, que são questões formuladas com base nos inquéritos iniciais, nas investigações preliminares e no interesse do pesquisador. Elas diferem das questões imanentes, que são os temas, tópicos e relatos de acontecimentos que surgem durante a narração trazidos pelo informante. A segunda etapa consiste em expressar o tópico inicial da entrevista, com o emprego dos auxiliares verbais. Na fase da narração central, busca-se somente encorajar o discurso por meio de comunicação não verbal (JOVCHELOVITCH; BAUER 2002). A penúltima etapa é composta pela fase de perguntas: pode-se, então, empregar instrumentos verbais que possam ajudar a elucidar questões. Ainda, essa etapa deve estar livre de pré-conceitos e pré-suposições do mundo exterior e, dessa forma, não é oportuno dar opiniões, discutir sobre contradições ou fazer perguntas sobre atitudes (JOVCHELOVITCH; BAUER 2002). Na última etapa, denominada “Fala Conclusiva”, recomenda-se parar de gravar e, assim, realizar perguntas do tipo “por quê” (JOVCHELOVITCH; BAUER 2002).

A partir da narrativa, ainda, é possível captar características para-linguísticas fundamentais para se entender o não-dito: o tom da voz, o silêncio, as pausas e as mudanças da entonação convertem-se em elementos de observação e são fundamentais para compreender o fenômeno num todo (MUYLEAERT *et al.*, 2014, p. 195). Tais características para-linguísticas são captadas pelo

entrevistador no momento da observação, que se trata também de um procedimento metodológico da pesquisa. Os instrumentos para a descrição desses elementos paralinguísticos são os diários – tanto o diário de campo quanto o diário do pesquisador. No diário do campo, o pesquisador pode relatar a ocasião da entrevista: o ambiente, as demonstrações dos sujeitos e outros elementos que podem servir de instrumentos para a compreensão dos dados. O diário do pesquisador, por sua vez, serve para que o próprio pesquisador possa relatar suas próprias percepções com relação ao comportamento, atitudes e sentimentos demonstrados pelos sujeitos que não são evidenciados na fala, mas que igualmente podem servir para a compreensão dos fenômenos.

4 A EXPERIÊNCIA DO USO DA ENTREVISTA NARRATIVA PARA A INVESTIGAÇÃO DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO DE IDOSOS

A experiência aqui relatada diz respeito a uma pesquisa de tese desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A investigação buscou estabelecer um conjunto de princípios para o desenvolvimento da competência em informação de idosos participantes de Grupos da Terceira Idade (GTI) sob o foco da dimensão política (relações sociais). Para tal, buscou, entre outros elementos, descrever, a partir das narrativas de idosos, as manifestações referentes à dimensão política da competência em informação de idosos participantes de Grupos da Terceira Idade (GTI) no

estado de Santa Catarina. Também foram realizadas entrevistas com mediadores dos grupos, para a compreensão do fenômeno também a partir da perspectiva dos mediadores, que constroem a realidade social com os próprios sujeitos – os idosos. O ambiente de pesquisa é o Serviço Social do Comércio (Sesc), sendo selecionada uma unidade por mesorregião de Santa Catarina. As cidades percorridas foram Florianópolis, Criciúma, Brusque, Joinville, Lages e Chapecó. Foram realizadas entre três e quatro entrevistas por cidade, incluindo aquelas realizadas com idosos e com mediadores. O total de entrevistados foi de vinte e quatro sujeitos, ao todo.

Nesta seção, a narração da experiência acontece em primeira pessoa do singular. A coleta de dados da pesquisa aconteceu durante duas semanas do mês de março do ano de 2019. A primeira semana de coleta de dados foi reservada para as três primeiras unidades que visitaria. Reservei o primeiro dia da semana para a coleta numa das cidades menos acessíveis e o segundo para a cidade mais longínqua do local onde eu estava. Fiz essa parte da viagem de carro particular. O terceiro dia foi reservado para a volta de viagem e, então, o quarto e o quinto dias úteis daquela semana foram reservados para uma cidade mais próxima, mais acessível.

Cheguei na primeira unidade numa manhã de segunda-feira. O Sesc daquela cidade tem uma extensão considerável: no prédio em que funciona o trabalho com grupos, também funciona a creche, a escola, o setor de atividade física, as demais atividades. Cheguei no final da manhã, então pude observar muitas crianças entrando e saindo acompanhadas dos pais. Observei, também, demais gerações de pessoas:

adultos, jovens idosos, entrando ou saindo para suas atividades. A primeira entrevista do dia foi com o próprio mediador: trata-se de uma entrevista semiestruturada, pois a técnica de entrevista narrativa foi limitada aos idosos participantes. A conversa fluiu levemente: durou cerca de uma hora. Ele interrompeu a entrevista algumas vezes, pois estava confirmando os horários da entrevista à tarde com os participantes, por meio de mensagem de áudio do *WhatsApp*. Relatou que, nos grupos do Sesc, interage-se muito com os idosos por meio dos grupos de *WhatsApp*, pois a grande maioria dos idosos é familiarizada com esse recurso.

Depois da entrevista com o mediador, saí para almoço e, nas duas primeiras horas da tarde, foram as entrevistas com as duas idosas participantes daquela unidade do Sesc. O mediador solicitou à funcionária da biblioteca que realizássemos as entrevistas ali, pois não havia outro local disponível, e a funcionária prontamente atendeu o pedido.

A primeira entrevistada é uma idosa bastante ativa. Contou que faz uma atividade do Sesc que chama 'Vôlei Câmbio', que é uma modalidade esportiva adaptada para a terceira idade, tendo em vista que, nessa etapa da vida, já não é mais adequado sofrer contusões, quedas ou batidas. Em virtude de a entrevista ser na biblioteca, ela buscou falar baixo e pouco. Precisei intervir muitas vezes para estimular o discurso. Tinha outras pessoas na biblioteca e, então, ela olhava bastante para os lados. Talvez pudesse estar envergonhada. Mesmo com minhas intervenções, a conversa durou menos tempo do que o esperado: aproximadamente 40 minutos, incluindo o momento da caracterização

(preenchimento do formulário) e a própria narração.

A segunda entrevistada chegou um pouco atrasada na entrevista porque, na vinda para o Sesc – que foi a pé – ela caiu e machucou a testa. Teve que voltar embora, para trocar de tênis, pois falou que não estava adaptada com aquele tênis novo e isso lhe causou a queda. Tinha um curativo na testa, mas continuava sangrando um pouco. Algumas vezes, me perguntou: “meu machucado está sangrando?” E eu respondia que sim, mas muito pouco. E então, no decorrer da entrevista, ela utilizava um lenço de papel para estancar a ferida. Estava um pouco aflita, e acho que sentindo um pouco de dor, também. É uma idosa calma e com um discurso bem pausado. Também precisei estimular bastante seu discurso, fazendo indagações sobre as coisas que me contava. Ela conhecia as pessoas da biblioteca, e então interagiu, algumas vezes, com a funcionária, estagiária e outros que estavam ali, visitando a biblioteca. Falou um pouco mais alto, e estava mais solta, se comparado à primeira. A conversa durou aproximadamente 45 minutos, incluindo os dois momentos.

Após finalizadas as entrevistas, ainda naquele dia dirigi-me a cidade da segunda unidade do Sesc. No segundo dia de coleta de dados, logo pela manhã, estavam agendadas as entrevistas com as três próximas idosas participantes da pesquisa.

Assim, o segundo dia de pesquisa foi dedicado às coletas na segunda unidade visitada. Aquela unidade também é bastante extensa, e concentra a creche, a seção de atividades desportivas e demais atividades na mesma sede. Logo que cheguei, a técnica de grupos me apresentou o espaço e me

acomodou na sala onde acontece o grupo Mundo Digital Master, que estava vazia durante aquela manhã. Logo que cheguei na sala, também chegou a primeira entrevistada do dia. Fui, ainda, informada que uma das idosas agendadas não poderia participar porque estava doente, porém, outra idosa se prontificou e sua entrevista estava programada para o segundo horário do dia.

A primeira entrevista do dia teve a participação de uma jovem idosa. É uma senhora que aparenta ter serenidade, porém mostrou ser muito comunicativa. A entrevista foi longa, tendo em vista que ela gostava de exemplificar suas afirmações com menções e com histórias. Não precisei estimular muito o discurso, e sua narrativa foi bastante profunda. A conversa durou mais do que o esperado, aproximadamente uma hora e quinze minutos. A segunda entrevistada mostrava ser bastante articulada e ativa: contou sobre sua rotina do dia a dia, que envolve muitas tarefas e compromissos. É engajada em diferentes tipos de atividades. Embora fosse bastante comunicativa, suas respostas eram muito objetivas, então a entrevista foi mais curta do que o esperado, aproximadamente 40 minutos. A terceira entrevistada tem um perfil bastante parecido com a segunda: é, também, professora aposentada e participa também de outros tipos de atividade, como jogar bocha nos centros de convivência para idosos, atuar como voluntária na igreja e, ainda, frequentar outros grupos da terceira idade. Também é muito comunicativa, e, portanto, não foram necessárias muitas intervenções da minha parte. De toda forma, por também ter uma característica de ser mais objetiva, a conversa

também foi mais curta, durando aproximadamente 45 minutos.

A entrevista com a última idosa encerrou no final da manhã, e, após o período do almoço, retornei para o Sesc para a entrevista com a mediadora. A técnica possui bastante experiência com grupos de idosos – mais de uma década – e tinha muitas coisas para contar sobre as atividades. A entrevista durou um pouco mais de uma hora.

O terceiro dia daquela semana foi reservado para a viagem para a cidade onde seria a terceira coleta. No quarto e no quinto dias daquela semana, estavam programadas as entrevistas naquela terceira unidade. Porém, por conta de algumas intercorrências por parte do Sesc, houve a solicitação de que as entrevistas fossem transferidas para a próxima semana.

Dessa forma, a primeira semana de coleta de dados envolveu somente a pesquisa de campo em duas unidades do Sesc, sendo a segunda semana designada para as demais unidades, quatro no total.

No primeiro dia da segunda semana, foi possível realizar as entrevistas na terceira unidade a ser visitada. Seriam três idosos participantes naquela unidade. Existem duas unidades do Sesc naquela cidade: uma delas abarca a creche e a escola e, a outra, as demais atividades. Essa última unidade, onde ocorreram as entrevistas, fica num bairro nobre.

A primeira entrevista foi logo na parte da manhã, após o encontro do grupo Mundo Digital Master e no próprio local

onde acontecem as atividades daquele grupo. Foi a entrevista com a participante mais longeva do grupo: 83 anos. De toda forma, aquela idosa tem sua capacidade funcional preservada: contou que dirige, que mora sozinha, e que realiza de forma independente as atividades do dia a dia. É uma senhora séria, introspectiva, sisuda. É de poucas palavras, respondendo somente o solicitado. Assim, na entrevista, foi preciso um pouco mais de interferência da minha parte, para estimular o discurso. De toda forma, a entrevista foi curta, tendo durado um pouco menos de meia hora.

Quando finalizei a primeira entrevista, a segunda idosa já estava me aguardando na biblioteca, que era próxima à sala de atividades do grupo Mundo Digital Master. Seu marido estava lhe acompanhando e, inclusive, perguntou se eu gostaria de entrevistá-lo. Mencionei que não era necessário, e agradei a disposição. É a idosa mais jovem dos participantes da pesquisa, e se caracterizou como uma pessoa bastante conectada e integrada às tecnologias. Aquela jovem senhora mostrou-se comunicativa e aberta ao diálogo. A entrevista durou aproximadamente 40 minutos.

A última entrevista com idosos do dia foi na primeira hora da tarde, no mesmo local das entrevistas da manhã. Aconteceu com o único participante da pesquisa do gênero masculino. Contou-me que não tinha atividade programada no Sesc para aquela tarde, veio somente para participar da pesquisa. Integrante do grupo Mundo Digital Master e o terceiro idoso mais longevo dos sujeitos da pesquisa (76 anos), ele era calmo e bastante introspectivo, embora mostrasse ser uma pessoa bastante cordial. A duração da entrevista foi de

aproximadamente 35 minutos.

Logo após a entrevista com o último idoso do grupo, aconteceu a entrevista com a mediadora. Também é uma pessoa experiente no trabalho com grupos de idosos, tendo relatado experiência profissional de mais de uma década nesse campo. A entrevista durou aproximadamente 40 minutos.

Com a finalização das entrevistas na terceira cidade visitada, pude completar metade da pesquisa de campo, o que corresponde a três unidades.

O segundo dia da segunda semana estava programado para a visita à quarta unidade do Sesc. A partir daquele momento, todo o trajeto passaria a ser feito de transporte público, que compreende ônibus urbano e intermunicipal.

Cheguei na cidade perto do meio dia, e já me dirigi à unidade do Sesc daquela cidade onde acontecem as atividades com o grupo. Essa unidade é extensa: possui restaurante, escola, creche e outras dependências, e, nela, desenvolve-se uma gama de atividades, dentre as quais incluem-se as atividades com grupos de idosos. A técnica de grupos me recebeu e encaminhou para uma sala de videoconferência, que era silenciosa e, portanto, adequada para aquela ocasião.

Naquele recinto entrevistei três idosas: duas delas professoras aposentadas e uma delas contabilista.

As duas primeiras idosas – as professoras - têm um perfil bem parecido: são muito ativas, extrovertidas, muito comunicativas e independentes. Participam de outras iniciativas de grupos da Terceira Idade. Levando suas falas em consideração, eu diria que são, inclusive, mulheres

empoderadas. Suas narrativas foram bem longas, com descrições bem completas dos fenômenos e recordações bastante ricas em detalhes. Por essa razão, as conversas foram mais extensas do que o previsto: a primeira durou uma hora e 15 minutos e, a segunda, uma hora e cinco minutos.

A última entrevistada daquela unidade também é participativa. Relatou que está integrada em grupos de idosos de outros âmbitos e, inclusive, participa do Conselho Municipal do Idoso. Contou que é bastante tímida, e que estava apreensiva para a entrevista. Quando chegou para nos apresentar, a mediadora inclusive fez uma brincadeira, dizendo que seguraria a mão daquela idosa durante a entrevista, para ela se sentir segura. Embora relatasse bastante timidez, aquela senhora é a dona da narrativa mais longa da pesquisa: nossa conversa durou aproximadamente uma hora e 30 minutos.

Voltei, então, à mesma unidade do Sesc no outro dia para realizar a entrevista com a mediadora do grupo, no mesmo local do dia anterior. Trata-se também de uma mediadora experiente com grupos de idosos, com uma trajetória de mais de vinte anos atuando nesse segmento. Nossa entrevista durou uma hora e vinte minutos, foi a mais longa de todas as conversas com mediadores.

No quarto dia da segunda semana, visitei a quinta e penúltima unidade do Sesc a ser pesquisada. Localizado numa cidade menor do que as anteriores, o Sesc daquela cidade fica numa área central, inclusive próximo da rodoviária. Trata-se de uma unidade extensa: possui restaurante, creche, escola e demais dependências para o desenvolvimento das diversas

atividades realizadas. Todas as entrevistas estavam programadas para serem realizadas naquela tarde: as três idosas e a mediadora dos grupos daquela unidade. Foi me oferecido a sala do gerente daquela unidade para a condução da entrevista, pois se tratava de um local que a mediadora julgou ser mais silencioso por conta da localização.

A primeira entrevistada daquela unidade é uma senhora extrovertida e bastante expressiva. Bastante engajada em causas sociais, como grupos de voluntariados na igreja e outras instituições, me contou que vive em duas casas diferentes: uma delas, em que mora sozinha, é próxima ao Sesc e, portanto, muito funcional. A segunda casa fica num local mais afastado, e é uma casa de campo, num sítio. Naquela segunda casa, vive com familiares. Suas narrações não foram profundas, mas bastante completas. Aquela primeira entrevista durou aproximadamente 40 minutos.

A segunda entrevistada daquele dia foi com uma professora aposentada. Sua fala era mais objetiva, mais curta, porém não se trata de uma senhora contida ao falar. Muito pelo contrário, era bastante expressiva. Durante a entrevista, me contou que o marido passou por uma cirurgia recentemente, e por isso ela estava um pouco afastada do Sesc. Ainda, me contou que o marido estava aguardando no carro. Então, suspeitei que a sua fala mais sucinta pudesse ter a causa na pressa, para não deixar o marido esperando.

A terceira idosa a ser entrevistada naquele dia é a segunda pessoa mais jovem dentre os participantes. Também, é uma das que ingressou mais recentemente nas atividades do Sesc. A jovem senhora é bastante objetiva nas suas

explicações, porém, em virtude da fala pausada, a conversa não foi tão curta, durando aproximadamente 45 minutos.

Após a finalização da entrevista com a terceira idosa daquela unidade, iniciei a conversa com a mediadora dos grupos. Naquela tarde, estavam acontecendo outros encontros de grupos de convívio, então aquela técnica estava bastante atarefada. Durante as entrevistas anteriores, eu observava, pelo vidro da sala, aquela mediadora caminhando bastante nas dependências, recebendo idosos, resolvendo situações. Inclusive, a própria entrevista com a técnica foi interrompida duas vezes para que algumas idosas pudessem dar recados. Foi a conversa mais curta dentre os mediadores, e acredito que seja por conta da rotina turbulenta daquele dia. De toda forma, foi uma entrevista satisfatória, atendendo às necessidades da pesquisa. Durou aproximadamente 30 minutos. Terminada a coleta daquele dia, me dirigi à cidade onde seria o último dia de entrevistas, logo pela manhã.

Cheguei ao Sesc no início da manhã do último dia de coleta de dados: estavam programadas, para aquele dia, entrevistas com duas idosas e uma mediadora. O Sesc daquela cidade é bastante amplo: possui restaurante, escola, creche e demais estruturas para o desenvolvimento das atividades. É, talvez, a maior unidade visitada. A mediadora me recebeu na unidade e me dirigiu para a sala onde acontecem os encontros dos grupos de convívio, uma sala grande e com vista para a escola. Ela havia preparado uma mesa com chás e havia também água mineral, para que pudéssemos ter um momento agradável de coleta de dados. E, de fato, tratou-se de um momento agradável.

A primeira entrevistada mencionou que estava bastante nervosa para a entrevista, pois havia se confundido: relatou-me que, quando a mediadora apresentou a pesquisa para o grupo, ela acreditou que essa entrevista fosse algo que ela assistiria, como se fosse, por exemplo, uma palestra. E, assim, ela se dispôs, pois contou que gosta muito de assistir palestras. Relatou que só soube que seria ela a entrevistada no dia anterior, quando a mediadora lhe enviou uma mensagem para confirmar a participação na entrevista. Disse que teve dificuldades para dormir à noite por conta da apreensão para participar. No entanto, a entrevistada aparentava estar bastante confortável durante a entrevista, depois de eu ter detalhado sobre os propósitos da pesquisa e sobre a natureza das questões. Sua fala foi breve: durou aproximadamente 35 minutos.

Entre as coletas com as duas idosas do dia, realizei a entrevista com a técnica de grupos, que coordena as atividades com idosos daquela unidade. Nossa conversa foi um pouco mais breve do que as usuais entrevistas com mediadores: durou aproximadamente 40 minutos. De toda forma, a entrevista foi satisfatória, atendendo aos objetivos da pesquisa.

A última idosa entrevistada é a segunda idosa mais longeva dentre os participantes. No entanto, possui sua capacidade funcional preservada: contou que faz as compras para a casa, faz a comida para a família e demais tarefas que um lar exige. A conversa durou aproximadamente 35 minutos, pois suas falas eram breves e sucintas.

Em todas as unidades do Sesc percorridas durante a

investigação, eu visitei as bibliotecas. Isso não é parte dos procedimentos de pesquisa de campo, mas julguei que poderiam servir de inspiração para delineamento dos princípios, que consideram o pressuposto da mediação da informação que pode ocorrer nesses ambientes. Durante as visitas, conversei com alguns profissionais e descobri que, em alguns encontros dos grupos de idosos, acontecem atividades nas bibliotecas, que envolvem desde a exploração de materiais bibliográficos até contação de histórias integrando os idosos e as crianças dos ensinos infantil e fundamental do Sesc. Também obtive a informação de que é permitido ao idoso que participa do projeto TSI o empréstimo domiciliar dos itens do acervo da biblioteca, sendo esse serviço usufruído por parte dos idosos integrados ao Sesc. De fato, as visitas às bibliotecas serviram de inspiração, principalmente no que tange aos encontros intergeracionais, mencionados pelos funcionários como atividades fascinantes e fecundas sob o ponto de vista do compartilhamento de experiências e de construção coletiva de conhecimentos.

Essas são as anotações feitas em diário de campo da coleta. É importante ressaltar que as cidades não foram identificadas para preservar o sigilo das informações prestadas. Ainda, a coleta foi gravada com dois dispositivos de gravação de áudio, sendo um *laptop* e um aparelho de telefone celular.

5 CONSIDERAÇÕES SOBRE A COMPREENSÃO DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO DE IDOSOS A PARTIR DO USO DA TÉCNICA DE ENTREVISTA NARRATIVA

Em primeiro lugar, compreendemos que a competência em informação é um fenômeno social, que acontece nas pessoas e que se manifesta diferentemente, de acordo com as características culturais, cognitivas, sociais e históricas de cada um. As pesquisas científicas em torno da competência em informação devem, nesse sentido, respeitar o caráter subjetivo do fenômeno. Por essa razão, pesquisas de natureza subjetivistas – em especial, aquelas baseadas na teoria fenomenológica - podem explorar, de forma apropriada e com resultados satisfatórios, as diferentes manifestações desse fenômeno nos sujeitos.

As pesquisas qualitativas com uso da técnica de entrevista narrativa para coleta de dados permitem que o sujeito possa mergulhar nas suas memórias das experiências e, a partir dessa lembrança, construir sua compreensão do fenômeno tal como ele é. Uma característica central da entrevista narrativa é a profundidade das falas. Narrativas extenuantes são capazes de possibilitar, ao pesquisador, a compreensão de elementos do fenômeno – no caso, a competência em informação – que não emergiriam em técnicas de pesquisa com características menos profundas, como aquelas que utilizam questionários ou entrevistas estruturadas. Por outro lado, a característica da técnica narrativa, pelo volume de dados gerados, dificulta a

investigação do fenômeno em um número maior de sujeitos.

A partir da rememoração de dados passados pelos sujeitos, é possível ainda, na entrevista narrativa, compreender as diferentes situações, contextos e casos em que pode se manifestar a competência em informação. Ainda, possibilita entender as diferentes habilidades, conhecimentos, atitudes e valores mobilizados para cada situação de informação que requer, de alguma forma, elementos da competência em informação.

A técnica da entrevista narrativa demanda habilidade por parte do pesquisador: é comum o sujeito desviar-se do tema para adentrar em outras memórias e experiências. A condução do pesquisador, nesse caso, é sutil, para preservar a legitimidade dos dados originados.

Assim, reconhecemos que pesquisas de cunho social, essencialmente qualitativas e de natureza subjetivistas, são oportunas para a investigação da competência em informação. Técnicas de coleta de dados que privilegiam a construção do fenômeno por parte do sujeito que a experiencia – nesse caso, especificamente a entrevista narrativa – tendem a originar dados que sejam úteis para que o movimento científico da competência em informação possa se fortalecer para a missão de proporcionar liberdade, qualidade de vida, independência e cidadania a partir do uso reflexivo dos recursos e fontes de informação.

REFERÊNCIAS

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. *Presidential Committee on Information Literacy: final report*. Washington, 1989.

Disponível em:

<http://www.ala.org/acrl/publications/whitepapers/presidenti>
al. Acesso em: 16 ago. 2020.

BICUDO, M. A. V. Sobre a Fenomenologia. In: BICUDO, M. A. V.; ESPOSITO, V. H. C. (Orgs.). *Pesquisa Qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico*. Piracicaba: UNIMEP, 1994. p. 15-22.

CERBONE, D. *Fenomenologia*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

DARTIGUES, A. *O que é a fenomenologia?* 32. ed., São Paulo: Moraes, 2013.

DE LUCCA, D. M. VITORINO, E. V. Competência em informação e suas raízes teórico-epistemológicas da Ciência da Informação: em foco, a fenomenologia. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 25, n. 3, s/p, 2020.

DE LUCCA, D. M. *Princípios para o desenvolvimento da competência em informação do idoso sob o foco da dimensão política*. Tese – Doutorado em Ciência da Informação. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, 2019.

DE LUCCA, D. M.; NEUBERT, P. A produção científica mundial sobre competência em informação: análise dos documentos indexados na Web of Science. *Em Questão*, Porto Alegre, online first, 2020.

DEMO, P. *Introdução à metodologia da ciência*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1985.

DUDZIAK, E. A. *A information literacy e o papel educacional das bibliotecas*. 2001. 173 f. Dissertação (Mestrado), Escola de Comunicação e Artes (ECA), Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2001. Disponível em: <http://cmappublic.ihmc.us/rid=1KR7VCSQX-236FRSG-5T42/DUDZIAK>. Acesso em: 16 ago. 2020.

DUDZIAK, E. A. Information Literacy: princípios, filosofia e prática. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 32, n. 1, p. 23-35, jan./abr. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v32n1/15970.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2020.

GIDDENS, A. Algumas escolas da teoria social e filosofia. In.: GIDDENS, A. *Novas regras do método sociológico: uma crítica positiva às sociologias interpretativas*. Lisboa: Gradiva, 1996.

HESSEN, J. *Teoria do conhecimento*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

HUSSERL, E. *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental: uma introdução à filosofia fenomenológica*. Rio de Janeiro: Forense Univerisitária, 2012.

HUSSERL, E. *Meditaciones Cartesianas*. Tradução de José Gaos Miguel Garcia. México: Fondo de Cultura Econômica, 1996.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARIES ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS (IFLA). *Declaração de Alexandria sobre competência Informacional e aprendizado ao longo da vida*. In: National Fórum on Information Literacy, 2005. Disponível em: www.ifla.org/III/wsis/BeaconInfSoc-pt.html. Acesso em:

16 ago. 2020.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 90-113.

LEITE, C. *et al.* Cenário e perspectiva da produção científica sobre competência em informação (CoInfo) no Brasil: estudo da produção no âmbito da ANCIB. *Informação e Sociedade: estudos*, v. 26, n. 3, p. 151-168, set./dez. 2016. Disponível em: <http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/download/31983/16876>. Acesso em: 16 ago. 2020.

MARTINS, J.; BOEMER, M. R.; FERRAZ; C. A. A fenomenologia como alternativa metodológica para pesquisa: algumas considerações. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 24, n. 1, p. 139-147, abr. 1990. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/reeusp/article/view/136144/0>. Acesso em: 16 ago. 2020.

MINAYO, M. C. S. (Org.). *Pesquisa social: teoria método e criatividade*. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MINAYO, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v17n3/v17n3a07.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2020.

MINAYO, M. C. S. (Org.) *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MINAYO, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciência e Saúde Coletiva*. v. 17, n. 3, p. 621-

626, 2012. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/csc/v17n3/v17n3a07.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2020.

MUYLAERT, C. J. *et al.* O. A. Entrevistas Narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 48, n. 2, p. 193-199, 2014.

Disponível em:

http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v48nspe2/pt_0080-6234-reeusp-48-nspe2-00184.pdf. Acesso em: 16 ago. 2020.

PELLEGRINI, E. *A dimensão ética da competência em informação: a experiência narrada dos bibliotecários do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC)*. 2016. 301 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação), Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

RAFFIN, F. *Pequena introdução à filosofia*. Rio de Janeiro: FGV editora, 2009.

SCHRODER, U. O conceito sócio-filosófico de Alfredo Schutz e suas implicações epistemológicas para o campo da comunicação. *Significação*, v. 33, n. 26, p. 9-24, 2006.

Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/significacao/article/viewFile/65631/68246>. Acesso em: 16 ago. 2020.

SIANI, S. R.; CORREA, D. A.; LAS CASAS, A. L. Fenomenologia, método fenomenológico e pesquisa empírica: o instigante universo da construção de conhecimento esquadrihada na experiência de vida. *Revista de Administração da UNIMEP*, v. 14, n. 1, p. 193-219, 2016. Disponível em:

<http://www.raunimep.com.br/ojs/index.php/regen/article/vi>

ew/1002/670. Acesso em: 16 ago. 2020.

SOKOLOWSKI, R. *Introdução à fenomenologia*. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

SOUZA, F. C. *et al.* A busca do discurso do profissional da informação com o emprego da entrevista. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 15, 2014, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: ECI/UFMG, 2014, p. 2684-2702. Disponível em: <http://enancib2014.eci.ufmg.br/documentos/anais/anais-gt6>. Acesso em: 16 ago. 2020.

TAYLOR, S. J.; BOGDAN, R. *Introduction to qualitative research methods: a guidebook and resource*. 3. ed. Nova Iorque: John Willey, 1997.

VITORINO, E. V.; PIANTOLA; D. Competência Informacional – bases históricas e conceituais: construindo significados. *Ciência da Informação*; Brasília, v. 38, n.3, p. 130-141, set/dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v38n3/v38n3a09.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2020.

ZILLES, U. Fenomenologia e teoria do conhecimento em Husserl. *Revista da abordagem Gestáltica*, v. 13, n. 2, p. 216-221, jul./dez. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v13n2/v13n2a05.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2020.

CAPÍTULO 6

COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E COMPETÊNCIA NARRATIVA NO SÉCULO XXI: CONHECIMENTOS, HABILIDADES E ATITUDES NECESSÁRIAS PARA UMA CONEXÃO EM REDES

Meri Nadia Marques Gerlin

Elmira Luzia Melo Soares Simeão

1 INTRODUÇÃO

As novas tecnologias fortalecem as relações sociais dos sujeitos contemporâneos possibilitando que busquem, recuperem, produzam e compartilhem informações em espaços tempos de educação, cultura e informação como bibliotecas, escolas, espaços comunitários, dentre outros. A potencialidade da conexão da rede digital cresce significativamente com o número de serviços e produtos no campo da contação de histórias requerendo competências no âmbito da informação e da narrativa que se apropria da oralidade tanto quanto da linguagem textual e imagética na sociedade contemporânea.

O termo sociedade contemporânea diz respeito aos processos de interações na rede digital e relaciona-se com as mudanças ocasionadas pelas tecnologias no final do século XX e início do XXI, provocando mudanças relevantes em termos de conexão numa sociedade que passa a utilizar com maior

frequência as tecnologias de escrita, informação e comunicação (CASTELLS, 2011; LÉVY, 2011). Do mesmo modo, a expressão “contador de histórias contemporâneo” comumente identifica um narrador que atua nos grandes centros, adquirindo técnicas em cursos e em outros momentos de formação. Todavia, o narrador que adquiriu experiência em eventos de formação no meio urbano e mesmo aquele que aprende tradicionalmente⁸⁴ o ofício de contar histórias no seio de sua comunidade, são contadores de histórias contemporâneos (GERLIN, 2018).

A competência narrativa do contador de histórias contemporâneo é composta por um conjunto de conhecimentos (saber ser), habilidades (saber fazer) e atitudes (saber agir) adquiridas por meio da experiência e aprimoradas em atividades de (in)formação. Essa competência peculiar, adquirida em seminários, chats, cursos, blogs, oficinas e em outras estruturas de aprendizagens formais e informais, compreende ações comunicativas envolvendo técnicas voltadas para a transmissão da palavra oral. Os narradores de histórias profissionais tornam efetivo o processo de comunicação com seu público ao adquirir habilidades específicas que compõem a sua competência narrativa, transformando os momentos de apresentação da narrativa em verdadeiros espetáculos, performances elaboradas contendo domínio de técnicas corporais e vocais (FLECK, 2007).

⁸⁴ A denominação “contador de histórias tradicional” é empregada para definir um tipo de narrador que desenvolve artesanalmente a sua prática na comunidade em que vive, aprendendo a narrar por meio da experiência compartilhada em seu grupo social.

A prática narrativa é fundamental ao processo de disseminação das informações contidas nos contos, mitos, fábulas, lendas e em outros gêneros orais que compõem um repertório tradicional universalmente reconhecido na sociedade contemporânea. Os narradores contemporâneos (re)constroem uma narrativa oral mesmo antes da disseminação aos seus ouvintes, pesquisando em textos impressos ou digitalizados que os auxiliam na seleção, preparação e utilização de recursos responsáveis pela transmissão das histórias de maneira performática (MATOS, 2014). Ao comunicá-la utiliza a voz “[...] para levar um texto (seja recolhido por meio de registros orais ou escritos) aos seus ouvintes, estejam eles no teatro, na sala de aula, em casa, na rua, na fábrica, na festa, no parque ou no shopping center” e na atualidade no ciberespaço (BUSATTO, 2011, p. 29).

Diante das discussões que giram em torno do processo de globalização mundial, o contador de histórias recebe importantes contribuições com a intensificação do uso das novas tecnologias disponibilizadas na sociedade contemporânea. No entanto, o uso de ferramentas tecnológicas requer a aquisição da competência em informação que compreende ser alfabetizado em informação e digitalmente, exigindo um contato mais direto com aparelhos eletrônicos que os conectam à rede mundial de computadores (Internet), assim como o domínio dos saberes e fazeres necessários para manuseá-los de forma que se possa buscar, produzir e compartilhar informação na Web.

O aperfeiçoamento das habilidades e técnicas concernentes ao campo da competência em informação

fortalecem o desenvolvimento da competência narrativa composta por saberes, fazeres e atitudes adquiridas em atividades de formação, formais e informais, pertencentes à área da contação de histórias e outras resultantes do uso da ferramenta da narrativa oral. A competência em informação concebe conhecimentos (saber ser), habilidades (saber fazer) e atitudes (saber agir) compreendidos entre contextos profissionais e comunitários, de forma que possa dar conta das demandas da produção de produtos e serviços no campo da narrativa oral. Essa competência articulada ao contexto da narrativa proporciona ao sujeito narrador ser competente no âmbito da informação e, com isso, trabalhar em contextos de produção colaborativa e divulgação da sua prática na era digital.

Ao compreender esse narrador contemporâneo como um protagonista desenvolvendo o seu trabalho no ciberespaço, percebe-se que a competência narrativa, composta por saberes, fazeres e atitudes adquiridas em atividades de formação (formais e informais) pertencentes à área da contação de histórias, é resultante do uso da ferramenta da narrativa oral atualmente potencializada pelo uso das novas tecnologias. Depreende-se que a competência narrativa se encontra atravessada pela competência em informação requerendo sujeitos alfabetizados digitalmente e em informação. Sem temer a redundância dessa afirmação, a competência no âmbito da informação torna-se importante para que o narrador possa agregar valor aos produtos e serviços que são constantemente oferecidos em diferentes redes de comunicação.

Na atualidade essa antiga estrutura de comunicação se alimenta das relações sociais e pela estrutura da internet (CASTELLS, 2003), ressalta-se a importância do uso do computador e, por conseguinte, dos benefícios por ele trazidos com a conexão em redes. A alfabetização em informação compreende desde as capacidades de saber localizar até usar efetivamente informações. Então, pode-se resumir que o contador de histórias deve desenvolver habilidades para alcançar a competência necessária para acessar, buscar, avaliar e usar informações relevantes para comunicar a narrativa oral numa sociedade conectada por redes sociais e digitais fortalecidas com o uso das tecnologias de escrita, informação e comunicação.

Diante do cenário apresentado, pretende-se colocar em análise o processo de identificação das competências em informação e narrativa dos contadores de histórias do Estado do Espírito Santo, entendendo esse sujeito como um profissional ligado a uma instituição e/ou atuando autonomamente, assim como também sendo ou não remunerado especificamente para a realização do seu trabalho. Por meio de uma pesquisa descritiva caracterizada como bibliográfica e exploratória⁸⁵, esse trabalho é estruturado com a análise das respostas de um questionário com a participação de 68 narradores capixabas (100%),

⁸⁵ Compilação dos indicadores da competência narrativa e competência em informação trabalhados na obra “Modelo de rede colaborativa baseado nas competências em informação e narrativa” (GERLIN; SIMEÃO, 2018), apresentados no 1º Seminário Internacional de Competência em Informação (I SEICIn) e 3º Seminário de Pesquisas e Práticas sobre Competência em Informação de Santa Catarina (III SEPCIn).

fornecendo elementos para a análise de um conjunto de indicadores⁸⁶ dentre os quais destacam-se as categorias da “competência narrativa” (pesquisa, busca, seleção, preparo e comunicação da narrativa) e “competência em informação” (busca, recuperação, acesso, seleção, uso e compartilhamento da informação).

2 COMPETÊNCIA NARRATIVA E COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

Os indicadores da competência narrativa tornam possível compreender um conjunto de habilidades, conhecimentos e técnicas pertencentes ao campo de uma competência específica e observada perante a prática do contador de histórias na contemporaneidade. Essa competência configura temas relacionados com as habilidades que a compõem: pesquisa, preparação e comunicação da história, sendo intercambiadas de modo direto com as habilidades e técnicas componentes da competência em informação que possibilitam processos de busca, recuperação,

⁸⁶ Gerlin e Simeão (2018) apresentam os seguintes indicadores e categorias estruturados na metade da segunda década do século XXI: (1) indicadores do perfil profissional: categoria dados pessoais e profissionais; (2) indicadores do perfil profissional: categoria formação profissional; (3) indicadores do contexto de atuação e da competência narrativa: categoria da atuação cultural; (4) indicadores do contexto de atuação e da competência narrativa: categoria da competência narrativa; (5) indicadores das conexões e da competência em informação: categoria da competência em informação e (6) indicadores das conexões e da competência em informação: categoria da conexão em redes. Os indicadores da competência em informação são baseados no “Modelo de indicadores de inclusão digital e informacional direcionado para o desenvolvimento de competências” (IDEAS) (CERVERÓ et al; 2011).

avaliação, seleção e compartilhamento de informações narrativas em espaços híbridos.

A pesquisa de histórias é a primeira habilidade destacada no contexto do desenvolvimento da competência narrativa, englobando a seleção de textos novos para um repertório comumente utilizado em apresentações culturais, cursos ministrados, gravação de vídeos e em outras atividades e produtos oferecidos ao público consumidor. A importância dessa habilidade conduz à identificação de que a maioria dos contadores de histórias costumam selecionar narrativas novas para a constituição de seu repertório (73,53%) (Tabela 1), já que repertório brasileiro oferece uma variedade de histórias de diversas procedências, europeia, africana, indígena, entre outras (CASCUDO, 2003; 2006).

Tabela 1 – Pesquisa e seleção de histórias para o repertório

Variável	Categoria	%
Pesquisa e seleção	Pesquisam e selecionam	73,53
	Não pesquisam e selecionam	17,65
	Sem resposta	8,82%
	Total:	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

A habilidade de pesquisa requer a aquisição de técnicas de busca de informações no campo da narrativa com a finalidade de renovação do repertório, devendo-se, desse modo, considerar fatores relacionados com o processo de seleção em contextos presenciais e virtuais. O narrador profissional deve portanto ponderar acerca da necessidade de escolha de matérias que partam da expectativa ou necessidade da plateia/público com o qual irá estabelecer contato (MATOS;

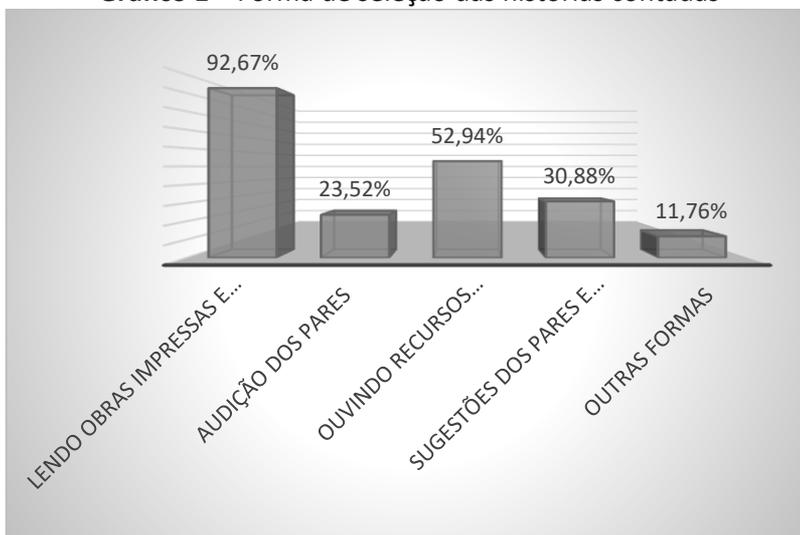
SORSY, 2009), assim como compreender como o mundo da informação é estruturado para poder acessar redes formais e informais de informação e educação, ao (re)conhecer as estruturas de comunicação utilizando para isso diversos suportes e mídias que a era digital oferece (CASTELLS, 2001; DUDZIAK, 2010).

A seleção de histórias requerer competência em informação nos contextos não apenas de recuperação, mas também de avaliação do processo de busca do texto direcionado para a comunicação da narrativa; etapa igualmente importante para a busca e recuperação da informação narrativa. O processo de avaliação encontra-se imbricado com a capacidade técnica e humana de selecionar uma informação. Durante o processo de seleção de uma história é requerido o conhecimento do código da escrita (alfabetização) e a aplicação da leitura e escrita no contexto social (letramento), junto à alfabetização digital e em informação, etapas importantes para uma posterior preparação da informação narrativa. Identifica-se, com isso, que os sujeitos narradores utilizam as tecnologias para a consecução das suas pesquisas, buscas e seleções de textos narrativos, permitindo (re)considerar o significado do que é um sujeito alfabetizado e quais competências, habilidades e conhecimentos são requeridos (GARCÍA-MORENO, 2011).

A realização das pesquisas que conduzem a escolha de um bom texto parte da audição dos pares, da leitura de textos extraídos de livros impressos, blogs, páginas web, dentre outras estratégias. Tendo em vista que um processo de seleção de histórias acontece de diferentes maneiras, identifica-se

uma predominância por meio de leitura de textos impressos e virtuais (92,67%), da audição e visualização de recursos audiovisuais (52,94%) e dos pares (23,52%) (Gráfico 1). “Aos textos impressos, somam-se os hipertextos e os livros eletrônicos (e-books) que surgem como novas ferramentas de comunicação e interação, instaurando outros paradigmas nas relações entre autores, textos e leitores” (CACCIOLARI; MATSUDA, 2009, p. 2).

Gráfico 1 – Forma de seleção das histórias contadas



Fonte: Dados da pesquisa.

Tanto na prática da audição dos pares que envolve a tradição da oralidade, quanto na apropriação dos recursos audiovisuais que demandam o uso das novas tecnologias, “Ouvir não é uma atitude passiva; ao contrário, envolve um grande esforço de imaginação, de análise e de assimilação do discurso” (NKAMA, 2012, p. 254). A atração pelo conto selecionado é muito importante no processo de audição, influenciando na maneira como posteriormente o narrador irá

contá-lo. Outras formas de seleção dos materiais podem ser pontuadas, todavia, cabe nesse momento pensar nos diversos tipos de mídias e suportes aos quais o narrador pode recorrer para compor o seu repertório. Os indicadores sobre essa categoria trazem resultados e despertam para o fato de que as mídias e suportes mais utilizados são os livros impressos e digitais (86,76%); material multimídia na internet (60,29%); DVD (23,52%); CD (25%), dentre outras opções (8,82%) e um pequeno percentual (2,94%) não fez nenhuma indicação.

As técnicas de seleção são influenciadas pelos momentos de audição dos pares tanto quanto pelos processos de busca de um texto *on line* ou em um livro impresso. Por meio de uma diversidade de suportes disponibilizados (livros impressos, livros eletrônicos, etc.) entra-se em contato com uma variedade de gêneros literários: contos; romances; crônicas; dentre outros. A busca e a recuperação da informação narrativa alcança um repertório universal no qual fábulas, contos de fadas e outras histórias tradicionais e populares trazem novas possibilidades em termos de seleção para o sujeito narrador trabalhar com o seu público na era da informação. A seleção é uma habilidade importante e, antes de mais nada, uma tarefa inteiramente coletiva e colaborativa, sendo identificada como primordial para cativar o público. Através da seleção dos textos narrativos estabelecem contato com autores de obras literárias, narradores da tradição que transmitem contos populares, com os pares que comunicam suas narrativas na internet e/ou em espaços presenciais.

A atuação do contador de histórias profissional requer um repertório atualizado, nessa direção, colocou-se em análise

a frequência com que a seleção das histórias é realizada. Depreende-se, dessa forma, que a frequência varia de narrador para narrador, devendo ser analisada dentro de cada realidade de atuação cultural desse profissional na comunidade ou instituição na qual costuma atuar. As oportunidades em termos de busca e recuperação da informação também são variadas e acabam por influenciar consideravelmente o processo. De maneira geral, experiências diferenciadas são tecidas em termos de atuação profissional e mudam totalmente o contexto da seleção e, por conseguinte, de apropriação das histórias oralizadas. Por meio da constituição de um repertório, pode-se ampliar frequentemente a possibilidade de atender às demandas dos ouvintes que de, maneira geral, exigem histórias novas e com diversas visões culturais e sociais.

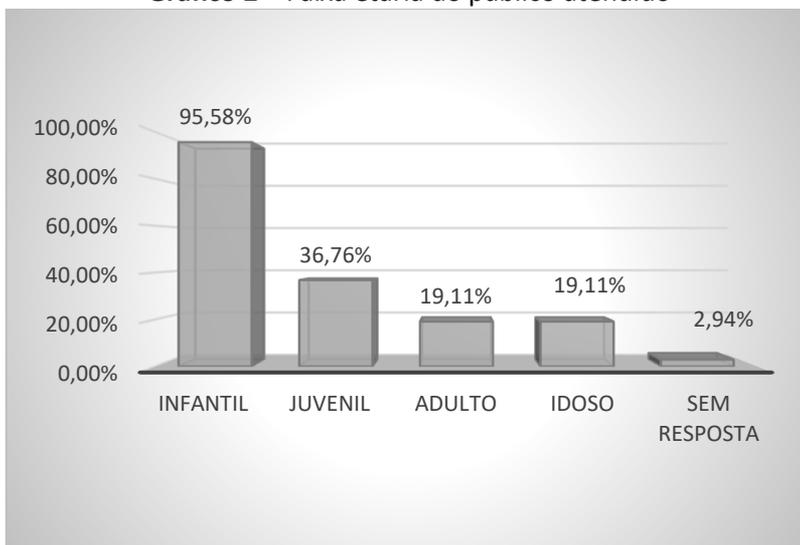
O processo de preparação e comunicação de um conto perpassa a história de vida profissional de cada ator social envolvido no processo, desse modo, deve-se adotar critérios desde a preparação até a comunicação de variadas histórias. Enquanto os contos de fadas tornam possível trabalhar com as rotinas escolares, comunitárias e dos lares, a fábula imprime no decorrer da narrativa uma moral para a história. Não se pode perder “[...] a informação de que o conto ocupa um lugar privilegiado e específico na infância, principalmente quando aparecem nas narrativas fadas, duendes, ogros, bruxas – aliás, feiticeiras, gigantes, fadas, duendes e anões não são apenas elementos indispensáveis ao conto de fadas” (GIORDANO, 2013, p. 30).

As histórias de fadas, as fábulas e as lendas regionais

são contos tradicionais aos quais os narradores recorrem com intensidade em um momento de comunicação, alcançando, com isso, sujeitos de diversas idades e com gostos diferenciados por conseguinte. Em um universo em que “Fornos de lenha foram substituído por micro-ondas e florestas silenciosas por avenidas ensurdecedoras, e, ainda assim, nos debruçamos sobre os destinos de Cinderela, Branca de Neve e seus companheiros” (HUECK, 2016, p. 254), estabelece-se contato com um público mais homogêneo ou diversificado, selecionando histórias que possam atendelo de maneira apropriada. Existem histórias que agradam a qualquer tipo de idade e que podem ser adaptadas para atingir ao gosto de cada público, outras que exigem uma reescrita para atingir ao objetivo e assim por diante.

Ante o exposto, a definição do público atendido é primordial para o processo de seleção da história que será incorporada ao repertório e, posteriormente, comunicada desde a infância até a melhor idade, sendo que algumas narrativas podem ser selecionadas independente da idade podendo passar por adaptações para melhor atingir aos ouvintes. As metas que devem ser atingidas em determinados territórios de atuação também são levadas em consideração, direcionando o narrador para o desenvolvimento de um trabalho de acordo com os objetivos que lhes são requeridos.

Gráfico 2 – Faixa etária do público atendido



Fonte: Dados da pesquisa.

O ouvinte de diferentes idades difere-se de um espectador passivo se é que esse tipo de sujeito realmente existe, sendo considerado como coautor ou ouvinte autor no processo narrativo (MATOS, 2014), desse modo, os serviços e produtos no campo da narrativa oral devem ser direcionados para esse sujeito e toda a sua diversidade cultural. No ato de seleção do repertório está a maioria dos narradores de histórias (95,58%), enquanto que um percentual pequeno afirma que não (1,47%) e (2,94%) não se manifestou. Ao levar em consideração a faixa etária do público atendido e, na mesma proporção, que a maior parte (95,58%) costuma atender ao público infantil (Gráfico 2), percebe-se que o público em sua maioria é constituído por crianças mesmo que a narrativa oral seja uma prática destinada a um público diverso que deve ser atendido como um coletivo que possui peculiaridades.

Por meio da consideração da faixa etária um narrador experiente ou não, poderá melhor selecionar os textos narrativos. Porém, deve-se levar em questão não apenas a idade, mas também as particularidades sociais e humanas do público atendido numa sociedade em que as diferenças e peculiaridades constituem a sua maior característica. O contador de histórias profissional direciona contextos de busca, seleção e avaliação do material ao público que, de uma maneira geral irá atender, assim como deverá estabelecer o tempo despendido no momento da comunicação da história é essencial, devendo-se considerar fatores relacionados com a idade, instituição e público que nela é constantemente atendido.

A competência no campo da oralidade perpassa a capacidade da comunicação do conto selecionado direcionado ao público atendido, muitas vezes tornando difícil separar a segunda da terceira habilidade da competência narrativa: habilidades de preparação e comunicação de histórias. Ao considerar que o processo de comunicação exige uma boa preparação, resta então fornecer detalhes de como essas habilidades são adquiridas no cotidiano do contador de histórias espírito-santense. Enquanto a preparação exige técnicas específicas que praticamente eliminam o imprevisto, o ato de narrar exige habilidades e conhecimentos no qual a improvisação pode aparecer como necessária em alguns momentos. “Na verdade o contar histórias não se improvisa nunca e, exige um ritual e uma preparação do narrador [...]” (GIORDANO, 2013, p. 44). Alguns textos narrativos selecionados demandam maior dedicação do que outros,

exigindo nesse caso mais tempo de estudo e laboratórios de preparação individuais/coletivos.

O narrador é caracterizado como um leitor extensivo por consumir muitos e variados tipos de textos para dar conta da preparação e exercício de sua arte (SIMEÃO, 2006). Nessa direção, leitura e escrita relacionam-se com o contexto da alfabetização (técnica de saber ler e escrever) que não exclui o conhecimento de mundo que o narrador de histórias possui (letramento) (TFOUNI, 2010). As técnicas de preparo de uma história estão inteiramente relacionadas com a leitura, (re)escrita, memorização e ensaio e, posteriormente, com o uso da voz, expressão corporal e facial, ou seja, com os procedimentos que tornam possível a comunicação da história que compõe a competência narrativa.

Dentre os procedimentos das técnicas que compõem as habilidades de preparação e comunicação de histórias, destacam-se os usos das estratégias de leituras em voz alta (82,35%) e silenciosa (30,88%), bem como a escrita das partes da história para uma efetiva memorização (33,82%), podendo ou não culminar na reescrita de partes da narrativa (33,82%). A memorização literal (20,58%) é responsável pela viabilização de momentos de narrativa oral em que o contador de histórias precisa apropriar-se da história na íntegra sem mudar as partes do texto (Tabela 2).

Tabela 2 – Procedimentos para o preparo e comunicação da narrativa oral

PROCEDIMENTOS	PERCENTUAL (questão de múltipla escolha)
Leitura em voz alta	82,35%
Leitura em voz silenciosa	30,88%
Escrita das partes da história para memorizar	33,82%
Memorização literal	20,58%
Reescrita da história para contá-la	17,64%
Caretas e outros tipos de expressões faciais	33,82%
Abuso da expressão corporal	17,64%
Expressão corporal na medida certa	38,23%
Mudança de voz para diferenciar os personagens	47,05%
Velocidade, tonalidade e volume da voz	50%
Uso de recursos	44,11%
Ensaio das histórias com diversos sujeitos, com gravação e narração na frente do espelho	30,88%

Fonte: Dados da pesquisa.

Outros procedimentos constituintes das técnicas são citados pelos narradores conforme pode ser visualizado na tabela 1, possibilitando a percepção de que antes que um conto esteja pronto é necessário trabalhar a expressão facial (33,82%), expressão corporal na medida certa (38,64%) em alguns momentos de comunicação e de forma exagerada (17,64%) em outros. As técnicas de mudanças de voz são usadas de forma que se possa diferenciar os personagens (47,05%) e o trabalho com a velocidade, tonalidade e volume de voz (50%) também são comumente requeridos, bem como gravações (30,88%) e o uso de recursos como músicas e

objetos (44,11%). A leitura principalmente em voz alta (82,35%) é uma técnica importante para a composição da competência narrativa, sendo a grande responsável pela preparação e consequente comunicação de um conto, evidentemente em articulação com outras habilidades e técnicas.

Por meio de uma leitura solitária, silenciosa ou coletiva, assim como, da escrita das partes do texto, o sujeito narrador memoriza e prepara a história para a comunicação numa posterior apresentação. Esse ator social necessita acessar conhecimentos pertencentes ao processo de alfabetização e letramento, principalmente para conseguir uma aplicação social que o ato de narrar exige do seu narrador na contemporaneidade. No processo de memorização o narrador pode separar a história em partes, devendo selecionar essa opção sem alterar o texto escrito e, sobretudo no caso de narrativas provenientes de obras literárias autorais, pode ser literal. Também podem utilizar a reescrita para recontá-la com uma estrutura diferente, de forma que não descaracterize a obra que deve necessariamente ser citada. Essa técnica pode ajudar na aproximação com o público e seu contexto e identidade.

A realidade exposta apresenta a necessidade de o narrador dominar técnicas de reescrita e adquirir conhecimentos acerca da arte de narrar textos adaptados principalmente quando estes forem de domínio popular. O contador de histórias profissional tendo ou não características mais tradicionais deverá “[...] dominar a arte da palavra e da imaginação criadora e começa por se considerar o contar

histórias como uma atividade muito importante que requer clareza nas suas intencionalidades” (GIORDANO, 2013, p. 44). Fica cada vez mais difícil a tarefa de separar as habilidades de preparo e comunicação da história, pelo motivo de que os narradores entendem que essas práticas estão articuladas e, principalmente, pelo fato de que a maioria dos profissionais continuam a preparação durante o ato de narrar. Conseguem, dessa forma, alcançar um processo de memorização que permite que se conte um texto de cor, o que remete compreender efetivamente aquilo que foi lido, oralizar com sentimento e descontração. O uso de um recurso é uma consequência, jamais podendo aparecer mais do que a narrativa apresentada, segundo a opinião de alguns narradores.

As estratégias selecionadas durante o momento de preparação de uma história variam de narrador para narrador que atuam em territórios diferenciados. O uso de recursos, desse modo, caracteriza-se como um elemento importante durante o processo de comunicação da história, podendo o conto selecionado, dessa maneira, sofrer influências da realidade vivida. Existem várias versões da mesma história que podem ser selecionadas e preparadas com a intenção de trabalhar fragmentos da realidade social em um momento de narrativa oral ou noutro tipo de serviço ou produto. No território da educação, a utilização de recursos artísticos na apresentação das narrativas tornam possível explorar valores.

Tendo em vista que com a escolha de uma música, uma poesia, um vestuário ou de um objeto pode-se imprimir uma marca durante um momento de apresentação da narrativa

oral, destaca-se que tanto a habilidade da preparação quanto da comunicação requer a apropriação de técnicas particulares por parte do seu utilizador. Nessa linha de pensamento, infere-se que um recurso jamais será utilizado da mesma forma por dois ou mais narradores e, contudo, não provocará o mesmo impacto durante os momentos performáticos. Para além do uso de diferentes recursos em um momento de comunicação, importa pensar a importância da simples narrativa.

Existem outras demandas com as quais esse narrador se depara, devendo dar conta delas para que obtenha sucesso no momento de preparação da contação de histórias ou de outros serviços requisitados na contemporaneidade. A ambientação e a organização do local em que será contada a história é uma delas, sendo que metade dos narradores (50%) afirmam se dedicar a essa frente de trabalho no campo da narrativa oral. Enquanto outros narradores afirmam não se preocupar com essa atividade (32,35%), uma parcela considerável não respondeu a essa questão (17,65%). A preocupação com a organização do ambiente em que será contada a história é válida pelo motivo de proporcionar conforto e motivar tanto o narrador quanto o ouvinte, devendo o narrador dedicar um tempo considerável ao preparo do espaço em que será realizada a comunicação da história. Essa técnica que compõe a habilidade de comunicação é necessária para possibilitar interação social entre os sujeitos que promovem uma ação cultural, proporcionando que o público seja digno do oferecimento de um serviço ou promoção de um produto.

A preparação dos momentos de contação de histórias

aparece como uma condição necessária para a performance durante a comunicação narrativa, desse modo, o narrador deve manter o local organizado para se dedicar com maior facilidade a etapa da disseminação/distribuição do serviço ou produto. A literatura geralmente não dedica um espaço considerável para essa atividade necessária ao contexto da narrativa oral, devendo o sujeito narrador adquirir habilidades e técnicas para aprender como fazer no decorrer do seu cotidiano de trabalho. A ambientação do local em que será comunicada uma história que poderá ser visualizada presencialmente ou virtualmente, requer planejamento e observação constante dos espaços tempos em que o narrador dissemina textos e contextos que envolvem práticas narrativas.

O tempo reservado para a apresentação de cada narrativa deve ser considerado ao compreender que o narrador trabalha em instituições em que as diferenças e necessidades culturais devem ser atendidas pelo profissional narrador. A destinação de tempo voltada para uma comunicação deve, por conseguinte, considerar que cada público requer um momento de narrativa oral diferenciado em termos de concentração e necessidades institucionais. Um momento de narração para crianças deve ter um tempo menor em termos de comunicação da narrativa oral, enquanto que o oferecimento de um curso para adultos deve compreender um espaço de tempo maior devido a meta de trabalhar com formação na área da contação de histórias.

O estabelecimento de um tempo correto para cada tipo de atividade e público é importante para fortalecer o processo

de comunicação entre narrador e ouvinte, identifica-se desse modo que a maioria dos contadores de histórias costuma interagir com seu público (86,76%) durante a comunicação da história e, em seguida, que uma pequena parcela costuma não permitir nenhum tipo de interação (8,83%) e uma pequena parcela (4,41%) não respondeu a essa questão. Percebe-se, com isso, que a comunicação da narrativa exige que todas as habilidades citadas anteriormente sejam somadas a capacidade de interação com um público de todas as idades e contextos sociais diferentes.

No processo de comunicação percebe-se que o sujeito narrador, apesar de não ser classificado como ator, caracteriza-se como um artista cênico e, que, mesmo perante a necessidade de memorizar uma história, escolher recursos e outras demandas que exigem técnicas e conhecimentos no campo da informação, tecnologia e alfabetização, a liberdade de expressão ainda deve ser o norte da atividade criativa do contador de histórias. Desse modo, técnicas cênicas (expressão facial, corporal, etc.) e do campo da relação interpessoal (relacionamento entre duas ou mais pessoas) permitem um diálogo expressivo entre narrador e público por meio das interferências e produções em torno da narrativa oral.

As habilidades de pesquisa e preparação não estão dissociadas da habilidade de comunicação da história. Tendo em vista que essa última habilidade que compõe a competência narrativa é acompanhada de técnicas que fazem parte da competência cênica, bem como de estratégias peculiares de cada contador de histórias torna-se

extremamente necessária para a fase da disseminação da história. Evoca-se um fragmento da obra de Fernandes (2006, p. 375) para refletir que “A formação do artista cênico de hoje deve ensinar a liberdade entre os vários meios de expressão, para que cada um deles ganhe sua força e independência” ao criar e permitir que no momento de disseminação haja interferência, ou seja, diálogo perante o oferecimento de uma ação cultural.

Entende-se que o narrador não é um ator e tampouco se enquadra nos parâmetros de atuação desse profissional, todavia, o narrador contemporâneo mais do que nunca precisa adquirir informações de como usar a informação narrativa e comunicá-la em diferentes territórios de atuação. Deter, então, conhecimento de técnicas que tornem possível preparar uma narrativa e posteriormente comunicá-las em ambientes híbridos que permitam o diálogo, são habilidades componentes da competência narrativa muito importantes para essa nova era conectada por redes de informação (CASTELLS, 2011; 2003).

O exposto não torna isento o narrador de histórias da necessidade de deter competência em informação voltada igualmente aos processos de busca e comunicação da informação em espaços presenciais e virtuais, desde a seleção até o preparo da história deve-se compreender que as novas e antigas tecnologias coexistem de forma que se possa comunicar a narrativa oral. Depreende-se a necessidade de apresentar o estado da arte das habilidades, técnicas e conhecimentos componentes da competência narrativa que culmina na disseminação da narrativa oral em espaços híbridos

de comunicação extensiva em um ambiente interativo ao entrar em contato com novos formatos (impressos, eletrônicos e digitais) de informação narrativa (SIMEÃO, 2006).

A competência narrativa requer habilidades e conhecimentos no campo da busca, avaliação e uso de uma informação que efetivamente se faz necessária para a manutenção da prática do contador de histórias. Na contemporaneidade os sujeitos narradores acabam requerendo uma base de conhecimentos sobre as tecnologias de escrita, informação e comunicação, bem como a aquisição de habilidades para que possa acessar serviços que as redes de comunicação oferecem. Entretanto, no seu campo de atuação se deparam com a coexistência das novas tecnologias de informação com os mais antigos meios de comunicação (escrita e oralidade), com a articulação das práticas tradicionais e modernas.

Os indicadores no âmbito informação conduzem a análise da composição de uma categoria que se caracteriza como competência em informação de narrativas, ao abordar temas relacionados com a alfabetização em informação (conexão em redes, utilização de mídias sociais, aplicações de acesso à internet, contextos de busca, seleção e avaliação da informação, etc.) e alfabetização digital (execução de tarefas, utilização de equipamentos, etc.). Destacando também o fato de que o excesso de informação dificulta o processamento de busca e recuperação da informação narrativa, prejudicando as conexões em redes digitais e sociais.

O narrador vive um momento em que necessita estar incluído digitalmente de forma a usufruir dos benefícios da

sociedade que disponibiliza as tecnologias de informação e comunicação. Nessa direção, a alfabetização digital se faz necessária para desenvolver habilidades e apropriar-se de técnicas no que refere ao emprego das tecnologias que acabam por envolver conhecimentos relacionados com o uso de recursos digitais e eletrônicos (GARCÍA-MORENO, 2011). Esse processo envolve narrador, público, colaboradores, enfim, todos os sujeitos que se apropriam das tecnologias de escrita, informação e comunicação compreendidos nessa área de atuação.

As mudanças vividas no campo da informação envolvem, de maneira geral, o uso dos equipamentos eletrônicos, então, ser alfabetizado informacionalmente é uma necessidade que se articula com a capacidade de manusear um computador, tablet, celular e outros equipamentos responsáveis pela sobrevivência na era da informação digital. Por meio desse domínio é possível aprender não apenas como buscar e produzir informação de um modo solitário, mas também aprender compartilhar conhecimento de maneira colaborativa mesmo que ainda haja carência de recursos para uma diversidade de profissionais integrados ao narrador de histórias.

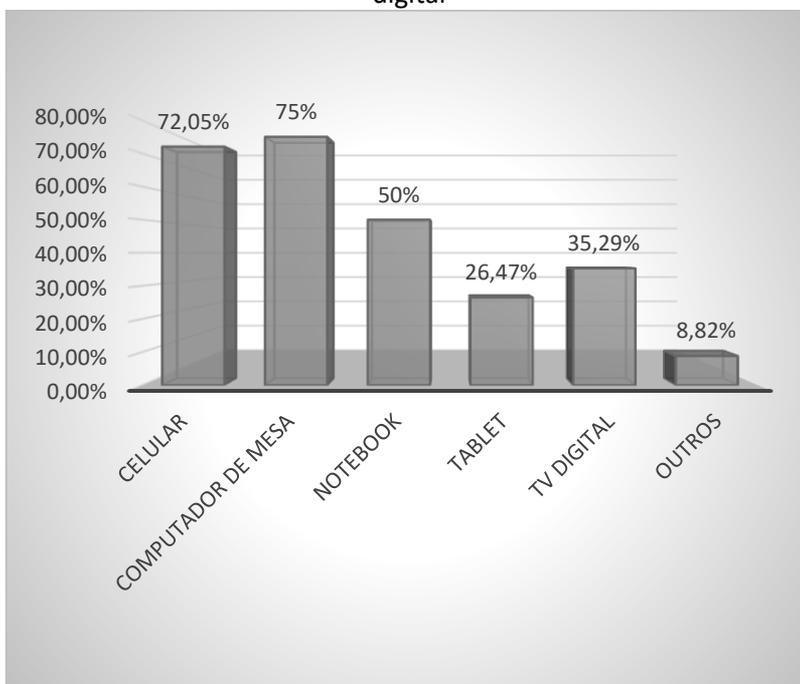
Destaca-se por conseguinte um período de transição fortalecido com o uso de computadores e com o acesso das redes por meio da internet. A cada dia as novas tecnologias conduzem o narrador profissional para a inserção da atividade em estruturas de conexões descentralizadas e distribuídas. O exposto permite considerar que se vive em uma época em que essa estrutura tecnológica requer conhecimentos básicos para

sobreviver e resolver problemas que a contemporaneidade apresenta (BELLUZZO, 2007).

O conhecimento de informática possibilita o uso de computadores e outros equipamentos, comumente definidos como importantes para a comunicação em rede, já que “Desde a década de 50, os computadores vêm nos oferecendo a oportunidade de apreender e armazenar um volume enorme de informação” (DAVENPORT, 1998, p. 27). Desse modo, por meio de uma questão de múltipla escolha identificou-se que o computador se constitui como o recurso mais utilizado pelo contador de histórias para conectar-se em rede (75%) juntamente com o celular (72,05%) que atualmente mantêm os sujeitos conectados na maior parte do tempo (Gráfico 3).

Praticamente quase todos os contadores de histórias executam tarefas simples com seus equipamentos (94,11%), sendo que uma minoria afirma não executar (1,48%) ou não se manifestou acerca dessa questão (4,41%). Esse aspecto relaciona-se com a alfabetização digital remetendo ao advento da intensificação do uso das tecnologias de informação e, por consequência, dos equipamentos eletrônicos que são de extrema importância para permitir fluir a comunicação em redes digitais.

Gráfico 3 – Equipamentos mais utilizados para o acesso à rede digital



Fonte: Dados da pesquisa.

Aspectos relacionados com a alfabetização digital como a execução de tarefas simples em equipamentos eletrônicos facilitam o acesso à informação narrativa, de forma que o contador de histórias consiga buscar e recuperar informações para um uso efetivo, assim como compartilhar conhecimento produzido no âmbito da área da narração de histórias. Essa última possibilidade se constitui como um campo de atuação pouco explorado em termos de compartilhamento de produtos e serviços em redes colaborativas.

O notebook se constitui como um equipamento popularizado na era da informação, juntamente com o celular

e o tablet tornam possível o transporte de sistemas operacionais cada vez mais próximos dos computadores de mesa. Logo torna-se necessário saber executar tarefas simples com a finalidade de melhor utilizá-los. Desse modo, os sujeitos da pesquisa apresentaram as tarefas que mais costumam realizar com seus equipamentos, dentre elas entender mensagens simples que o sistema operacional emite (57,35%), criar diretórios (47,05%), impressão de textos e imagens (83,82%), fazer cópias de arquivos e pastas (83,82%), transferir e capturar imagens e textos digitais (66,17%) (Tabela 3).

Tabela 3 – Tarefas simples que os contadores de histórias executam

TAREFAS EXECUTADAS	PERCENTUAL (questão de múltipla escolha)
Entender mensagens do sistema operacional que as máquinas emitem	57,35%
Copiar arquivos e pastas	83,82%
Modificar área de trabalho	58,82%
Impressão de textos, imagens, etc.	83,82%
Apagar	72,05%
Criar diretórios	47,05%
Guardar dados e informação no disco	55,88%
Transferir e capturar imagens e textos digitais	66,17%
Outras	14,70%

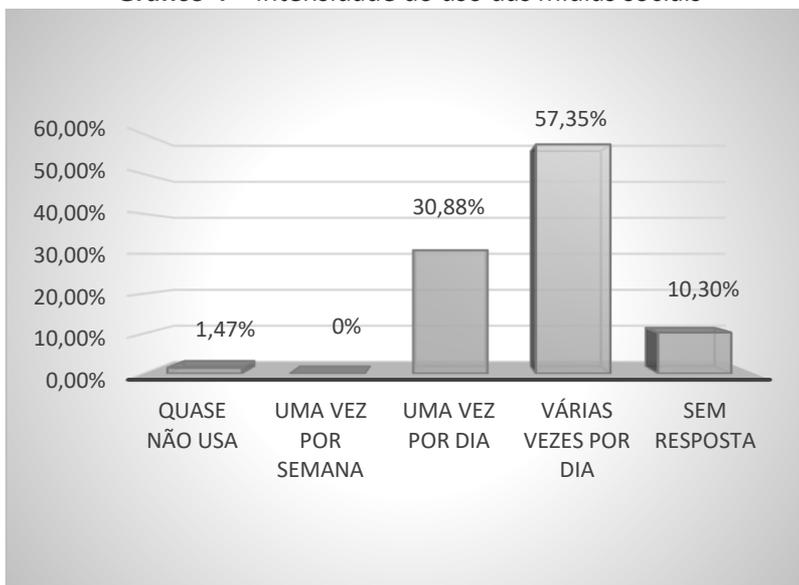
Fonte: Dados da pesquisa.

Esses indicadores apontam a alfabetização digital como sendo importante para a utilização correta das TIC (GARCÍA-MORENO, 2011). O fato de que a comunicação mediada pelo computador, celular e outros recursos eletrônicos expandiu as capacidades de conexões, e a cada dia tem permitido que

variados formatos de redes sejam criados no espaço virtual (RECUERO, 2009, p. 16). Não se pode esquecer que a rede digital tende a reforçar o relacionamento presencial do contador de histórias e não o contrário.

Dudziak (2010, p. 8) coloca que "Pessoas competentes em informação estão familiarizadas com as várias mídias [suportes] de informação, incluindo jornais, revistas, televisão, internet, entre outras". Na rede pesquisada foi observado que tratando-se de tipos de mídias sociais utilizadas para comunicar e buscar informação na rede digital foram citados os tradicionais grupos de emails (58,82%) e os mais modernos: blogs (29,41%), wikis como a Wikipédia (39,70%); redes de relacionamento como o Facebook (79,41%); redes de vídeos como o Youtube (69,11%) e outras mídias que não foram especificadas (16,17%). Com a questão de múltipla escolha que deu base a essa análise, obteve-se um um pequeno porém significativo percentual (5,88%) sem resposta.

Gráfico 4 – Intensidade do uso das mídias sociais



Fonte: Dados da pesquisa.

Tendo em vista que um pouco mais da metade dos contadores de histórias afirmam usar as mídias sociais com frequência (57,35%) e uma vez ao dia (30,88%) (Gráfico 4), o conhecimento básico no campo da informática possibilita o uso do celular, computador e outros equipamentos basilares para o narrador de histórias comunicar-se em redes. À vista disso, quase todos os sujeitos narradores afirmam que se apropriam de mídias sociais para comunicar-se em redes sociais (88,24%), de outro lado identifica-se que apenas uma pequena parcela deixa de utilizar algum tipo de mídia social para comunicar-se em rede (5,88%), enquanto um pequeno percentual (5,88%) permite identificar ausência de resposta a essa questão.

A relevância das ferramentas de conexões em redes

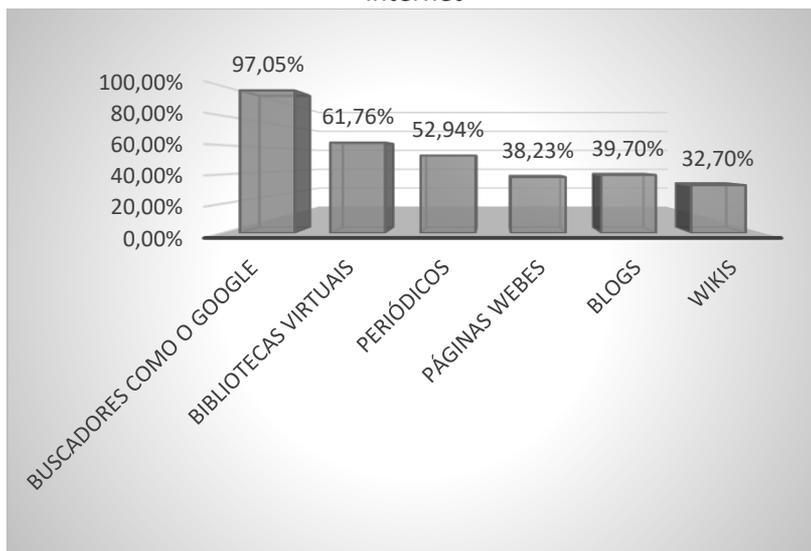
digitais coexiste com a percepção de que o contador de histórias contemporâneo apropria-se tanto da experiência do narrador tradicional, quanto dos modernos meios oferecidos para navegar no ciberespaço. Esse novo espaço de atuação requer a capacidade de se conectar em redes virtuais para compartilhar informações e produzir conhecimento. Perante a necessidade de atender às necessidades de formação de um cidadão apto a enfrentar os desafios trazidos pelas transformações sociais, conhecimento é uma necessidade cada vez mais presente na sociedade da informação (CACCIOLARI; MATSUDA, 2009).

O alcance da estrutura de uma rede de comunicação seja no ambiente de trabalho, numa residência ou noutro local que permita acesso aos serviços de internet por meio de *wifi* ou outro tipo de tecnologia de conexão, torna-se importante para o contador de histórias, para qualquer outro cidadão e, principalmente, para aqueles que na atualidade ainda se encontram à margem do processo de inclusão tecnológica. “Podemos entender que a inclusão digital é um novo direito humano procedente do novo ambiente tecnológico que tem sido criado na rede. [...] Os avanços na informação e comunicação devem ser desfrutados por todos os seres humanos, e cabe considerar que na atualidade exclusão digital equivale a exclusão social [...]” (LÓPEZ, SAMEK, 2011, p. 31).

Diante da importância de estar incluído ao conectar-se às redes de comunicações (internet) em diferenciados locais de acesso remoto, quase todos os contadores de histórias que participaram da pesquisa afirmaram fazer uso de aplicações de acesso à internet (95,58%). Um percentual pequeno (1,47%)

não faz uso de aplicações de internet e não respondeu essa questão (2,94%). Em relação à descrição das aplicações que costumam utilizar, obteve-se a resposta de que em maior proporção utiliza os correios eletrônicos (89,70%), mensagens instantâneas (83,82%), navegadores como o Google (77,94%) e, em menor proporção, o uso de chats (22,05%) e fóruns de discussões (19,11%). Essa questão de múltipla escolha apresenta um pequeno percentual (4,41%) que não emitiu nenhum tipo de resposta. Em relação ao uso das ferramentas de busca e recuperação da informação, quase todos os contadores de histórias utilizam a internet com frequência para buscar informações (95,58%), enquanto uma parcela pequena (65 4,41%) não respondeu essa questão.

Gráfico 5 – Ferramentas de busca e recuperação da informação na internet



Fonte: Dados da pesquisa.

Quanto aos recursos (ferramentas) que são utilizados

para a realização das pesquisas na internet, numa questão de múltipla escolha foram assinalados que os buscadores (especificamente o Google) são usados com maior frequência (97,05%), tendo também as redes sociais sido apontadas como um campo potente para a recuperação de informações dos narradores (58,82%) (Gráfico 5). A rede digital oferece uma diversidade de ferramentas de busca e recuperação para os sujeitos narradores que, muitas vezes, almejam encontrar textos narrativos (romances, contos, crônicas, fábulas, etc.) no espaço virtual. Nesse espaço as relações são as mais variadas possíveis, colocando esse narrador na posição de usuário de informação que percebe a viabilidade do acesso e do compartilhamento de informações na esfera pessoal e no campo profissional (RECUERO, 2009).

A alfabetização digital e em informação, nesse sentido, torna possível que o contador de histórias profissional envolva-se em processos de buscas no ambiente de rede digital. O buscador do Google alcança o propósito de pesquisadores no que se refere à rapidez dos mecanismos de busca, contudo, “As tecnologias de busca têm ido mais além dos próprios buscadores e, na atualidade, os usuários se movem por diversos espaços de busca” (GARCÍA-MORENO, 2011, p. 48).

O Google ainda é a ferramenta de busca mais utilizada. Estão à disposição do contador de histórias outros motores de busca como as *wikis*, bem como, conteúdos multimídia, repositórios digitais, bases de dados, marcadores sociais e conteúdos colaborativos que podem ser utilizados a maior parte do tempo (GARCÍA-MORENO, 2011). Wiki que significa "rápido" e é o nome que se dá a toda uma família de programas

e serviços utilizados para escrever de maneira colaborativa (UGARTE, 2008) e acaba também funcionando como um suporte de busca para o desenvolvimento da prática do narrador, no que se refere a pesquisa, a divulgação e noutros quesitos. Entende-se que o contador de histórias deve buscar uma parcela significativa do conteúdo acessível nas redes que tornam possível as consultas realizadas, por exemplo, em bibliotecas e outros espaços de informação presenciais e virtuais. Para isso, é necessário selecionar com maior autonomia a informação por grau de importância e em função dos objetivos.

Diante da necessidade de selecionar informações com maior autonomia, ao levar em consideração o grau de importância e em função dos objetivos, a maior parte dos contadores de histórias (94,11%) declara ter aptidão para a realização dessa tarefa, enquanto uma pequena parte afirma não conseguir (1,97%), uma pequena parcela (4,41%) não respondeu essa questão. Identificou-se também que a maioria dos sujeitos (95,58%) se considera capaz de localizar a informação de que necessita não apenas na internet, mas também em obras impressas, uma pequena parcela (1,47%) não localiza a informação de que necessita e não respondeu essa questão (2,94%). Além do exposto, durante o processo de busca e avaliação do processo, a maior parte dos narradores (94,12%) afirma ser capaz de detectar palavras que são mais importantes por meio de palavras-chaves e, desse modo, definir o conteúdo do texto e uma pequena parcela de narradores (2,94%) afirma não possuir essa capacidade e não respondeu essa questão (2,94%).

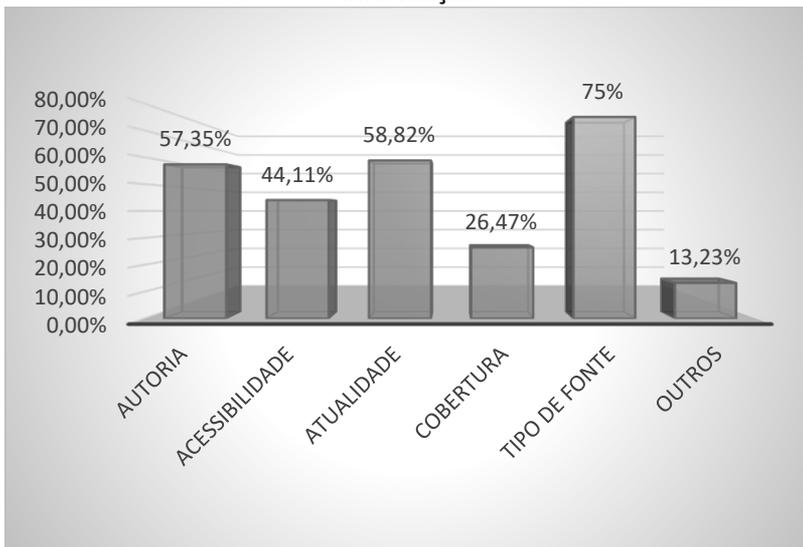
Tendo verificado que a maioria dos narradores seleciona informações autonomamente em função dos seus objetivos, sendo capazes de localizá-las no ambiente presencial e virtual (híbrido) ao detectarem palavras chaves que sejam importantes para resumir e definir os conteúdos dos textos necessários à prática narrativa, no final do século passado Assmann (2000, p. 10) expõe que “Essas coisas devem parecer bastante estranhas, ou não ter nenhum sentido, para quem usa o computador apenas como uma espécie de máquina de escrever incrementada com alguns recursos a mais”.

Talvez já comecem, porém, a fazer sentido para quem redige textos com abundante manejo de mixagem redacional que inclui deslocamentos de porções de texto, recurso constante a muitos arquivos, abertura de multitelas, uso simultâneo da internet etc. Creio que aumentará de sentido para quem é cibernauta, isto é, navegante mais ou menos assíduo da internet, pesquisando com os robôs de busca (AltaVista, HotBot e tantos outros) no ciberespaço transformado em imensa biblioteca virtual escancarada, incrivelmente versátil e cada vez mais ilimitada. E é tão fácil aprender meia dúzia de truques para incrementar a busca, por exemplo, interligando verbetes compostos de várias palavras ou até frases inteiras com um simples sinal de +, ou colocando entre aspas etc. (ASSMANN, 2000, p. 10)”.

As estratégias de buscas descritas por Assmann (2000) são utilizadas na atualidade, basta trocar uma tecnologia por outra, o Alta Vista pelo popularizado Google por exemplo, viabilizando a verificação de que o ciberespaço continua sendo

apresentado como uma biblioteca hipertextual que apresenta inúmeras possibilidades, podendo ou não auxiliar sujeitos que buscam a informação narrativa na internet. Para que se possa obter sucesso nos processos de busca, recuperação, avaliação e uso efetivo da informação, a procura por palavras chaves na rede digital é destacada como uma estratégia potente.

Gráfico 6 – Critérios de avaliação da qualidade das fontes de informação



Fonte: Dados da pesquisa.

Os sujeitos narradores utilizam os seguintes critérios para verificar a qualidade das fontes e dos conteúdos de informação que constantemente são buscados, como a análise do tipo de fonte (75%) e a atualidade dos documentos (58,82%) (Gráfico 6). Outros critérios são citados, como a verificação do conteúdo, domínio, instituição, etc. As questões abordadas até esse momento baseiam-se no fato de que saber avaliar diferentes fontes de informação distinguindo-as de acordo com a sua qualidade e confiabilidade, caracterizam-se

como habilidades importantes da competência em informação e que devem ser desenvolvidas em articulação com a competência narrativa.

De maneira geral mais da metade (67,65%) entende como sendo preciso ter a capacidade de localizar, recuperar e apreender criticamente as informações que comumente são buscadas e recebidas em diversos formatos (imagem, texto, som), enquanto uma parcela significativa (27,94%) reconhece não possuir essa capacidade e uma pequena (4,41%) não respondeu essa questão. Não se pode desconsiderar que o narrador é responsável pela organização e disponibilização do conteúdo de documentos informativos (palestras, artigos, apresentações, etc.) para os seus pares: cerca da metade dos contadores de histórias (51,47%) afirma que trabalha coletivamente na produção de novos arquivos com a finalidade de compartilhá-los, enquanto um pouco menos da metade (42,65%) declara não assumir essa perspectiva de trabalho e uma pequena parcela (5,58%) não respondeu essa questão.

Os sujeitos da pesquisa compartilham mais informações contendo fotos (44,11%) e textos (39,70%), seguidos pelos tipos de arquivos multimídia (32,53%). Em proporção a esses tipos de arquivos citados, compartilham menos informações que contenham som (20,58%) e vídeo (22,05%), sendo importante colocar que quase metade dos narradores (48,52%) não respondeu essa questão de múltipla escolha. Produzir e compartilhar informações requer o domínio das habilidades de acessar, buscar, avaliar e usar informações para o desenvolvimento de sua prática. Sendo, com isso, necessário considerar nos momentos de diálogos os

polos da inclusão digital e em informação.

A competência em informação engloba tanto o contexto da alfabetização digital quanto da alfabetização em informação, requerendo o diálogo e a participação do sujeito narrador em projetos inclusivos. Um processo que envolva inclusão digital deve refletir sobre o “[...] papel que as escolas, bibliotecas, universidades, museus e outras entidades do âmbito cultural em todo o mundo devem julgar na produção de informação e conhecimento” (LÓPEZ, SAMEK, 2011, p. 35). A competência em informação exige que a alfabetização digital e em informação seja direcionada para o desenvolvimento de habilidades de utilização das TIC e conexão em redes.

Enquanto não se conseguir visualizar a importância das tecnologias de escrita, informação e comunicação no processo de narração de histórias, será difícil utilizar os recursos que elas disponibilizam com toda a sua potencialidade. O fato de que a experiência que move a prática do contador de histórias ainda ser a mola propulsora da arte de narrar oralmente na sociedade da informação, não descarta o uso das novas tecnologias que são apresentadas como recursos que podem impulsionar uma área de atuação tradicional e, ao mesmo tempo, em potencial crescimento no século XXI.

Que a contação de histórias é alimentada milenarmente pelo contato presencial não se pode negar. No entanto, desde o surgimento da internet a rede digital tem potencializado a atividade presencial que comumente é realizada pelo narrador. Agora só resta pagar pra ver ao utilizar todos os recursos e ferramentas disponibilizadas e, com isso, se conectar em redes de colaboração que se fortalecem na era

da informação. Compreende-se esse narrador contemporâneo como um protagonista desenvolvendo o seu trabalho no ciberespaço e, com isso, percebe-se que a competência narrativa (composta por saberes, fazeres e atitudes adquiridas em atividades de formação, formais e informais, pertencentes à área da contação de histórias) é resultante do uso da ferramenta da narrativa oral atualmente potencializada pelo uso das novas tecnologias.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A competência narrativa encontra-se inteiramente atravessada pela competência em informação permitindo que na atualidade coloque-se em questão a atuação de um narrador que se utiliza não apenas na narrativa oral para comunicar extensivamente narrativas fictícias por meio das histórias selecionadas, mas também para disseminar fatos, dados, informações e notícias de relevância social. Constatase portanto que os contadores de histórias são possuidores de uma diversidade de habilidades, técnicas e conhecimentos constituintes de competências narrativas e em informação passíveis de serem desenvolvidas em espaços híbridos (presenciais e virtuais) de diversas regiões brasileiras. Porém, que, ainda assim, precisam aprimorar estratégias de busca, acesso e recuperação de informação para uma conexão efetiva em redes colaborativas, necessariamente, flexíveis e interativas.

A apresentação dos indicadores e categorias das competências narrativa e em informação acabam requerendo novas proposições de estruturas colaborativas, no momento

em que surge uma preocupação em fomentar contextos de acesso e de compartilhamento de uma informação que fortaleça a competência narrativa em contextos híbridos de comunicação. As propostas de planejamento e implantação de redes no campo da narrativa oral poderão desse modo estimular a participação do contador de histórias em contextos de uso e produção da informação narrativa que solicitam avaliações dialógicas que permitam o compartilhamento experiências e produções de conhecimentos voltados para a sua área de atuação profissional.

Uma arquitetura que permita a ampliação da participação desses sujeitos em redes de colaboração deverá estimular a criação de ações e o oferecimento de atividades e produtos na era digital, para assim pensar em uma totalidade em termos de investigações sobre contextos de busca, avaliação e uso da informação narrativa. Assim como, deverá permitir o compartilhamento de informações e a produção de conhecimentos voltados para a sua área de atuação em redes de comunicação extensiva. Uma estrutura de colaboração que envolva os narradores também deverá incluir grupos de que ainda não foram privilegiados com os benefícios gerados pelas novas tecnologias.

Os resultados fornecem, por exemplo, elementos para pensar a realização de outras pesquisas no interior do Estado do ES e em outros estados brasileiros ao identificar o nível de formação e de atuação cultural e informativa do narrador de histórias com características mais tradicionais e urbanas. Por meio da identificação do perfil de um contador de histórias com características variadas, torna-se interessante pensar em

formas de inseri-lo numa rede de colaboração inclusiva de forma que possam compartilhar habilidades, técnicas e conhecimentos com narradores iniciantes e experientes de áreas urbanas e outros atores que se mostrarem interessados.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Hugo. A metamorfose do aprender na sociedade da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 29, n. 2, p. 7-15, maio/ago. 2000.

BELLUZZO, Regina Célia Baptista. *Construção de mapas: desenvolvendo competências em informação e comunicação*. 2. ed. Bauru, SP: Cá Entre Nós, 2007.

BUSATTO, Cléo. *A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CACCIOLARI, Neide Aparecida; MATSUDA, Alice Atsuko Matsuda. A importância da contação de histórias para o futuro da leitura literária no século XXI: cibercultura, literatura, escola e novas tecnologias: uma ponte necessária. *Diálogo e interação*, v. 2, 2009.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Lendas brasileiras*. São Paulo: Global, 2003.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura Oral no Brasil*. São Paulo: Global, 2006.

CASTELLS, Manuel. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede: a era da*

Informação: Economia, sociedade e Cultura. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

CERVERÓ, Aurora Cuevas. et al. Instrumentos de aplicação do modelo IDEIAS. In: CERVERÓ, Aurora Cuevas; SIMEÃO, Elmira. *Alfabetização informacional e inclusão digital: modelo de infoinclusão social*. Brasília: Thesaurus, 2011. p. 111-120.

DAVENPORT, Thomas Hayes. *Ecologia da informação: por que só a tecnologia não basta para o sucesso na Era da Informação*. São Paulo: Futura, 1998.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Competência Informacional: análise evolucionária das tendências da pesquisa e produtividade científica em âmbito mundial. *Informação & Informação*, Londrina, v. 15, n. 2, p. 1-22, dez. 2010.

FERNANDES, Ciane. *O Corpo em Movimento: O Sistema Laban/Bartenieff na Formação e Pesquisa em Artes Cênicas*. São Paulo: Annablume, 2006. 400 p.

FLECK, Felícia de Oliveira. O contador de histórias: uma nova profissão? *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Florianópolis, n. 23, 1º sem. 2007.

GARCÍA-MORENO, Maria Antonia. As tecnologias da informação e comunicação no contexto da alfabetização digital e informacional. In: CERVERÓ, Aurora Cuevas; SIMEÃO, Elmira. *Alfabetização informacional e inclusão digital: modelo de infoinclusão social*. Brasília, DF: Thesaurus, 2011. p. 39-53.

GERLIN, Meri Nadia Marques; SIMEÃO, Elmira Luzia Melo Soares. *Modelo de rede colaborativa baseado nas competências em informação e narrativa*. Brasília: Faculdade

de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, 2018.

GIORDANO, Alessandra. A arte de contar de histórias e o conto de tradição oral em práticas educativas. *Construção Psicopedagógica*, v. 21, n. 22, p. 26-45, 2013.

HUECK, Karin. *O lado sombrio dos contos de fadas*. São Paulo: Abril, 2016. .

LÉVY, Pierre. *O que é virtual?* São Paulo: Editora 34, 2011. 160p.

LÓPEZ, Pedro López; SAMEK, Toni. Inclusão digital: um novo direito humano. In: CERVERÓ, Aurora Cuevas; SIMEÃO, Elmira. *Alfabetização informacional e inclusão digital: modelo de infoinclusão social*. Brasília: Thesaurus, 2011. p. 21-37.

MATOS, Gislayne Avelar. *A palavra do contador de histórias: sua dimensão educativa na contemporaneidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

NKAMA, Boniface Ofogo. Arte de contar histórias na África: entre o mito a ponte e a realidade – A formação do contador de histórias na África. In: GOMES, Lenice; MORAES, Fabiano (Orgs.). *A arte de encantar: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares*. São Paulo: Cortez, 2012. p. 247-267.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SIMEÃO, Elmira Luzia Melo Soares. *Comunicação extensiva e informação em rede*. Brasília: UnB, DCID, 2006.

TFOUNI, Leda Verdiani. *Letramento e alfabetização*. SP: Cortez, 2010.

UGARTE, David. *O poder das redes: manual ilustrado para pessoas, organizações e empresas, chamadas a praticar o ciberativismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

CAPÍTULO 7

PERSPECTIVAS FUTURAS – A TÍTULO DE CONCLUSÃO

Daniela Spudeit

Elisa C. D. Correa

Elizete Vieira Vitorino

Apesar de recente, a caminhada teórica e prática da competência em informação no Brasil pode ser considerada bastante produtiva e frutífera, em especial, nos ambientes acadêmicos. Ao longo desses vinte e poucos anos, as sementes desse movimento criaram raízes e galhos que se estenderam pelo fértil terreno da Ciência da Informação (CI) e da Biblioteconomia, gerando frutos por meio de disciplinas ofertadas em cursos de graduação e de pós-graduação, pesquisas, publicações de artigos e livros e experiências práticas advindas, ora da atuação de profissionais em diferentes unidades de informação, ora promovidas por projetos de extensão universitária.

Assim, a promoção de atividades e pesquisas voltadas ao desenvolvimento de habilidades para o acesso e uso da informação conquistou espaços na CI, envolvendo estudos e atores sob diferentes aspectos sociais, políticos, econômicos e tecnológicos.

Ao longo desse período, a sociedade passou por transformações e, nos dias atuais, são grandes os desafios que se sobrepõem à tarefa de construir uma sociedade

competente em informação. Se, por um lado, vivemos em uma época de abundância informacional e relativa facilidade de acesso, por outro, somos constantemente desafiados a desenvolver habilidades específicas tanto para a aprendizagem de diferentes ferramentas digitais, quanto para checagem de fatos.

A aprendizagem ao longo da vida, pressuposto básico para a formação da competência, caracteriza-se atualmente pela celeridade e multiplicidade de saberes exigidos constantemente dos cidadãos do século XXI. Os conhecimentos, habilidades e atitudes que compõem o conjunto que forma uma pessoa competente em informação envolvem técnicas, equipamentos, procedimentos e rotinas que precisam ser assimiladas quase que diariamente.

No entanto, um dos maiores desafios enfrentados para o estabelecimento da competência em informação na sociedade atual não reside no aprendizado para o uso de dispositivos digitais e, portanto, não é apenas técnico. Embora permaneçam pertinentes os esforços para o desenvolvimento de habilidades técnicas, esse desafio deverá estar acompanhado de outros que talvez sejam mais prementes hoje e num futuro não muito distante.

Isso porque, a cada dia que passa, percebemos uma diminuição (quase uma ausência) do pensamento crítico, da empatia, da solidariedade e do comportamento ético relacionados ao uso e compartilhamento de informações, em especial, nas diferentes mídias sociais.

Muito se fala atualmente no combate a *fake news* e

profissionais que atuam nessa frente de batalha procuram orientar a população indicando técnicas para o reconhecimento de notícias falsas. Isto auxilia muitas pessoas que, por ingenuidade ou ignorância, “caem” com facilidade nessas armadilhas.

O maior desafio, porém, recai sobre o poder que a pós-verdade tem nesse processo danoso marcado pelo uso anti-ético da informação. A motivação para acreditar na veracidade inexistente de uma notícia falsa e, na sequência, para compartilhá-la entre seus pares, advém da sobreposição de crenças e sentimentos individuais capazes de solapar os fatos e evidências de um determinado evento ou informação. Essas características tornam a pós-verdade um dos principais vetores de disseminação de notícias enganosas, fenômeno abundantemente vivenciado na sociedade atual.

Para virar essa mesa, é preciso atuar mais fortemente nas questões éticas que envolvem os processos de competência em informação e esse talvez seja um dos maiores desafios da área para hoje e para um futuro bem próximo. A dimensão ética da competência em informação vem justamente para mostrar a importância de postura ética para atuar na esfera sociopolítica, pois exige levar em conta as consequências previstas de uma ação política.

Na sociedade atual, desenvolver um comportamento ético em relação à informação se relaciona ao uso de forma responsável e consciente da informação, sob a perspectiva da realização do bem comum, ou seja, inclui questões como combate a desinformação, propriedade intelectual, direitos autorais, acesso à informação e preservação da memória, etc.

No entanto, existe outra frente urgentemente necessária para a competência em informação: a sociedade deste início de século 21 parece ter dado uma guinada em marcha ré (em altíssima velocidade) no que diz respeito aos direitos humanos. Verifica-se, nos últimos anos (em especial no Brasil), um aumento das desigualdades econômicas e sociais, um retorno à violência e ao desrespeito a questões como o racismo e a homofobia, bem como o aumento das estatísticas de violência às mulheres e crianças.

Nessas frentes, ressalta-se o desafio político da competência em informação. É preciso que a informação, quanto aos direitos das pessoas, esteja disponível e seja acessível e compreensível a toda população, em todas as esferas. É necessário que os profissionais que atuam no desenvolvimento da competência em informação nas pessoas, alcancem aqueles que estão à margem dos processos informacionais, seja por questões econômicas ou sociais: os chamados grupos vulneráveis.

Talvez esteja aí uma perspectiva futura útil à sociedade e que a competência em informação, se bem desenvolvida nas pessoas, pode trazer respostas aos desafios. Minorias sociais precisam ser cada vez mais atendidas por ações de desenvolvimento desta metacompetência.

A dimensão política da competência em informação como perspectiva futura se relaciona ao desenvolvimento das sociedades democráticas aliado ao crescimento acelerado da oferta de produtos informacionais. Nesse sentido, o governo em todas as esferas seja federal, estadual ou municipal precisa criar e incentivar programas voltados ao desenvolvimento da

competência em informação de seus cidadãos, visando à sua participação nas decisões e nas transformações referentes à vida social, ou seja, ao exercício de sua cidadania.

Caberia também atuar em campanhas de conscientização social para combate à pobreza, ao machismo e racismo estruturais, para proteção a crianças e adolescentes, para proteção também do meio ambiente e para a divulgação ampla dos direitos humanos. Estabelecer parcerias com educadores, instituições de ensino (em todos os níveis), organizações governamentais e não governamentais, enfim, mobilizar politicamente diferentes atores para o desenvolvimento de habilidades para a busca, compreensão e uso de informações que possibilitem uma vida mais digna diante dos retrocessos sofridos nos últimos anos.

Considera-se que a dimensão estética também precisa ser ressaltada, uma vez que a sensibilidade e a cultura poderão estender a visão de mundo que possibilitará frear o movimento retrógrado que também segue crescendo nos dias atuais. O profissional da informação que se dedica ao desenvolvimento da competência em informação sabe o mal causado pela censura de livros, filmes, peças de teatro e outras expressões artísticas, pois trata-se de uma repressão à liberdade de expressão cultural. A democracia que temos hoje está em risco diante do ressurgimento de uma ditadura cultural. É preciso estar atento.

São inúmeras as possibilidades para uma competência em informação socialmente relevante num futuro próximo. Sabemos que suas dimensões permitem um amplo espectro de ações em diferentes caminhos e sentidos e que, entrelaçadas,

podem ajudar a construir uma sociedade composta por cidadãos competentes técnica, ética, política e esteticamente.

Sabemos também que ao desenvolver a competência em informação, será cada vez mais possível minimizar a vulnerabilidade social e todos os prejuízos causados pela vulnerabilidade em informação. É para as pessoas comuns que os programas de desenvolvimento da competência em informação devem se voltar: são as perspectivas futuras que julgamos necessárias.

SOBRE AS AUTORAS

DANIELA SPUDEIT

Professora no curso de graduação em Biblioteconomia e no Programa de Pós-Graduação de Gestão da Informação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Cursa doutorado em Ciência da Informação na Universidade Federal de Santa Catarina onde também participa do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Competência em Informação (GPCIn) da Universidade Federal de Santa Catarina desenvolvendo pesquisas ligadas à Competência em Informação. *E-mail:* danielaspudeit@gmail.com

DJULI MACHADO DE LUCCA

Professora Efetiva do Departamento de Ciência da Informação da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Doutora em Ciência da Informação do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PGCIn) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) (2019). Mestre em Ciência da Informação (2015) e Bacharel em Biblioteconomia (2012) pela mesma instituição. Desenvolve pesquisas relacionadas à dimensão política da competência em informação. Líder e fundadora do Grupo de Pesquisa Competência em Informação e Mediação (GCInMe), vinculado à UNIR, e Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Competência em Informação (GPCIn), vinculado à UFSC. *E-mail:* djuli@unir.br

ELISA C. D. CORREA

Professora do Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação da Universidade do Estado de Santa Catarina, ministrando as seguintes disciplinas no Mestrado Profissional em Gestão de Unidades de Informação: Fundamentos de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Contexto Informacional Contemporâneo e Competência em Informação para a Gestão de Unidades de Informação. *E-mail:* elisacorrea61@gmail.com

ELIZETE VIEIRA VITORINO

Bolsista Produtividade CNPq, Nível 2, Processo: 308821/2019-0, a partir de março de 2020. Pós-doutora pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (UP), Portugal (2016). Doutora em Engenharia de Produção (2004) e Mestre em Engenharia de Produção (1996) pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bacharel em Biblioteconomia pela UFSC (1991). Professora do Departamento de Ciência da Informação (CIN) da UFSC com atuação nos Cursos de Biblioteconomia, Arquivologia e Ciência da Informação. Desde o ano de 2006 dedica-se, além do ensino, extensão e administração na UFSC, à pesquisa na área da competência em informação (information literacy). É Professora Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PGCIN), em nível de mestrado e doutorado, cujas disciplinas e orientações se desenvolvem na área da competência em informação. É fundadora e líder do Grupo de Pesquisa GPCIn – Competência em Informação, cadastrado no CNPq e certificado pela UFSC

desde o ano de 2006. *E-mail*: elizete.vitorino@ufsc.br

ELMIRA LUZIA MELO SOARES SIMEÃO

Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (UnB), com mestrado em Comunicação e Cultura na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Como professora na graduação em Biblioteconomia e no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Ciência da Informação (FCI) da UnB, tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Publicações Eletrônicas e Editoração, atuando principalmente nos seguintes temas de pesquisa: tecnologia da informação, editoração, comunicação, ciência da informação, informação e saúde, comunicação extensiva, competência em Informação e inclusão digital. Representante da UnB no convênio com a Universidad Complutense de Madrid (UCM) e lidera com a professora Regina Belluzzo o grupo de Pesquisa Competência em Informação e Populações Vulneráveis certificado pelo Conselho Nacional de Pesquisa do Ministério de Ciência e Tecnologia (CNPq). *E-mail*: elmirasimeao@gmail.com

MERI NADIA MARQUES GERLIN

Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (UnB), mestre em Educação e bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Professora Adjunta do Departamento de

Biblioteconomia do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas (CCJE) da UFES, desenvolvendo, por conseguinte, atividades no campo da informação, educação e cultura. Líder do grupo de pesquisa "Competência leitora e competência em informação" certificado pelo CNPq e coordenadora do projeto extensionista "Informação e cultura" registrado na Pró-Reitoria de Extensão da UFES. Trabalhando com atividades relacionadas com os campos do ensino, da pesquisa e da extensão universitária, intercambiando temas no âmbito da ação cultural, do multiculturalismo, do serviço de referência, da competência narrativa, da competência leitora, da competência em informação e tecnologias de informação e comunicação. E-mail: merinadia@hotmail.com

REGINA CELIA BAPTISTA BELLUZZO

Docente permanente dos Programas de pós-graduação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho: Ciência da Informação (Marília-SP) junto à Linha de Pesquisa Gestão, Mediação e Uso da Informação; e Mídia e Tecnologia (Bauru-SP) na Linha de Pesquisa Gestão Midiática e Tecnológica). *E-mail: rbelluzzo@gmail.com*